

SANTO ANTÔNIO DE LISBOA:
O PESCADOR TECENDO A SUA PRÓPRIA REDE

Dirce Maria Martinello

NOVEMBRO/92
FLORIANÓPOLIS - SC

BIBLIOTECA SETORIAL
CENTRO CIENCIAS EDUCAÇÃO
CED - UFSC

Dedico à Débora, com o meu profundo
respeito.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

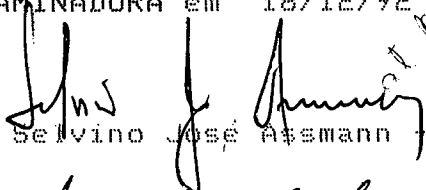
BIBLIOTECA SETORIAL
CENTRO CIÊNCIAS EDUCAÇÃO
CED - UFSC

SANTO ANTÔNIO DE LISBOA: O PESCADOR

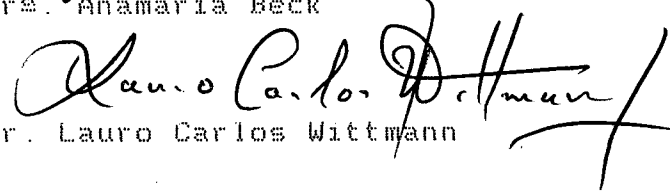
TECENDO SUA PRÓPRIA REDE

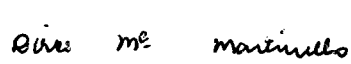
Dissertação submetida ao Colegiado
do Curso de Mestrado em Educação do
Centro de Ciências da Educação em
cumprimento parcial para a obtenção
do título de Mestre em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 18/12/92


Prof. Dr. Selvino José Assmann - Orientador


Prof.ª Dr.ª Anamaria Beck


Prof. Dr. Lauro Carlos Wittmann


Dirce Maria Martinello

Florianópolis, Santa Catarina

dezembro, 1992.

AGRADECIMENTOS

Ao Orlando pelo seu companheirismo, apoio e desprendimento.

Ao professor Selvino pelo trabalho de orientação e pela aposta no meu crescimento.

Aos colegas de turma, professores e funcionários do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Ao professor Carlos Eduardo pelo apoio técnico, com profunda gratidão, pela paciência e esmero com que me fez transpor as dificuldades.

À Marli pelas confidências e pela grandeza de pessoa.

À Márcia por sua constante presença e cuidado.

Aos moradores e pescadores de Santo Antônio com os quais mantivemos constante contato e que, agora, surgem como protagonistas indispensáveis neste estudo.

Aos indivíduos do Condomínio de Pesca e Maricultura Baía Norte por suas valiosas informações e por seu compromisso com uma forma de vida digna que possibilita a conciliação entre o mundo moderno e o pescador artesanal.

INDICE

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 - NA ILHA DE SANTA CATARINA, A FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES	
1 - A história do açoriano na terra nova.....	17
2 - A influência da igreja na história de Santo António.....	33
3 - A festa do divino.....	43
4 - Cantigas e brincadeiras.....	49
4.1 - Folia de reis.....	49
4.2 - Pau-de-fita.....	50
4.3 - Ratceira.....	51
4.4 - Pão-por-Deus.....	51
4.5 - Boi-de-Mamão.....	52
4.6 - A farra do boi.....	56
5 - A arte de tear rendas.....	60
CAPÍTULO 2 - O UNIVERSO DO PESCADOR ARTESANAL	
1 - Caracterização do pescador artesanal.....	67
2 - A constituição das famílias.....	77
3 - A sociabilidade do pescador artesanal.....	87

4 - Para além do valor económico da pesca.....	95
5 - O homem e o mar.....	108
6 - Entre o real e o imaginário.....	115

CAPÍTULO 3 - O PESCADOR ARTESANAL DIANTE DA MODERNIDADE

1 - O grupo de artistas de Santo António.....	130
2 - Experiências coletivas de Santo António de Lisboa.....	137
3 - Projetos alternativos na área da pesca.....	150
4 - O cultivo de ostras em Santo António.....	163

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
---------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA.....	181
-------------------	-----

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo neste trabalho de dissertação será o de retratar uma comunidade predominantemente de pescadores artesanais, a de Santo Antônio de Lisboa, que se situa na parte norte da Ilha de Santa Catarina. Para tanto, desenvolvemos um processo de pesquisa que nos manteve em contato com a vida cotidiana das pessoas que ali habitam, das quais obtivemos muitos elementos que aqui aparecem e norteiam este estudo.

Embora não se torne objeto de nosso estudo, partimos das seguintes definições gerais: comunidade é "uma unidade estruturada, organizada, de grupos, disposta de uma hierarquia homogênea de valores e à qual o indivíduo pertence necessariamente; essa necessidade pode decorrer do fato de se estar lançado nela ao nascer, caso em que a comunidade promove posteriormente a formação da individualidade, ou de uma escolha relativamente autônoma do indivíduo já desenvolvido" (HELLER, 1985:71).

Quanto à vida cotidiana, "é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias" (ibid:71).

Embora não nos interesse investigar, no contexto da história da comunidade, a materialidade da relação entre o assistente social e a população, temos consciência de que, sendo a nossa formação no serviço social, temos como pano de fundo um debate em torno do papel deste profissional. O assistente social sempre teve dificuldades para enfrentar contradições sociais, o que também advém do fato de ele ter sido criado para sobretudo abafar os conflitos. Esse caráter assistencialista e/ou populista não só impede a contribuição deste profissional para a transformação social, tornando-o um agente paliativo, muitas vezes sufocando manifestações comunitárias embrionárias de mudanças, mas também dirige a sua análise de situações concretas isolando aquelas pessoas com que o assistente social vai trabalhar (em geral denominadas "carentes") do resto da sociedade. Por isso, o assistente social, em geral, era, e ainda é, alguém que ia trabalhar em prol dos "carentes", e não com eles. Não se trata - pensamos - de manter esta atitude teórica-prática, nem de pensar que seja possível continuar sendo assistente social sem viver constantemente o drama da pergunta pelo rumo geral que deva tomar a sociedade. No fundo pergunta-se pelo próprio sentido da existência do assistente social. Mas - como dizemos - não é este o propósito deste trabalho ^{de} mestrado em Educação.

Ao estabelecermos como meta inicial, de acordo com o projeto proposto, identificar "o saber historicamente acumulado no cotidiano dos pescadores artesanais de Santo Antônio de Lisboa", tínhamos em mente verificar o seu suporte cognitivo enquanto fundamento de uma postura existencial que lhes permitisse garantir

autonomia e segurança para estabelecer uma relação de maior liberdade com a natureza e com a sociedade em geral diante das inovações apresentadas pelo mundo moderno.

Salientamos, porém, que, embora seja importante, não nos interessará discutir se tal ou qual autor nos serve mais ou menos para darmos conta do objeto de estudo, nem entraremos no debate teórico sobre o método, sobre a cientificidade maior ou menor que poderemos alcançar com a realização de uma tarefa.

Para realizarmos a tarefa, tendo a formação de assistente social, além de nos familiarizarmos com a produção teórica existente, convivemos por um período de aproximadamente 18 meses com pescadores, intermediários, líderes comunitários, artesãos, artistas plásticos, intelectuais, crianças, mulheres, que, muitas vezes, embora não sendo parte constante da vida da pesca artesanal, no entanto, pertencem à comunidade de Santo Antônio de Lisboa.

Com tal propósito, nosso estudo desenrolou-se através de observações, visitas, reuniões, entrevistas, conversas à beira-mar, encontros nas vendas e nos bares locais, observação do trabalho de pesca, passeios de carro para conhecer os lugares onde ocorreram os fatos, conversas com pessoas não nativas ligadas à comunidade, participação nos jogos e festejos como a Festa do Divino, enfim de uma constante presença junto à atividade que ali ocorre.

Para a efetivação de nossos objetivos, não ousamos partir de uma única metodologia crítico-científico de caráter formal, pois, o principal desejo é o de fornecer elementos para a compreensão da existência dos pescadores artesanais de Santo Antônio. Desta forma, procuramos seguir um trajeto que nos permitisse retratar, de

maneira simples, o ritmo de vida de uma comunidade com uma longa história, preferindo isso a enquadrar a riqueza de detalhes num esquema previamente construído. Tudo isso com a consciência de que se há de evitar toda e qualquer leitura reducionista, unidimensional, pois sabemos que o real sempre é resultado de "múltiplas determinações".

Queremos descrever a prática cotidiana desta comunidade, que envolve indivíduos e suas relações mútuas sob diversas dimensões: econômica, social, política e religiosa, mística e mágica. Assim, entendemos que o coletivo do pescador artesanal não pode ser compreendido enquanto simples produto de um projeto racional, mas passa também por elementos sentimentais-emotivos, líricos e criativos... E esta consciência entre razão e coração, consciência e intuição que procuraremos mostrar, objetivando resgatar e resguardar os elementos que compõem os aspectos espirituais presentes na religiosidade e na crença.

A justificativa para tal opção descritiva fundamenta-se, primeiramente, no fato de que esta nos pareceu ser a forma adequada de retratar a cultura que norteia a vida de um pescador artesanal, da forma mais autêntica possível, cultura esta que sobrevive com base no conhecimento herdado das gerações passadas, através do qual o indivíduo consegue projetar-se para o futuro habilitando-o a lidar com questões advindas da modernidade; falamos aqui, por exemplo, das inovações tecnológicas na atividade pesqueira, sem que, com isso, o pescador tenha que abandonar de modo completo a cultura tradicional. Descrever o que observamos torna-se assim a melhor maneira para traçar o perfil do meio-físico, do homem, da

espiritualidade, da sociabilidade, da vida produtiva e também da moldagem diante do novo.

Por outro lado, a opção descritiva justifica-se enquanto forma capaz de conservar e reproduzir o valor espontâneo dos depoimentos, que ficam, assim, protegidos, em sua riqueza, da fácil "visão crítica" imposta por critérios "racionais" ou "científicos" que os contemple enquanto simples objetos de pesquisa e não "ingredientes essenciais" de uma prática emotiva e criativa que se encontra na postura do dia-a-dia de um núcleo de pessoas. Como lembra Maffesoli, a vida cotidiana, "bem além das diversas racionalizações e legitimações que conhecemos, é moldada por afetos, sentimentos mal definidos" (1988:256), sem reducionismos de leis econômicas ou teorizações científicas pré-moldadas. (cf. *ibid.*:30)

Quando falamos de "cultura", entendemo-la segundo a definição de Habermas:

"Estoque de saber da comunidade que contém os conteúdos semânticos de tradição onde os indivíduos se abastecem dos modelos de interpretação necessários ao convívio social" (1989:23).

O convívio social pode ser interpretado sob uma perspectiva onde:

"o ideal do conhecimento cotidiano não é nem a certeza, nem mesmo a probabilidade no sentido matemático, senão somente a verossimilhança" (A. SCHUTZ, apud MAFFESOLI, 1989:208).

Este modo de conhecimento com base na verossimilhança aproxima-se das

"múltiplas trocas, simultâneas e recíprocas, de situações existenciais, da rapsódia do discurso ocular ou do espetáculo multicolorido de nossas cidades" (*ibid.*).

Desta forma, muito de nosso trabalho focalizará um conhecimento empírico cotidiano que não pode ser dispensado. Estes "saber-fazer", "saber-dizer" e "saber-viver", contam a história e constituem um dado cuja riqueza não podemos esquecer ou diminuir.

Diante deste quadro, que nos servirá de base para a elaboração do presente estudo, procuraremos nos aproximar de uma melhor compreensão daquilo que possa se compreender como questão da emancipação humana, do esclarecimento, do conhecimento, do saber, da razão e da paixão de indivíduos que vivem na comunidade de Santo Antônio.

Para tanto, no capítulo primeiro, iremos apresentar uma breve descrição da Freguesia Nossa Senhora das Necessidades, atualmente Santo Antônio de Lisboa, onde também se instalaram colonizadores açorianos que chegaram a Santa Catarina em meados do século XVIII. Esta abordagem é complexa, uma vez que as opiniões entre os historiadores são divergentes; muitas vezes, o açoriano é tratado como indolente, incapaz para o trabalho, o que não condiz com a posição que pretendemos sugerir; além disso, uma visão carregada de menosprezo pelo açoriano na Ilha de Santa Catarina é contada de forma muito fragmentada, o que nos leva a procurar apresentar conjuntamente suas características culturais.

No segundo capítulo, traçaremos o universo do pescador artesanal, onde se colocam as suas tipicalidades, o seu modo de ser, de viver, de "saber-fazer". Situa-se aqui o pescador como indivíduo, sua relação familiar e a sua presença na coletividade. Também descreveremos o relacionamento entre o homem e o mar, a vida produtiva, e, concomitante a isso, consideraremos as questões que

passam pelo imaginário e que fazem parte do universo cognitivo do pescador.

No capítulo terceiro, apresentaremos a relação entre o "velho" e o "novo", onde procuraremos traçar um confronto de paradigmas, entre a conservação e a evolução. A conservação passa pela conscientização dos significados que a tradição cultural açoriana vivencia nesta comunidade, ao mesmo tempo em que recebe a influência da sociedade moderna. A evolução ocorre na medida em que há mudanças nos comportamentos, na atividade produtiva: através dos meios de comunicação de massa, da urbanização, da presença do turista e das inovações tecnológicas, os homens necessariamente transcendem um modo anterior de pensar e agir. Por modernização, utilizamos o conceito de Maldonado, que se refere exclusivamente ao campo da pesca:

"entende-se aqui não apenas as inovações tecnológicas, como a introdução de novos materiais para a feitura do instrumental utilizado na pesca ou a motorização dos botes, mas também outras mudanças de natureza social ou simbólica, como o assalariamento e o cooperativismo, que incidem sobre disposições mais profundas: por exemplo, noções de tempo e liberdade". (1986:36)

Finalmente, vale observar que não partilhamos da posição ingênua de quem quer que se deva proteger a cultura tradicional de qualquer assédio do chamado "mundo moderno". Aliás, já seria tarde. Mas também não concordamos com quem defende que a inevitável modernização em ato seja em si mesma algo bom para a comunidade.

Sabemos que no trabalho teórico sempre apresentamos categorias que são tipos, cuja verificação no cotidiano concreto nem sempre é fácil. E nem é simples determinar a preponderância de uma tendência

sobre outra, de uma causa sobre outra. Aqui, como em qualquer tentativa de descrever o que ocorreu e o que ocorre numa comunidade humana, nos deparamos com dificuldades, precariedades teóricas e práticas, discussões a nível académico regional, nacional e até internacional, também devido ao radical questionamento de todas as visões de mundo fechadas e conseqüentemente dos métodos seguros, dos projetos políticos, dos modelos de sociedade e de verdade.

CAPÍTULO 1

NA ILHA DE SANTA CATARINA, A FREGUESIA

NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES

1 - A HISTÓRIA DO AÇORIANO NA TERRA NOVA

Para falarmos de Santo Antônio é necessário fazer uma viagem a um tempo que não está muito distante, mas com significativas diferenças em relação aos dias de hoje.

Há suposições de que os primeiros moradores de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio se radicaram nesta área por volta de 1698, apesar de a distribuição desta população ter sido feita, inicialmente, em torno da Vila Nossa Senhora do Desterro e posteriormente em direção às extremidades norte e sul da ilha.

Geograficamente, Santo Antônio situa-se ao norte da Ilha de Santa Catarina, no litoral fronteiro ao continente, ficando facilitado o acesso aos imigrantes açorianos, bem como o intercâmbio com Desterro e com as fortalezas de Ponta Grossa, Rationes e Santa Cruz. A povoação está voltada para o mar, na direção sudeste. O seu traçado urbano reproduz o modelo das vilas portuguesas, constituído por duas ruas principais paralelas ao mar e algumas transversais.

Até 1748, os habitantes da localidade seriam paulistas.

luso-brasileiros e lusitanos¹. O aumento da população deu-se com a imigração açoriana para a Ilha².

Aproximadamente em 1712, os exploradores que aqui chegavam, encontravam índios, negros e europeus fugitivos. Segundo Frézier³, viajante francês que esteve na Ilha em 1712, as pessoas viviam em grande estado de carência de todas as comodidades e faziam trocas com outros visitantes. As trocas geralmente eram de alimentação por vestuários, por serem estes mais difíceis de serem adquiridos devido à falta de dinheiro e, conseqüentemente, da presença do comércio na Ilha. Os que aqui habitavam contentavam-se com um pedaço de pano ou fazenda, uma camisa ou um par de calças. Eram poucos os que usavam meias ou sapatos. Para proteção das pernas, quando entravam no mato, utilizavam-se de um par de

¹Aqui, prendemo-nos à análise de Edy Álvares Cabral de Barros, em sua dissertação de mestrado, *A Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio: 1841 a 1910: a sua transição demográfica*, UFSC, 1979. De acordo com a autora citada, "O início do povoamento da freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio ainda é desconhecido. Há suposições de que os primeiros habitantes se radicavam na área por volta de 1698". (BARROS, 1979: 7) Segundo a mesma autora, sabe-se que "a provisão de 27 de abril de 1750 criou a Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio, na área que mais tarde seria conhecida como Santo Antônio de Lisboa". (Ibid : 7).

²A imigração açoriana que passa a fortalecer o crescimento demográfico em Santo Antônio de Lisboa ocorre, como veremos, a partir de 1748, conforme nos fala Barros (1979 : 9). No entanto, sabemos que os primeiros açorianos aportaram em Santa Catarina já a partir de 1692 e 1723, conforme registro em Osvaldo R. Cabral, *Os Açorianos*, in: *Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense*, 5a. cópia, Florianópolis, (1950 : 8-11).

³cf. Amédée François Frézier, in: *Ilha de Santa Catarina - relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 3. ed, Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1990 pp 18-28. Para maior aprofundamento sobre a história da Ilha de Santa Catarina sugerimos a leitura da obra acima citada, que nos oferece elementos para a caracterização dos primórdios da ocupação deste território.

perneiras de pele de tigre⁴.

Em termos de alimentação, a Ilha proporcionava frutas como limões, limas, bananas, melões, melancias, goiabas em abundância. Outra alternativa era a caça; apesar do difícil acesso, havia pássaros como papagaios, faisões, guarás... Outro visitante, Shelvocke⁵, escreve:

"Aves de cores curiosas e formas estranhas, especialmente uma espécie pouco maior que um tordo, com esporões em cada junta de suas asas. Os flamingos são também vistos em grande número, com sua cor escarlate e uma aparência extremamente linda, quando em voo". (1990:46)

A pesca era muito abundante, havendo diversas espécies de bons peixes e de bons lugares para pescá-los. Nas pedras e nas raízes das árvores à beira da água, havia ostras de cor verde muito deliciosas, além dos mariscos e dos lagostins...

Segundo Shelvocke, a terra desta Ilha é fértil, o ar saudável, a falta é apenas de roupa. Os que aqui residem possuem armas de fogo e as usam com frequência, precisando se defender das onças, cuja presença era notada pelas marcas nas areias das praias.

Em 1714 instala-se na Ilha o sargento-mor Manuel Manso de Avelar, popularmente conhecido por "Emanuel Mansa", e que,

⁴Aqui, por curiosidade, chamamos a atenção do leitor para o fato de que Frézier utiliza-se da expressão "tigre" (Ibid p. 23) para designar a pele de animal usada pelos habitantes da Ilha como perneiras. No entanto, ficamos em dúvida em relação à propriedade do uso de tal termo, por ser sabido que não há tigres, propriamente, em território brasileiro, mas tão somente a onça pintada que aparece citada em outras partes da referida obra.

⁵Jorge Shelvocke. in: Ilha de Santa Catarina - relato de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 3. ed. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1990, pp. 32-49.

posteriormente, veio a residir em Santo Antônio, onde construiu o entreposto. Este sargento-mor, Manoel Manso de Avelar, teve uma filha, Clara Manso Avelar, que fixou residência em Santo Antônio, pessoa sempre respeitada por ser a filha do sargento. "Claramancia", como era carinhosamente chamada, dedicou sua vida à caridade e aos trabalhos da Igreja, chegando a doar cem braças em quadro de terras (48.800 metros quadrados)⁶, para a construção da Igreja Nossa Senhora das Necessidades, que teve o seu início em 1750 e foi concluída em cinco anos.

Mas ainda, no início do século XVIII, o que importava era explorar a terra nova, buscando-se nela encontrar o ouro, a prata e diamantes. Aqui no Sul, buscava-se, especialmente, a pesca da baleia enquanto forma de beneficiar os indivíduos comuns que pudessem trabalhar em troca de seu sustento. Na verdade, porém, o real objetivo da exploração desta atividade econômica era garantir à coroa e aos capitais comerciais portugueses a expansão de sua influência junto à vida dos habitantes da ilha tanto a nível econômico como político.

Como resultado dessa ingerência que se fazia através da cobrança de impostos e da exigência sobre quais espécies de cultivo deveriam ser feitas, era de se pressupor que os habitantes locais acabariam por não aceitar pacificamente a imposição de normas e regulamentos vindos da Coroa, o que fez ver a esta que seria necessária a presença militar na Ilha, que deveria também garantir o domínio português sobre o território diante da ameaça causada

⁶Cf. SOARES, Iaponan. Santo Antônio de Lisboa vida e memória. Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, 1990. pp. 101.

pelas constantes visitas de navios ingleses, franceses, espanhóis... que buscavam conhecer e explorar a terra nova e suas riquezas.

Em 1739, Don José Da Silva Paes, primeiro governante da terra catarinense, com sede no Desterro, já apresentava como sua principal missão, a organização e a defesa da Ilha diante dos invasores. Com base nesta fundamentação, o referido Governador fez construir fortalezas, especialmente na entrada dos canais norte e sul. Daí as Fortalezas de São José da Ponta Grossa, de Santa Cruz de Anhatomirim, Santo Antônio dos Ratoes e Nossa Senhora da Conceição da Barra do Sul.

Desta forma viabiliza-se o processo imigratório. Este assunto foi discutido por Silva, (1990:16), que menciona Mendonça (1972:210), o qual descreve:

"Na Ilha há abundância de excelentes madeiras, (...) peixe e outros frutos da terra. Fortificando-se a Ilha será (...) brevemente povoada... por haver comodidade para se fazerem grandes fazendas com gado, engenhos de farinha e açúcar... Povoando-se esta Ilha (...) se fecha de todo pela costa, o continente que pertence à Coroa de Portugal... Finalmente crescerão as Rendas de sua Majestade com essas povoações porque haverá mais frutos na terra e estabelecer-se-ão contratos...".

Como reflexo desta política, principalmente no momento de recessão por que Portugal passava (metade do século XVIII), o então Governador impulsionou a instauração de monopólios, privilegiando alguns exploradores de ouro, diamantes, escravos, pesca de baleia... Neste mesmo período, os moradores das ilhas dos Açores e da Madeira pediam permissão para emigrar ao novo país, o Brasil, pois o arquipélago estava superpovoado e a miséria tomava conta das

Ilhas pertencentes a Portugal. Esta situação de superpovoação casava-se com duas necessidades: aliviava as ilhas e povoava o Brasil. Assim, em 31 de agosto de 1746, D. João V mandou afixar os editais que abriam as inscrições para os que desejavam transferir-se para o Brasil. O edital prometia ferramentas, sementes, gado, terras e alimentação e uma quantia em dinheiro, além de dispensar do serviço das armas. Isto causou um clima de euforia.

Para se estabelecer nas terras brasileiras eram necessárias longas viagens, organizadas da seguinte forma: para não haver desordens, as mulheres e as crianças eram trancadas num alojamento de dimensões exíguas, fechado a chave, sendo que uma chave ficava em poder do comandante e outra, de posse de um chefe de família designado pelo comandante no começo da viagem.

As mulheres só podiam receber o cirurgião para medicar, o capelão para sacramentar, o marido para falar com a esposa, o filho com a mãe, o irmão com a irmã. As saídas eram apenas para assistir às missas. Foram raríssimas as oportunidades que as mulheres tiveram para sair. Desta forma, a viagem tornava-se uma tortura e muitas mulheres e crianças adoeciam e morriam. Os que resistiam, chegavam em estado deplorável, necessitando de cuidados após terem que enfrentar as infecções cutâneas, a parasitose, as desidratações...

Assim, os sonhos daqueles que apostavam em viver na nova terra começavam a desabar já durante a viagem, e o desenvolvimento e enriquecimento aconteceu para poucos, embora muitos tenham sido os que conseguiram chegar à nova terra. Este foi um assunto muito

discutido por historiadores que partem de considerações distintas: há os que consideram o açoriano sem disposição para o trabalho agrícola; outros dizem que o erro cometido na colonização consistiu na forma de se estabelecer o regime da pequena propriedade, não permitindo, portanto, o desenvolvimento da pecuária. Há, além disso, aqueles que admitem que os açorianos foram grandes agricultores, mas o empobrecimento da terra bem como a desistência e a busca de outras alternativas que garantissem a sobrevivência fizeram com que eles se voltassem para sua atividade de origem, isto é, a pesca artesanal.

Ao nos reportarmos à colonização açoriana no litoral de Santa Catarina, não nos afastamos do objeto de análise, a Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio, pois sabemos que alguns fatos históricos ali se repetiram.

Citamos, por exemplo, que a produção agrícola desta Freguesia, no final do século XVIII era intensa e variada, incluindo farinha, arroz, milho, feijão, fava, trigo, cevada, aguardente, melado, açúcar, algodão, café, vinho...

Outro aspecto a ser considerado na história da Freguesia de Santo Antônio é o fato de muitos colonizadores terem enfrentado a desigualdade na distribuição das terras⁷, além de haver casos de terras que jamais foram distribuídas, fazendo com que tais terrenos permanecessem, posteriormente, sob guarda da marinha. Além da desigualdade, a arquitetura geográfica de Santo Antônio não

⁷Sobre a questão da desigualdade com que foram distribuídos os terrenos aos imigrantes vale uma consulta a Osvaldo Rodrigues Cabral, em seu trabalho Os açorianos, publicado in: Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense, Imprensa Oficial, Florianópolis, 1950, pp. 50-60.

permitiu haver maior evolução da agricultura, pelo fato de estar situada entre morros.

No entanto, ao levantarmos estes diversos aspectos, podemos concluir que a população açoriana foi responsável pela significativa evolução econômica e social que teve a Ilha no decorrer dos séculos XVIII e XIX, ao contrário do que sustentam aqueles historiadores, que consideram o açoriano sem condições para assumir com sucesso o trabalho agrícola. Lembramos também que todo o trabalho desenvolvido pelos colonizadores deu-se através de uma readaptação de valores, a iniciar-se pelo regime alimentar e pelo tipo de trabalho, sem esquecermos perdas de crianças e mulheres durante a viagem. Parece-nos que o que prevaleceu foram a competência e a criatividade, que deram origem a outras alternativas além da agricultura, com ênfase para os trabalhos de pesca e do artesanato.

Esta avaliação pode ser compartilhada com o professor e artista Franklin Cascaes:

"É do fascínio dessas vidas extraordinárias da sabedoria popular que tomam o caminho de férteis pensamentos de seres humanos que um dia aceitaram transferir-se lá de dentro do coração sempre agitado do oceano para virem aqui desbravar o sertão desconhecido das terras desta ilha de Nossa Senhora do Desterro. (...) Quantas vezes, (...) reunidos em casas de parentes e vizinhos, eles aqui comentaram, sentiram e sofreram, mutuamente, as saudades da Pátria distante". (1989:19)

Vale lembrar que no início da colonização os habitantes viviam bastante isolados, pois, as fazendas ficavam distantes uma das outras. As pessoas concentravam-se quando ocorriam as rezas e novenas, que eram semanais, e a celebração das missas mensais. Os encontros religiosos serviam como motivo para os jovens da época se encontrarem. Muitas vezes, em momentos considerados mais especiais, o local era todo enfeitado com bandeirolas e ali aconteciam as danças da ratoeira, o pau-de-fita, animadas por cantigas de terno de reis... Todos participavam dançando e cantando.

Mais tarde, começaram a acontecer os bailes animados pelos gaiteiros e violonistas. Porém, os bailes animados dessa forma só podiam acontecer com a permissão do padre que determinava o horário de início e de término do evento.

Aos domingos, em que casualmente não houvesse reza na igreja, as famílias tinham o costume de fazer visitas umas às outras. Tanto os pais quanto os filhos preparavam-se com as roupas adequadas para visitarem vizinhos, parentes e amigos. Outros motivos de encontro eram as doenças, o nascimento de crianças, a morte ou os casamentos. Visitas que não caracterizavam a cultura açoriana, mas qualquer comunidade daquele tempo, pois era esta a maneira de se criarem os círculos de amizade da família e de cultivarem as relações com os parentes.

A frequência dos encontros foi fundamental para garantir uma unidade de grupo, também ocasionando a manutenção e o cultivo da fé religiosa, favorecendo assim a participação na realização de festas, como as Festas de Santo Antônio e do Divino Espírito Santo.

De qualquer maneira, uma mostra constante que podemos observar na colonização é a de que os açorianos foram desbravadores que investiram a sua vida através do trabalho em busca de uma estabilidade que lhes propiciasse uma certa redenção que recompensasse a ausência de sua terra de origem - os Açores. No entanto, tiveram que enfrentar uma política que sempre lhes foi desfavorável e até mesmo arbitrária, fazendo com que seu potencial de desenvolvimento econômico fosse fanado pelos interesses da coroa portuguesa.

Dessa maneira, já com a implantação da política do Marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII, logo após a criação da freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio, estabelecia-se o papel subalterno das colônias, objetivando solucionar os problemas econômicos da corte portuguesa, política esta, aliás, que caracterizou todo o período colonial.

Para os imigrantes açorianos instalados em Santo Antônio, bem como no resto da ilha, isto implicava num processo de prática econômica voltada para a importação de produtos manufaturados europeus e exportação dos produtos oriundos, principalmente, das atividades agrícola e pesqueira.

Para se ter uma idéia da arbitrariedade portuguesa, devemos lembrar que a preocupação com a ocupação e manutenção dos territórios conquistados ligava-se também à preocupação com a manutenção de um monopólio comercial que impossibilitava aos

colonos negociar com plena liberdade⁸.

Procurando ilustrar esta relação entre domínio político-militar, que surgia enquanto forma de assegurar a conquista territorial, e domínio sócio-econômico, que se impingia sobre os imigrantes enquanto forma de assegurar vantagens comerciais para Portugal, valemo-nos dos estudos de Silva (1990: 27), que assim avalia a questão:

"Concretizava-se, desta maneira, a realização do projeto político para ocupação do litoral catarinense, onde se associou o caráter político-militar ao caráter sócio-econômico: uma pequena produção mercantil assegurou a posse efetiva da terra, colocando-se como possibilidade para compor parte da força de trabalho no interior da manufatura baleeira. Esta, por sua vez, valia-se de um modo de produção escravista e tinha por finalidade alimentar o Estado e os capitais mercantis portugueses".

Deduz-se daí que a atividade econômica desenvolvida pelos imigrantes açorianos ou era de cunho eminentemente de subsistência, ou passava pelo controle da corte quanto ao que devesse ser produzido e para que fim, já que qualquer tentativa de expansão no sentido de manufaturar em maior escala os produtos agrícolas era impedida pelo governo português⁹.

⁸É nesta época que se solidificava o monopólio da pesca da baleia, prática extremamente rentável, principalmente a produção do óleo que era intermediado de forma a atender às necessidades da coroa portuguesa.

⁹Aqui, vale a leitura de Raimundo Caruso (Org): **Franklin Cascaes - vida e arte - e a colonização açoriana**, 2^a ed. Florianópolis, UFSC, 1989, onde, através de depoimentos do saudoso professor e artista que tão profundamente reconheceu o valor e o sofrimento dos colonizadores açorianos, podemos avaliar melhor o que foi a exploração econômica de Portugal sobre aqueles que viviam na nova terra.

Também, para maior aprofundamento sobre a pesca da baleia em geral sugerimos a leitura da dissertação de Célia Maria Silva - **Ganchos (SC), ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira**, UFSC, 1990.

Segundo informações de Cabral, no final do século XVIII, (1778), a coroa portuguesa proibiu

"os teares caseiros que beneficiavam o algodão e o linho, preparando na terra da sua produção, o pano bruto e barato para o consumo geral (...). Outros fatores que contribuíram para a decadência da produção agrícola foram, ainda, a baixa cotação dos produtos não manufaturados (...). Quando não se chegava ao extremo do calote, ia-se ao da demora nos pagamentos e isto fez com que a Fazenda Real perdesse o crédito. O temor das requisições, o da falta ou demora nos pagamentos, constituíram fatores de desânimo para os colonos". (1950: 76)

Apesar de tudo, de acordo com a política de Portugal, Santo Antônio desenvolvia-se e adquiria importância cada vez maior, no conjunto das Freguesias, destacando-se inclusive pela presença de um entreposto localizado na praia denominada Aguada em Sambaqui.

Já na metade do século XVIII, aproximadamente 1760, as comunidades atualmente denominadas Ratoles, Barra do Sambaqui, Pontal, Jurerê, Vargem Grande, Vargem Pequena, Canasvieiras, Ingleses, Rio Vermelho, utilizavam o porto para o escoamento de sua produção agrícola e pesqueira. Além de escoar a produção da região, o porto recebia produtos, e era o ponto de referência da ilha, ao mesmo tempo em que representava sua defesa e segurança. Todos os indivíduos, de maneira geral, participam do movimento portuário. Assim, a vida de um porto torna-se espetáculo envolvendo as pessoas que residem próximas e aquelas que são atraídas para sua proximidade, quer seja para realizar negócios ou simplesmente observar o movimento.

Diante da impossibilidade do exercício de uma atividade econômica em grande escala e, ao mesmo tempo, livre da ingerência da política portuguesa, o imigrante açoriano acaba por voltar-se para a pequena atividade produtiva. Segundo Cabral (1950: 73) por volta do início do século XIX, o colonizador açoriano em Santa Catarina mantinha o cultivo de frutas, legumes, além de também possuir algumas cabeças de gado, ao redor de sua casa, garantindo, assim, seu sustento.

Segundo Soares (1990: 24), citando a "Corografia Brasília", do Padre Aires de Casal, publicada em 1817, a comunidade de Santo Antônio era, então, retratada como uma povoação cujos habitantes tinham por hábito o cultivo da cana-de-açúcar, da mandioca, do milho, de algum linho e de uma diversidade de hortaliças.

Em 1845 o Imperador Dom Pedro II visita Desterro e fazendo juz à importância do entreposto de Santo Antônio de Lisboa, ali também esteve, já que, nesta época, tal freguesia destacava-se dentre todas as outras existentes na ilha.

Segundo Soares (1990: 25-26), citando, entre outros Manoel Joaquim de Almeida Coelho e Carlos Humberto Corrêa, Santo Antônio era, nesta época "maior do que todas as outras freguesias". Frequentemente havia ali fundeados "navios mercantes e de guerra, nacionais e estrangeiros". A produção agrícola de todo o norte da ilha escoava-se através deste entreposto que era, assim, extremamente fértil dentro do aspecto sócio-econômico.

Desta forma, Santo Antônio desfrutava de uma situação bastante privilegiada, pela presença do porto que se tornou decisivo para o baldeamento da produção local e vizinha rumo ao Desterro e

outros centros¹⁰. Também, o entreposto de Santo Antônio tornou-se escoadouro dos produtos não produzidos na região. Boa parte destas mercadorias passou a ser comercializada ali, exigindo, assim, a abertura de casas comerciais específicas de acordo com seus produtos. Dá-se, então, o apogeu econômico da comunidade de Santo Antônio, que perdura até o final do século XIX.

O declínio da economia de Santo Antônio passa a ocorrer já no início do século XX, quando novas opções de transporte acabam por diminuir a importância do porto, além de que o crescimento de Desterro inaugura um novo pólo econômico, deixando para Santo Antônio o papel secundário de simples produtor de uma agricultura, pecuária e pesca de subsistência.

Eis o depoimento de um morador que reside em Santo Antônio de Lisboa desde 1922:

"Quando eu cheguei em Santo Antonio de Lisboa ele estava num declínio tremendo, já vinha de muitos anos atrás caindo. Nesta época os que moravam aqui eram pescadores ou pequenos lavradores. Aqui não há espaço para grandes lavouras. Então os indivíduos tinham que viver com mini-lavouras, mini-pecuárias e a pesca artesanal. Assim começou a tendência da saída de Santo Antônio para a cidade, na busca de novos empregos. Além de que muitos venderam suas propriedades e partiram para a vila".

Assim, este processo de decadência atinge seu ápice a partir da construção da estrada geral ligando o norte da ilha à cidade de Florianópolis, - no período do Estado Novo - o que fez com que, definitivamente, as pessoas deixassem de fazer o transporte de

¹⁰ Aqui, vale ressaltar que as condições de acesso, neste período, por via terrestre, mesmo na ilha, eram precárias, o que fazia com que toda a mobilização tanto dos indivíduos como dos produtos comerciais fosse feita através de embarcações marítimas.

barco e passassem a utilizar-se dos cavalos, das aranhas e carroças. Já em 1945, surgia a primeira linha de ônibus, vinda de Canasvieiras e com passagem obrigatória pelo centro de Santo Antônio. Com o passar do tempo e para atender as necessidades da população, intensificaram-se os horários, pois muitos já necessitavam deste meio de transporte para trabalhar no centro da cidade, desempenhando as funções de soldado, balconista, funcionário público, e outras.

O convívio com a cidade começa a interferir na vida da comunidade de Santo Antônio, com o exercício das novas tarefas de trabalho gerando modificações no comportamento, e conseqüentemente afetando valores comunitários que eram marcados, sobretudo, pela forte influência dos preceitos religiosos. Para melhor ilustrarmos a influência da Igreja sobre o comportamento coletivo em Santo Antônio, vale a pena citar a dissertação feita por Edy Álvares Cabral de Barros:

"Até o início deste século, preceitos religiosos exerciam orientação decisiva sobre a finalidade do casamento, do número de filhos, de métodos anticoncepcionais, enfim, de maneira geral, sobre o comportamento dos habitantes, que compunham esta comunidade" (BARROS, 1979:27).

Hoje, Santo Antônio mantém muito da sua tradição, apesar de estar ligada mais intensamente à vida urbana, quer seja através dos meios de comunicação, pela significativa presença de turistas no período de verão, pela presença de moradores não nativos e pelo contato diário com a cidade através daqueles que nela trabalham. Aqui convém registrar que boa parte do espaço da comunidade é

ocupado por gente da cidade, de outras regiões. Tal fato, porém, não significa a perda de identidade, pois, muitos destes habitantes não nativos integraram-se harmoniosamente às tradições culturais locais.

Dentro deste contexto, existe na comunidade um grupo de pessoas, algumas nativas, outras não, que desenvolvem um movimento para manter vivas as heranças culturais de Santo Antônio. Por outro lado, existem aquelas pessoas mais antigas, outras mais jovens que observam estes movimentos de preservação cultural mais à distância, sossegadas e tranqüilas em seu canto, cuidando de suas pequenas atividades artesanais e pesqueiras.

Assim sendo, diante daqueles que buscam o resgate da tradição, ou diante daqueles que se mantêm ligados cotidianamente à tradição através do trabalho, podemos afirmar que a comunidade de Santo Antônio está viva e para argumentarmos a favor desta suposição passaremos, a seguir, a descrever mais detalhadamente a sua vida religiosa e as suas festas comunitárias.

2 - A INFLUÊNCIA DA IGREJA NA HISTÓRIA DE SANTO ANTÔNIO

A história nos mostra que a Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio constitui uma comunidade marcadamente católica em cujas características gerais não iremos insistir por serem geralmente conhecidas. Os padrões de um comportamento de cunho religioso tradicional influenciaram na construção histórica desta comunidade que edificou a sua igreja no período de 1750 a 1755, e que tem como padroeira a Nossa Senhora das Necessidades.

A construção da igreja se deu na mesma época da distribuição das sesmarias, fato que marca a formação da comunidade, que se coloca assim, atrelada, desde o início, à participação da vida religiosa por parte dos sesmeiros, que deviam obter, em tudo, o crédito da autoridade paroquial.

Nesta metade do século XVIII a influência da Igreja estendia-se até mesmo às questões da fecundidade. Este dado está contido no estudo feito por Edy Alvares Cabral de Barros (1970:27-28):

"A religião tem sido apontada como elemento significativo, influenciando o comportamento reprodutivo dos casais e o padrão de fecundidade das populações. Considerando a variável doutrina católica como fator capaz de influenciar a conduta dos fiéis e, desta forma afetar o comportamento

reprodutivo das populações católicas, dois aspectos devem ser destacados nessa doutrina: o ideal de família numerosa e a ilegitimidade de certos meios anticoncepcionais e dos abortivos".

Lembre-se a influência exercida pela Igreja quanto às datas dos casamentos: não era permitido que os matrimônios fossem realizados nas épocas de quaresma, período de penitência anterior à Páscoa, e no advento, período de quatro semanas antes do Natal.

No início do século XX, a Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades começa a enfrentar um processo de mudanças que passaremos a denominar modernidade¹¹. Sabemos que o homem se forma a partir do conhecimento que ele recebe. Os conhecimentos que a Igreja transmite estão fundamentados na fé: a pessoa deve obediência a Deus e em troca recebe a proteção para não cair no inferno. Com esse discurso a Igreja consegue manter o controle de

¹¹Objetivando levar o leitor ao entendimento do que pretendemos designar por modernidade no contexto proposto, parece-nos importante, em primeiro lugar, sugerir que numa perspectiva espaço-temporal, visualizamos aqui as transformações por que tem passado nossa civilização desde os fins do século XIX até nossos dias. Aqui sugere-se o caráter paradoxal de um mundo que, ao mesmo tempo que anseia por transformações geradas pelo progresso das ciências e pelo desenvolvimento tecnológico, teme a desorientação e a desintegração. Assim, a autotransformação e a transformação das coisas, do mesmo modo que são desejadas, simultaneamente ameaçam com o rompimento e a destruição. Os novos ambientes destroem os antigos, criam-se novos valores, ou como nos fala Marshall Berman:

"Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana." (1989:15)

seu rebanho.

Embora não se trate aqui de fazermos uma descrição do fenômeno religioso, podemos dizer que a Igreja reconhece como homem devoto aquele que imita Deus ou heróis ligados a passados místicos:

"O homem religioso aspira a ser distinto do que ele encontra no plano de sua experiência profana. O homem religioso não se dá: se faz a si mesmo, aproximando-se dos modelos divinos".
(ELIADE, 1967:100)

Para modelar o seu rebanho, a Igreja trabalhava com a formação de irmandades, movimentos religiosos, estilo Companhia de Jesus. Especificamente em Santo Antônio, no final do século XVIII, atuavam na Igreja, as irmandades do Santíssimo Sacramento e a de Nossa Senhora das Almas, que foram as primeiras a se instalarem na Ilha. Estas irmandades, conforme relato dos moradores, ainda existem até os dias de hoje e funcionam como medida de apoio comunitário. Conforme Soares, (1990:106), referindo-se a uma das irmandades:

"além das atividades religiosas, participa ativamente dos pleitos de interesses comunitários, sendo o seu apoio medida indispensável para o sucesso de qualquer iniciativa".

Os grupos que freqüentam as irmandades desempenham atividades específicas : administração do cemitério, auxílio e participação de festas e cultos religiosos, conservação dos bens paroquiais e promoção de novenas, romarias, limpeza da Igreja... Na irmandade existe o cargo de provedor, que é exercido por um líder comunitário ou por uma pessoa que manifeste espírito de solidariedade no seu meio social.

As irmandades sempre foram muito atuantes, conseqüentemente a

participação dos paroquianos também é significativa. A exemplo disso citamos um momento em que o prédio da matriz apresentava problemas de conservação. Em 1938, o padre que assumiu a paróquia, encontrou-a em estado de ruína. Como os recursos oferecidos pela província foram insignificantes, o vigário recorreu aos paroquianos para assumir os reparos necessários.

A igreja Nossa Senhora das Necessidades¹² é o monumento barroco mais antigo do sul do Brasil e, mesmo depois de ter sido tombada, os cuidados que ela exige pela sua fragilidade são assumidos pela comunidade e por alguns indivíduos responsáveis pela sua administração. São estes os que a conservam, utilizando-se de recursos próprios ou cobrando, também, dos órgãos públicos uma atuação que é ínfima, para a manutenção e a restauração necessárias, através de recursos materiais e humanos.

Na verdade a manutenção da igreja ocorre devido à participação da comunidade através de bingos, festas e de fortes sentimentos que envolvem os indivíduos diante de um patrimônio histórico e artístico, sendo este também o caminho possível de se conhecer os fatos vivenciados pelos ancestrais.

¹²“Por recomendação do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural do município de Florianópolis, no ano de 1975 a Igreja foi tombada. A Igreja Nossa Senhora das Necessidades tem as seguintes características: “A Igreja de Santo Antônio de Lisboa apresenta uma fachada simples, um frontão triangular, encimado por duas volutas que ladeiam a cruz central e duas grimpas laterais: abaixo do frontão apenas o olho-de-boi e a sineira está separada do corpo central da Igreja, servindo de apoio a um contraforte. O interior apresenta a nave, com capela do Santíssimo, capela mor e sacristia. O corpo apresenta balaustrada torneada e o púlpito leva um baldaquino. Os altares, em número de 4, apresentam características barrocas. Quanto à arte sacra, a Igreja de Santo Antônio de Lisboa possui peças de grande valor artístico, algumas ainda do século XVIII”. (SOARES, 1990:108)

Para a construção da igreja (1714-1750) foi necessária a fabricação dos tijolos e da cal, bem como a força humana. E, o espírito de comunhão que dominava a comunidade daquela época é reconhecido pelos habitantes, que revelam com orgulho este fato histórico com base na lembrança e na sabedoria de seus ancestrais em construir uma obra considerada "esplendorosa, merecedora de admiração". Um artista plástico que atualmente reside em Santo Antônio de Lisboa, referindo-se à igreja local, escreveu:

"A história só é conhecida através das expressões artísticas. Por isso, preservar é fundamental". (JANGA, O Estado 05.08.90)

O medo de que algum dia a igreja caia, sentimento que é perceptível entre os habitantes da comunidade, faz com que a grande maioria se una em volta do mesmo objetivo, o de mantê-la sempre erguida, acentuando o sentimento de fé, criando unidade entre Igreja e população.

Ao nos referirmos a esta unidade que enquadra os princípios e valores morais e espirituais de Santo Antônio, não podemos deixar de considerar o reconhecimento que os indivíduos que ali residem atribuem à Igreja pelo seu exercício no decorrer da história da comunidade, conduzindo-se pela linha da comunhão, principalmente quando se trata de valores que foram se estabelecendo universalmente como o perdão, a idealização para o comportamento humano, o entendimento do mundo, a espiritualidade...

No caso específico de Santo Antônio, há confirmação tanto de líderes que representam a Igreja como de fiéis ou de indivíduos que a freqüentam, que a convivência social entre estas duas representações (líderes-fiéis) está se desenvolvendo num clima

bastante harmónico.

Para ilustrarmos esta afirmação, informaram-nos que tanto a escola como a associação dos moradores se relacionam com o movimento religioso e vice-versa. Todo este inter-relacionamento objetiva a orientação, o apoio, a organização, enfim o desenvolvimento global do indivíduo. É considerado aqui o grau de criticidade desenvolvido como o discernimento diante das questões éticas relacionadas à religião, à política, concernentes à comunidade de Santo António de Lisboa. Tanto as ações individuais como a busca da superação dos limites dessas mesmas ações são colocadas diante do aspecto religioso, para que haja avanço e determinação de diretrizes de convivência coletiva, solidária e livre.

O desempenho da Igreja desenvolve-se, assim, em comum acordo com as outras instituições citadas fazendo com que se estabeleça uma unidade na retomada dos valores culturais tradicionais considerados significativos, prevalecendo o espírito comunitário. Por outro lado a solidariedade é um fator de desenvolvimento, mas não é o único, pois é fundamental que o homem exerça a sua auto-reflexão, auto-reflexão esta que, para melhor compreender as influências exercidas pela coerção ambiental, ou seja, pelas forças sócio-culturais, leva o indivíduo a um estado de maior conhecimento e liberdade e ao cultivo do elemento espiritual através da prática religiosa.

Sabemos que qualquer grupo humano possui seu sistema de idéias, que, embora seja próprio a cada comunidade, não o identifica enquanto único e isolado, pois toda ideologia apresenta

alguns elementos comuns que se manifestam através de convicções e atitudes semelhantes, o que não impede as peculiaridades distintas de cada um. E, é através dessas peculiaridades que surge a variedade, a diversidade, e o conflito, fazendo com que ainda prevaleçam as atitudes individualistas.

Sob esta perspectiva, podemos considerar que, em Santo Antônio, a Igreja católica, na observância de seus princípios, muitas vezes não atende aos desejos imediatos dos indivíduos. A rigidez formal do pároco, em certa época, ao negar-se a batizar uma criança que não apresentava o pai, provocou forte reação por parte de alguns moradores, afastando-os da Igreja.

Também com a propagação crescente de novos cultos cristãos, não católicos, por volta de 1954, já alguns líderes da Igreja Evangélica, Assembléia de Deus, promoveram reuniões e visitas na comunidade em busca de novos adeptos à sua crença. Com a pregação desses líderes, tornaram-se habituais os novos cultos religiosos e chegou-se a erigir um templo evangélico, que se localiza às margens da rodovia Virgílio Várzea, construído com recursos dos seus próprios fiéis e em substituição a um outro não mais existente.

Na verdade, a diversidade de convicções passou a moldar novos comportamentos, prejudicando assim a unidade da comunidade anteriormente existente. Isto fez com que a Igreja Católica reagisse, dando ênfase aos trabalhos de catequese voltados, principalmente, para a orientação religiosa relacionada com a família, juventude, e lideranças comunitárias, procurando exercitar e ampliar o conhecimento através da troca de informações e descobrir novos líderes para pôr em prática os ensinamentos da

Igreja, objetivando desenvolver, assim, o entusiasmo e celebrando a vida católica no dia a dia e nas relações em que o indivíduo está envolvido.

Observamos Eliade quando coloca:

"O cristianismo conduz a uma teologia e não a uma filosofia da história, (...) tem um fim trans-histórico: a salvação do homem". (1967 : 112)

E aproximando-se mais deste pensamento, o autor avalia a valorização que o cristianismo dá para o tempo histórico. Ou seja, o cristão contemporâneo que exercita a sua fé, incorpora simbolicamente o tempo em que viveu Jesus.

"Para o cristão também o calendário sagrado reproduz indefinidamente os acontecimentos da existência de Cristo, porém estes acontecimentos se desenrolaram na história". (ELIADE, 1967:112)

Aqui, embora Eliade esteja se referindo ao cristianismo de forma ampla, para a Igreja católica vale observar que a história volta-se à presença de Deus no mundo como uma história santa, com a mesma perspectiva com que foi criada, pois ainda ocorre nela a intervenção de Deus. Os indivíduos, assim, permanecem num estado de submissão, obediência, conformismo e medo. Segundo o depoimento que se segue, apresentado por um pescador católico da comunidade, podemos perceber o temor do homem pelas coisas do Criador.

"O segredo de Deus ninguém sabe. É Ele quem manda. Ele castiga porque muita gente diz que não há Deus. Mas sem Deus ninguém passa, podem ir até a macumba ou espiritismo. Isso é atentado do diabo. Você tem que pagá o que fez de mal".

O fato é que a Igreja católica sempre se apresentou com a capacidade e responsabilidade para a salvação da alma do indivíduo

se este se enquadrasse dentro das normas por ela estabelecidas. Estas normas são formas de coerção, "compulsão peculiar do melhor argumento", (HABERMAS, 1981:115) que atingem violentamente a subjetividade humana, criando um estado de inércia em que a cumplicidade colabora com a aceitação do não cumprimento dos desejos; no caso, os próprios valores religiosos tornam-se valores culturais. A Igreja católica sempre aparece como imagem voltada à humildade, à unidade, à pobreza. Isto apresenta-se de "forma harmoniosa". O indivíduo deve ser pobre economicamente, "temer a Deus sobre todas as coisas"; na morte, na vida, no natural, no sobrenatural.

No nosso entender, numa comunidade como a de Santo Antônio, o indivíduo, de modo geral, caracteriza-se por ser religioso; mantendo as suas esperanças através de acontecimentos místicos transportados para a sua existência, tentando explicar a natureza e a si próprio enquanto obra de um poder divino. Desta maneira a dualidade entre o real e o imaginário parece conter o medo do vazio e da perda enquanto elementos que impulsionam o indivíduo em sua vida cotidiana. As convicções são formadas por princípios que determinam a comunhão entre o indivíduo e o mundo. Esta relação é composta por um conjunto de experiências, pensamentos, sentimentos, fé, contemplação, o que se configura em geral como "visão de mundo".

Estes padrões de comportamento são geradores de um conjunto de relações; alguns com menos, outros com mais relevância, mas que norteiam os diversos aspectos da vida social da comunidade e principalmente conservam um significado singular para os

descendentes açorianos. Neste sentido podemos citar o exemplo que é considerado sublime para estes indivíduos e que se expressa entre outras manifestações culturais. Aqui referimo-nos à festa do divino, que conjuntamente com as cantigas e brincadeiras como o terno de reis, o pão-por-Deus, o boi-de-mamão veremos a seguir.

3 - A FESTA DO DIVINO

Segundo Cascudo (1954: 356), a Festa do Divino tem sua origem em Portugal nas primeiras décadas do século XIV através da Rainha D. Isabel (1272-1336), esposa do Rei D. Diniz (1261-1325). O início da festa ocorre com a construção da igreja do Espírito Santo em Alenquer¹³.

Continuando com Cascudo, o culto do Divino chegou ao Brasil no século XVI, com o nome de "Império do Divino" e tornou-se tão popular que, quando da independência em 1822, o ministro José Bonifácio de Andrada e Silva fez adotar o título de Imperador do Brasil ao dinasta brasileiro:

¹³A fonte por nós aqui pesquisada, Cascudo (1954:356) não menciona a data precisa da construção da Igreja do Espírito Santo em Alenquer. Portanto, situamos o início da Festa do Divino em Portugal como tendo ocorrido nas primeiras décadas do século XIV, sem, no entanto, estabelecermos uma data precisa que, com certeza, poderá ser melhor colhida através de uma pesquisa histórica em que se focalize a construção da igreja citada.

No entanto, José de Almeida Pavão Júnior menciona a data de 1296 como sendo a da instituição da primeira confraria do Espírito Santo, em Alenquer, pela própria Rainha Santa (D. Isabel, esposa de D. Diniz). Segundo o mesmo autor, esta primeira confraria do Espírito Santo aparece "já com a designação de Império muito embora já anteriormente existisse a Igreja do Espírito Santo da Pedreira em Lisboa" (1981:113). Ainda, segundo Pavão Júnior, já antes de 1237 "há notícia da existência da confraria de Benavente, que organizava um liado aos pobres no dia do Espírito Santo". (Ibid:113)

Continuando com o autor citado: "Relativamente a D. Diniz e a Rainha Santa, está igualmente divulgada a notícia da cerimônia em que o indivíduo considerado mais pobre sentava-se no trono real para ser corcado, servindo-lhe o Rei de condestável e formando os cavaleiros a corte de pagens, realizando-se a seguir um banquete onde a própria Rainha servia a mesa". (Ibid:113)

"Porque o povo estava mais habituado com o nome do Imperador (do Divino) do que com o nome de Rei." (CASCUDO, 1954:356)

O significado do Espírito Santo é o de paz, de amor, de bondade e de fartura entre os homens. Encontramos esta idéia não somente na mente dos indivíduos aos quais nos dirigimos durante o trabalho de pesquisa por nós realizado na comunidade de Santo Antônio. O sonho venturoso de um Império do Espírito Santo é também uma tradição mística, como nos faz ver Carlos Rodrigues Brandão em seu estudo, *O Divino, o Santo e a Senhora*, que nos revela a fantástica história-popular de tradição medieval sobre "um monge considerado como um santo". Após longa peregrinação pelo deserto,

"foi-lhe revelada a vinda próxima de uma nova era de relações entre os homens sobre a terra: a época do Espírito Santo (...), marcada pelo advento de uma implantação definitiva da paz, do amor e da bondade entre todos os homens do mundo." (1978:64)

Desta maneira, a característica marcante da tradição da Festa do Divino parece conter esta tendência popular em se aceitar esta utopia de um império justo e capaz de prover a todos de suas necessidades materiais e espirituais, envolto num clima de alegria e festejo. Em se tratando da comunidade de Santo Antônio, esta demonstra ser conhecedora do sentido da Festa do Divino. A interpretação deste significado está voltada para o recebimento da proteção do Espírito Santo e para a implantação definitiva da paz.

Para tanto, a comunidade prepara-se, participando e colhendo contribuições e donativos, como se o recebimento do Divino

representasse uma nova era, com certeza farta, principalmente de alimentos. Os rituais são solenes e seguidos a rigor. O cortejo sai da casa do Imperador do Espírito Santo, conduzido pela comitiva formada por reis, rainhas, príncipes, princesas, espadachins e trinchantes que seguem cantando rumo à igreja. A comitiva prossegue com a coroação dos novos imperadores que se faz acompanhada pela celebração da Santa Missa e posterior queima de fogos de artifício.

As pessoas da comunidade aparecem com seus melhores trajes e a figura do padre centraliza as atenções, já que ele participa de todos os rituais, do início ao final das festividades. É na figura do pároco que se concentra o controle sobre todos os presentes e sobre todos os acontecimentos. Aliás, aqui, este sacerdote surge como a autoridade maior em torno da qual a comunidade pretende conservar todo o seu passado de fé e princípios religiosos¹⁴.

¹⁴Vale lembrar que a Festa do Divino em Santo Antônio sofreu um processo de decadência, a partir dos anos 70, pelo fato da comunidade encontrar-se profundamente descontente com a intromissão de políticos e comerciantes ilhéus na organização dos festejos. Os indivíduos demonstraram o seu descontentamento não mais comparecendo às festividades. Mas, sempre presente na tradição e na memória dos habitantes locais, a Festa do Divino tomou novo impulso a partir da troca da diretoria da Igreja. A retomada dos festejos trouxe novamente (1983) os antigos rituais e hoje a festa é motivo de orgulho para todos que alimentam a sua fé no símbolo do Divino. Tanto que, recordamos aqui a homenagem organizada durante a Festa do Divino de 1990, prestada à figura de um cidadão - Agenor José de Andrade - que se estabeleceu na comunidade em 1860. Devido ao seu sonho jamais realizado de participar da festa, investido das honras de Imperador, os moradores locais decidiram prestar-lhe, embora postumamente, uma reverência durante o cortejo. Este saiu da casa do referido habitante, construída no mesmo ano (1860), que foi preparada com bandeiras e laços de fitas coloridas, além das pétalas de flores que começavam a aparecer desde a escada e prosseguiram por todo o caminho por onde devesse passar o Imperador. Havia também, o acompanhamento de músicos com seus instrumentos, violões, cavaquinhos e bandolins.

Voltando ao cortejo da Festa do Divino, quando este segue e chega à Igreja Matriz, ocorrem então, diversas representações, entre as quais, a figuração de um quadro celestial com atores vestidos de Nossa Senhora e de anjos. Estes são representados por crianças, cada uma procurando dar o máximo de si, cantando, fazendo gestos, com brilho nos olhos, acompanhando concentrada o que lhe foi designado.

No desempenhar cada um o seu papel, do início ao fim do cortejo, temos a impressão de uma espécie de incorporação, onde o indivíduo sublima a figura que representa, enquanto os que assistem procuram apreender ao máximo o espírito de cada figurante que compõe a comitiva. E os pais sentem, então, orgulho de apresentar seu príncipe ou sua princesa à sociedade.

Todos os rituais que compõem a Festa do Divino são cobertos de um clima nostálgico, voltado para uma vida sem dificuldades, como se a perfeição estivesse no passado. Durante a passagem do cortejo, as atitudes estão voltadas para a santificação, que em termos subjetivos daqueles que participam, oferece a impressão de que se está vivendo num mundo perfeito ou num paraíso. Aqui, a idéia que se tem é que o comportamento e a expressão dos que participam dos rituais da Festa transcendem o papel do cotidiano, que é transferido para a origem palaciana e religiosa dos festejos, como se todos ali pertencessem deveras a uma corte de nobres e cavaleiros. Ascende-se, assim, a um clima de fé coletiva onde todos assumem os personagens representados e este comportamento de assumir um papel determinado se compreende por ser a comunidade de Santo Antônio eminentemente devota em sua fé católica. Procurando

retratar a Festa do Divino em Santo Antônio, moradores locais nos disseram:

"A festa do divino é motivo de muita alegria. Todo mundo se prepara prá recebê o divino. As pessoas se encontram, conversam, ri, rezam todo mundo junto".

"Todo o ano eu participo da Festa do Divino. É porque nós somo os convidado do Imperador, prá comemorá, ri, comê, conversá, enfim se diverti com os amigo da gente".

Situa-se, justamente, no elemento místico-religioso todo o valor maior da Festa do Divino que comporta, assim, um aspecto sagrado e outro profano. O primeiro enquadra-se dentro daquela perspectiva de que a festividade é uma reverência ao Espírito Santo que representa a paz e a harmonia, a abundância e a felicidade, numa promoção do amor de Deus. Por outro lado, existe também o aspecto profano da festa, que se manifesta no luxo e na fartura com que se pretende celebrar o Espírito Santo.

Entendemos que esta distinção quase que exclusivamente ocorre a nível teórico, já que para os participantes do festejos, aquilo que denominamos de aspecto profano - o luxo e a fartura - não são assim considerados, mas representam apenas o homem visto com dignidade, feliz, isento de lutar por necessidades básicas não satisfeitas. Assim, a esperança por melhores dias, ou a suplantação de situações difíceis (doenças, tempestades, naufrágios) e mesmo a penitência diante dos pecados cometidos durante o ano são vistos sob uma perspectiva exclusivamente de expressão do cotidiano composto por ações onde o sagrado e o profano se mesclam. Estes aspectos podem estar ligados ao sentimento de fé dentro de um contexto histórico em que está inserido o homem religioso, pois

este sempre crê que existe uma realidade absoluta, que transcende o mundo físico. No entanto, além do caráter místico-religioso em que se apresenta a Festa do Divino, esta também compreende outras funções sociais¹⁵ que, passando pelo espírito de caridade e pagamento de promessas, inclui elementos lúdicos e satíricos através das quermesses, das brincadeiras (folias)... É durante a Festa do Divino que ocorrem muitas das manifestações cultivadas há séculos pela cultura açoriana conforme veremos a seguir.

¹⁵ Sob este aspecto, devemos mencionar que atualmente a Festa do Divino vem sendo questionada por alguns moradores mais jovens com base na descaracterização por que vem passando o folguedo. Tal fato diz respeito à presença de muitos indivíduos que não são moradores da comunidade e que participam da Festa de forma igualitária. Também este questionamento ocorre porque percebe-se que as festividades deixaram de ser uma manifestação tipicamente comemorativa para tornar-se veículo de obtenção de lucros destinados a obras físicas da igreja. A este respeito, podemos observar o depoimento abaixo:

"Quando eu era menino e que ouvia falar da festa do divino, o meu coração batia forte, lembrava da bandinha de música, aquilo mexia muito comigo. No cortejo ninguém ficava de fora, hoje não é mais assim".

4 - CANTIGAS E BRINCADEIRAS

As cantigas e brincadeiras são manifestações da cultura popular que, embora tenham perdido muito de sua importância e originalidade, principalmente devido ao processo de urbanização que conduz à influência cada vez maior dos meios de comunicação sobre as comunidades mais tradicionais da Ilha, ainda sobrevivem em Santo António, embora de maneira frágil e sustentada principalmente pelas pessoas mais preocupadas com a sua preservação.

Dentre estas manifestações destacamos algumas.

4.1 - Folia de Reis

É uma festa de origem açoriana para comemorar o nascimento de Jesus. Ela deveria ocorrer do Natal até 6 de janeiro, dia dos Reis Magos, tendo, então, como principal objetivo exaltar o Deus-Menino em Belém. No entanto, a Folia de Reis, em Santo António, aparece numa concepção mais moderna, antecedendo a Festa do Divino, para a qual assume o sentido precatório, objetivando a obtenção de prendas ou donativos.

Os Ternos de Reis, que são uma designação para a mesma manifestação cultural, percorrem as ruas da comunidade, anunciando

o acontecimento, com seus componentes acompanhados de sons de pandeiros, ferrinhos, pratos, tambores, violas, pedindo ofertas e donativos, trazendo como destaque a Bandeira do Divino.

Com o passar do tempo as cantigas que acompanham a folia perderam a sua identidade natalina e tomaram outras formas, assumindo como tema aspectos ligados ao cotidiano, assim transferidos para o elemento melódico e lírico que agrada pela graça com que se manifesta no cortejo que visita as residências.

4.2 - Pau-de-Fita

É uma dança originária do meio rural e aparece em outros países latino-americanos, bem como em países europeus, a exemplo da Espanha e Inglaterra. No Brasil aparece também em outros estados e regiões. Alguns historiadores afirmam que este tipo de dança existia na América antes de seu descobrimento e que os descendentes dos índios maias ainda o incluem em seus costumes. A apresentação da dança necessita da organização de um grupo, formado em pares de oito a doze integrantes, sendo denominados as "damas" e "cavalheiros".

- Para o local onde vão dançar, mandam pares com um pau enfeitado, numa das extremidades do qual há um suporte que o faz conservar-se em pé e na outra estão presas longas fitas de cores diversas. A dança pode ocorrer num salão ou ao ar livre. Na hora certa, surgem as moças e os rapazes que entram em cena produzindo sons alegres e contagiantes, pedindo licença para entrar. A brincadeira prossegue com os pares cantando e dançando em torno do

Pau-de-Fita, no qual vai sendo tecida uma complicada trança, já que cada participante, ao executar seus movimentos na roda, segura a ponta de uma fita - sendo duas da mesma cor para cada par - que vai se enroscando e desenroscando em torno do pau.

4.3 - Ratoeira

A ratoeira é uma cantiga semelhante à "ciranda-cirandinha", onde toda a mocidade mostra a sua alegria e interesse ao bem amado, através de declarações de amor ou desafio aos rivais. A dança exige que se forme um grande círculo em movimentos, ora para a esquerda, ora para a direita, em cujo centro fica um casal para recitar versos. As letras das cantigas da ratoeira também podem ser compostas de conteúdos voltados à saudade da terra, sentida pelos primeiros colonizadores açorianos. Estabelecida esta cultura na faixa litorânea, criou-se o hábito de apresentações nas ruas por grupos de encenação e cantoria.

4.4 - Pão-por-Deus

A manifestação do Pão-por-Deus é de origem açoriana, nascida aproximadamente no século XVII. Alguns historiadores acreditam que o Pão-por-Deus foi um recurso criado pelos jovens da época, para a comunicação entre os que se sentiam apaixonados.

Segundo o folclorista Franklin Cascaes, a prática do Pão-por-Deus consiste de:

"recorte de papel em forma de coração, quase

sempre bordado com o mesmo tipo de fio com que as mulheres fazem a renda. É um trabalho manual, feito com papel de seda com um espaço livre onde uma pessoa pode escrever versos. Então, a gente manda esse trabalho dentro de um envelope para uma pessoa amiga ou uma namorada ou namorado." (1989:157)

Também segundo um depoimento por nós obtido junto a um morador da comunidade de Santo Antônio, o Pão-por-Deus era uma forma antiga utilizada pelos jovens para se comunicarem com a pessoa que lhes havia despertado a atenção e à qual pretendiam dedicar o seu amor:

"Naquela época havia muito respeito. O rapaz não chegava a conversar com a moça. Ele mandava o recado através do Pão por Deus, ou declarava seu interesse na cantiga da Ratoeira. A moça respondia através de um olhar ou um sorriso, senão de outro recado".

4.5 - Boi-de-Mamão

Entre as várias interpretações para o Boi-de-mamão, destacamos aquela apresentada por A. Seixas Netto¹⁰ em seu parecer sobre o trabalho de Myriam Conceição Dias Beltrão - Auto-do-Boi e Suas Mutações - em que o autor sugere a apreciação desta dança popular sob um ponto de vista "do estudo ritual, ligado à simpatia e remédios de cura dos animais de fazenda"

Segundo Seixas Netto,

"O Boi-de-Mamão (...) representa-nos o terneiro separado da mãe, antes do final do período de leite, o terneiro desmamado, para que a vaca

¹⁰ Tal parecer está contido no Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, N.º 24, Dezembro 1981, pp. 76-77.

pudesse manter a produção leiteira por mais algum tempo. Esse terneiro desmamado é muito ativo e movimentado; ensaia seus primeiros ataques belicosos, mas é muito sensível às doenças como vermes e engurgitamento dos estômagos, porque passa, instantaneamente quase, do mamar para o exercício de comer erva sólida, e, às vezes, no remoer, engasga-se. Assim, o ritual para cura do engurgitamento era fazê-lo pular, correr, ao mesmo tempo em que era rezado, por um curandeiro, por um benzedor. E dava certo".

Uma outra versão por nós pesquisada é a que apresenta o Boi-de-Mamão como originário do Bumba-Meu-Boi. Segundo nos informa Câmara Cascudo, de acordo com esta versão, tal folguedo passa a ser conhecido como Boi-de-Mamão depois que a cabeça do boi começa a ser feita com mamão verde, uma vez que originalmente a brincadeira era feita com um boi de pano:

"há quem fale de que, nas representações destes autos-populares, há muitos anos atrás, usava-se de mamões verdes para a confecção da cabeça do boi, de onde teria surgido o termo local, que logo se teria espalhado por todo o litoral catarinense". (1954:169)

A brincadeira do Boi-de-Mamão aqui no sul tem mais graciosidade, com a coreografia mais alegre,

"passando a brincadeira a encantar principalmente as crianças, a despeito mesmo de seu temor pelas investidas do Boi e da fantástica figura da Bernúncia, que tenta engolir-las". (SOARES, 1978:05)

É esta brincadeira a que mais se mantém viva, cuja criatividade expandiu-se a outras figuras como: a maricota, a bernúncia, o cavalinho, a cabra, o mateus, o urubu...

a) A maricota é uma armação de madeira, com aproximadamente três metros de altura, acolchoada e revestida de pano, sob a qual o folião se instala e participa da dança do Boi-de-Mamão, traçando passos e gestos no sentido de alegrar a brincadeira. A cabeça é uma máscara com a cara de mulher, de dimensões exageradas, os braços são soltos e uma das mãos porta uma bolsa, nas orelhas tem brincos grandes. O movimento da maricota¹⁷ depende do dançador, pois ela abre os braços e, propositadamente, atinge as pessoas. O vestido que cobre a armação é feito de um tecido de chita, estampado de cor berrante.

b) A bernúncia é também uma armação com dois a três metros de comprimento e imita o "grande dragão celeste chinês". (SANTOS, 1984:58).

Segundo Soares (1978:29)

"a bernúncia é a armação de madeira com a boca em forma de duas queixadas, com os dentes pintados no interior, de vermelho, com um rabo e orelhas de couro".

E, ainda, segundo o mesmo autor "a figura da fantasmagórica bernúncia é assustadora". (ibid:12)

¹⁷A maricota é a figura que mais chama a atenção na brincadeira. A imagem esplendorosa que sugere procura conter a representação de uma mulher afoita, livre de opressões, participante, trajando roupas coloridas, saliente, que se maquia com extravagância, e se movimenta e dança, e convida as pessoas a dançarem também, sem repressões e preconceitos que seriam discurridos numa mulher comum. A maricota é a representação da figura feminina, como muitas mulheres desejariam ser, principalmente na forma de se comportar, sem que, no entanto, o façam, devido aos valores que a sociedade determina e impõe.

c) A outra figura é o cavalinho que é confeccionado com uma armação de madeira e que dá largueza ao corpo, a fim de que a capa de tecido se torne mais aberta. Esta capa deve cair cobrindo amplamente todo o dorso traseiro e os lados. A cabeça e a parte do pescoço ficam bem de fora, existindo uns tipos de cabeça que balançam em sentido vertical, dando vivacidade ao animal.

As redes e a corda para laçar o boi estão nas mãos do cavaleiro. Além do lenço colorido no pescoço, usa também um chapéu de abas largas; os movimentos do cavalinho são graciosos com rodopios rápidos, seguido de paradas bruscas.

d) A cabrinha também tem sua armação de madeira coberta com tecido e a cabeça é de cabra. O desempenho desta figura ocorre quase da mesma forma que a do boi. Há ainda a possibilidade de introduzir outros animais: leão, tigre, jacaré...

e) Temos ainda a figura do Mateus, que é o responsável pelas palhaçadas e dramatizações juntamente com o urubú. O benzedor ou feiticeiro vem coberto de folhas e pequenos arbustos, e vence o boi, que é derrubado por Mateus e beliscado pelo urubú.

Todos estes elementos ou personagens fazem parte da apresentação do Boi-de-Mamão, que geralmente ocorre à noite e ao ar livre, acompanhada de cantos e cantigas. É oportuno lembrar aqui a opinião do professor Nereu do Vale Pereira (1981:10) ao dizer:

"Boi-de-mamão da Ilha de Santa Catarina tem uma função lúdica e ao mesmo tempo satírica, onde a sanção social se realiza sob original forma de ridicularização".

De acordo com tal posicionamento, pensamos que o Boi-de-Mamão permita ser lúdico e satírico. Ele se compõe do feio - a presença

da bernúncia, do bonito - o colorido do Boi, do exagero na figura da maricota, do impulso - diante da reação do vaqueiro quando vai mexer com o boi, da candura - na figura da cabrinha. Enfim, são expressões de sentimentos - lembranças, saudade, alegria... que vão ao encontro do imaginário coletivo das pessoas que participam do folguedo.

4.6 - A Farra do Boi

A farra do boi diferencia-se de comunidade para comunidade, apesar de manter características gerais. A festa é um folguedo popular, que pode começar a se realizar na 2^a feira que antecede a Páscoa, de origem ibérica e com raízes profundas na população que reside na costa marítima do Estado de Santa Catarina. Sua existência já ultrapassa dois séculos, originando-se quando da chegada dos imigrantes açorianos.

A farra do boi existe em Santo Antônio, nos pastos ou nas estradas, mas o maltrato ao animal não é feito de forma tão rude como a que acontece em outros lugares.¹⁸

¹⁸Sobre a questão da violência contra o animal praticada pelos farristas muito tem se discutido mais contemporaneamente, quer seja através da imprensa ou de debates envolvendo autoridades, artistas, intelectuais... Entendemos aqui que a farra do boi tem recebido, nos últimos anos, forte pressão externa, o que acaba gerando um processo de envolvimento político em torno da mesma, não permitindo a livre e simples manifestação cultural de tradição açoriana. Dentro deste aspecto, citamos Monteiro Filho:

"Generalizar a farra do boi como ato violento, é não saber distinguir a própria violência. Sem compreender sua origem e o que ela representa para os pescadores, jamais podemos lançar chamadas de ódio e repressão sobre uma das últimas manifestações culturais que ainda resiste em nosso litoral. E como resiste." (1990:17)

De qualquer maneira, não podemos afirmar que na farra do boi não são cometidos atos de violência contra o animal. No entanto, este caráter violento da farra tem sua explicação: percebendo o folguedo como uma expressão de liberação de impulsos reprimidos de valentia e de alegria diante do domínio do animal, que aqui parece representar a figura do traidor Judás; tal violência, oriunda de um aparente irracionalismo, parece ter uma autorização divina, já que nos demais dias do ano o convívio com o boi é normal.

Assim, diante da diluição da cultura açoriana, cuja manifestação através das festas, danças, artesanato, pescaria artesanal... parece ser algo que pertence cada vez mais a um passado pouco distante, a farra do boi constitui-se, sem dúvida, num modo de expressão que resiste a toda uma imposição cultural exterior àquela de descendência açoriana.

A farra do boi, deste modo, passa a constituir-se em mais uma forma de exteriorização das emoções e do desejo de domínio de uma gente que sente, cada vez mais, sua tradição cultural ser diluída diante das transformações que a modernidade propõe.

Em se tratando especificamente de Santo António de Lisboa, onde a presença de toda uma população não nativa proporciona a introdução de novos valores culturais, a campanha contrária à farra do boi parece obter ali resultados efetivos no sentido de amenizar a violência originalmente presente no folguedo.

Percebe-se que o indivíduo na comunidade de Santo António tem uma preocupação em absorver os novos valores que a modernidade lhe impõe. Isto faz com que a sua tradição cultural, embora muitas vezes preservada da forma mais original possível, em se tratando,

especificamente, da farra do boi, os antigos valores parecem acomodar-se bem aos novos, o que faz gerar um equilíbrio entre o antigo e o moderno. Assim, todos aqueles com os quais conversamos colocam a necessidade de se estabelecerem maiores orientações sobre a questão da violência na farra do boi. Muitos acreditam que este folguedo manifesta-se de forma controlada em Santo Antônio devido ao trabalho que alguns setores ligados à preservação do meio ambiente fazem junto aos nativos, além da intimidação levada pelas autoridades e a pressão exercida pela opinião pública nacional. Aqui, sem pretendermos entrar no mérito e julgarmos os valores que norteiam o comportamento da comunidade de Santo Antônio, pensamos ser importante comentar que os indivíduos ali presentes, embora não procurem negar seu passado de tradição cultural, a este referem-se, em geral, como coisa que pertence aos antigos. Percebe-se, então, que o convívio dos habitantes da comunidade com o mundo urbano moderno faz com que se mesquem tradição cultural e modernidade. Tal pensamento pode ser mesmo apreendido através de algumas opiniões colhidas entre alguns nativos, que até mesmo negam a existência da farra do boi na comunidade de Santo Antonio.

As cantigas e brincadeiras fazem parte da tradição cultural dos imigrantes açorianos e devem ser vistas enquanto busca da preservação de uma identidade recebida de seus ancestrais. Considerando a composição organizada na qual as pessoas se reúnem para celebrar com alegria, contar cantando ou brincando as suas estórias, tal comportamento vem mostrar que a cultura açoriana nasceu e vive não só entre os descendentes dos primeiros imigrantes como também chama a atenção dos visitantes e turistas que acabam

por se deixar marcar pela mais pura manifestação cultural ilhoa.

No entanto, a manutenção destas tradições acaba por deixar-se influenciar pelas novas alternativas de lazer que o mundo moderno apresenta, tais como, os meios de comunicação de massa, novos tipos de dança... Também o contato próximo com a vida urbana e a necessidade de trabalhar fora da comunidade, tudo isto faz com que os mais jovens, especificamente aqueles que não mais mantêm vínculo com a atividade pesqueira, distanciem-se do antigo espírito de magia que dominava as cantigas e brincadeiras.

Mas, de qualquer forma, os folguedos permanecem junto às crianças e ainda muitos adultos orgulham-se da realização principalmente da Festa do Divino, que além de representar uma aproximação com os festejos religiosos, impõe-se também enquanto forma de atrair visitantes de outros pontos da Ilha, instituindo-se enquanto modo de angariar fundos para colaborar com as necessidades da igreja. Isto não equivale, no entanto, a perceber aqui a festa enquanto uma atividade estritamente voltada para o consumo, como se fosse uma mercadoria em oferta, pois a tradição que a Festa do Divino representa ainda é solene e respeitosa, trazendo um clima de sublimação contrário ao dia a dia de interesses imediatos.

5 - A ARTE DE TECER RENDA

A arte dos artesãos faz-se presente na Ilha de Santa Catarina e sua riqueza tem início com o aparecimento dos primeiros engenhos de farinha e de açúcar implantados no final do século XVIII e início do século XIX pelos colonizadores açorianos. Ainda hoje, no interior da Ilha, existem alguns desses primitivos engenhos movidos a força animal, mas percebe-se que, com o advento da tecnologia, houve uma gradativa substituição dos mesmos pelas máquinas movidas por outras formas de energia.

Dentre todos os tipos de artesanato, onde se inclui a confecção dos instrumentos de trabalho do pescador como as redes de pesca, anzóis, balaios..., destacamos a produção de rendas. É a figura da rendeira que cultiva este singular conhecimento herdado de seus ancestrais, através do qual, enquanto mulher, consegue expressar a sua criatividade, dando novas formas ao seu trabalho, além de demonstrar toda a sua sensibilidade e delicadeza.

Enquanto os homens dedicavam-se à pesca e ao cultivo,

"As mulheres voltadas para os diferentes trabalhos domésticos, ocupam-se de fazer rendas que elas trabalham com gosto, e a limpar o algodão que elas fiam nos fusos, com os quais elas fazem as roupas para toda a família. Elas tem formas graciosas e às suas figuras não faltam encontros nem expressão" (DUPERREY : 258)

A fabricação de renda até hoje só é feita após todos os

afazeres domésticos concluídos. Além de ser pouco o tempo dedicado a esta atividade, o lucro com a comercialização da renda é mínimo. Entendemos que o trabalho de rendar ultrapassa as questões de ordem econômica, pois a mulher rendeira, por meio de seu trabalho, expressa os seus sentimentos mais profundos, não obstante as suas mãos rudes e suas feições sofridas e mal cuidadas¹⁸. Entretanto, ela não é comumente "vista sob esta ótica", nem mesmo por seu próprio companheiro, que não consegue enxergar o valor de sua arte enquanto extrapolando o simples potencial de um trabalho comum.

A renda é uma atividade essencialmente feminina, na qual a menina era introduzida com a idade de seis a sete anos. No passado, portanto, quando a menina produzia a renda, a mãe era a responsável pela comercialização de seu trabalho e o dinheiro, geralmente destinado para complementar o orçamento doméstico. Para as meninas-moças, a produção de seus trabalhos era destinada à confecção de seu enxoval. Naquela época, segundo nos relata uma antiga rendeira, alguns pais, interessados na preparação do enxoval das filhas, conseguiam vender as rendas aos tripulantes dos navios que fundeavam no Porto da Aguada.

Segundo Anamaria Beck, (1983:14):

"O período em que dura a iniciação parece marcar, definitivamente, o fim da infância. A menina deixa as brincadeiras e é submetida a um treinamento que pode ocupar várias horas por dia, sob o controle de quem a ensina".

¹⁸Embora Duperrey se refira às rendeiras enquanto figuras com encanto e expressão, para nós a imagem desta mulher foi obtida através do contato com rendeiras mais idosas, uma vez que, como veremos adiante, atualmente são raras as meninas-moças que se dedicam a esta arte secular. É possível, assim, que Duperrey tenha colhido suas impressões através do contato com rendeiras mais jovens, já que a época retratada por este autor é o início do século XIX (1822).

Foi com mulheres que vivenciaram este processo de aprendizagem que tivemos a oportunidade de conversar em nossas entrevistas na comunidade. Estas mulheres também tentaram repetir o ensinamento às suas filhas mas a maioria destas não deu continuidade ao trabalho ensinado pela mãe rendeira. O elemento feminino na comunidade pesqueira sente muito orgulho e prazer por ter o conhecimento e a habilidade para fazer renda.

Hoje no entanto, são poucas as mulheres que cultivam exclusivamente esta tarefa. O número maior é daquelas que fabricam as rendas nas horas de folga, ou seja, no período noturno. Segundo o folclorista Doralécio Soares:

As rendeiras da Ilha de Santa Catarina, na sua maioria, descendem de portugueses da Ilha dos Açores; herdaram dos seus antepassados a arte de executar rendas, e ainda, na época atual, a transmitem às gerações que surgem". (1987:24)

Aqui lembramos que o estudo do folclorista Doralécio, se estende a toda a Ilha; já a nossa avaliação, é de apenas uma comunidade, onde são poucas as rendeiras que continuam a tecer renda, e é ainda menor o número das filhas destas mulheres que estão dando prosseguimento a esta atividade.

Os tipos de trabalhos produzidos pelas rendeiras de Santo Antônio são as rendas:

- a) Margarida : apresentam desenhos de bico-de-leque, bico-de-concha. São as rendas mais variadas entre todas as da Ilha e de grande aceitação por parte dos turistas.

- b) De arco : Estas são rendas que possuem formatos variados e que aparecem nas toalhas ou colchas através da execução em quadros montados nas barras das pontilhas de arco, concha ou leque, formando figuras de flores, favos...
- c) Céu Estrelado: É uma peça única, com bico de pato em ponto torcido e paninho com estrelinhas de perna cheia. O centro é quadrado com orela em ponto torcido, retângulos de meio-ponto e campo de perna cheia.
- d) Renda Bicuda : Este tipo forma uma roda de bico-de-pato, com centro em ponto trança, ponto torcido e ponto puxado, tendo no pequeno centro uma rosinha de perna cheia. Esse tipo de renda, geralmente é feito em jogos de diversos tamanhos. Segundo depoimento por nós colhido junto às rendeiras, esta é o tipo de renda que torna o trabalho artesanal mais lucrativo¹⁹.

Obtivemos a informação, através de depoimentos, que são muitas as rendeiras que desconhecem os significados dos desenhos. São raras as que criam, e aqui citamos o exemplo de D. Luiza, uma

¹⁹Aqui, para nos atermos à descrição dos diferentes tipos de rendas produzidas em Santo Antônio, baseamo-nos primeiramente nos depoimentos colhidos junto a algumas rendeiras locais, que nos informaram serem estas as rendas mais comumente trabalhadas naquela comunidade. Para a descrição conceitual destes quatro tipos de rendas apresentadas, utilizamo-nos da obra do folclorista Doralécio Soares (1997: 24-27), de quem praticamente transcrevemos "ipsis litteris" os informes contidos nesta descrição.

rendeira que viveu no início do século e produzia novos traçados. Mas, o que nos chama a atenção, é que os desenhos são inspirados em objetos existentes na natureza e que compõem e embelezam o universo: estrelas, flores, conchas...

No processo de comercialização da renda, a mulher percebe que através de seu trabalho é possível, de certa maneira, tornar-se independente de seu marido. Esta percepção fez com que ela passasse a buscar formas alternativas que lhe garantissem recursos imediatos de obtenção de dinheiro, o que acabou prejudicando sua atividade de rendeira. Assim, muitas foram aquelas que buscaram um emprego fora de casa, como doméstica, gari, auxiliar geral... Este fenômeno aumenta na medida em que ocorre a demanda de mão-de-obra, com a expansão do turismo, da pesca industrial, do número de pessoas que residem na comunidade e não se dedicam à pesca, tais como os profissionais liberais, professores e artistas...

Preocupa-nos, então, a rápida degradação do artesanato diante da impossibilidade de manter-se com o seu trabalho no mundo moderno. O artesanato é o representante da cultura açoriana. Os colonizadores que aqui se instalaram, conseguiram se estabelecer e dar vida ao seu conhecimento e à sua tradição. E, embora, por algum tempo, tenham sido capazes de preservar tudo isto, diante da atualidade sofrem um processo de degradação constante, por não conseguirem competir com o que a modernidade lhes apresenta e deles exige.

O trabalho artesanal não pode entrar em processo de produção industrial e deve-se resgatar o seu valor enquanto memória de uma cultura que aqui se estabeleceu e muito sofreu com as transformações instauradas pela modernização, tais como: a expansão

imobiliária, a presença dos turistas, enfim, o impacto gerado por valores culturais, morais, sociais vindos de fora. Por outro lado, acreditamos que a figura do artesão não deve e nem conseguirá manter-se isolada do mundo moderno. Ao contrário, a integração do artesão com a modernidade pode ocorrer, a partir do momento em que o trabalho artesanal passe a ser apreciado e valorizado enquanto objeto de arte e de troca, em condições assim, de competir com os produtos manufaturados. Cabe, então, resgatar e ampliar o valor do artesão para que ele possa se fortalecer e se realizar enquanto indivíduo, através da promoção de sua identidade histórica, fazendo com que esta seja o elemento capaz de preservar a origem mágica, mítica, e criativa de sua arte.

Assim, através do trabalho das mulheres rendeiras, podemos verificar que o conhecimento do saber fazer exercita-se e, enquanto fazem, cantam as cantigas que contam histórias. Isto significa que a arte de rendar não só mantém viva a tradição, mas invoca através do fazer todo o saber que esta tradição cultural passada legou. Neste exercício ocorre o ensinamento dos mais velhos para os mais jovens e a história dos ancestrais torna-se conhecida.

CAPÍTULO II

O UNIVERSO DO PESCADOR ARTESANAL

1 - CARACTERIZAÇÃO DO PESCADOR ARTESANAL

Se dispusermos apenas do olhar, torna-se difícil conhecer o ritmo de vida da comunidade de Santo António de Lisboa. Este ritmo aparentemente assemelha-se ao de Florianópolis, região urbana, tanto no que se refere à vida produtiva como, quando, no período de verão, tudo parece ser marcado pela presença do turista.

Enquanto os pescadores continuam a viver na sua comunidade praticamente de origem, os filhos partem para o centro da cidade em busca de um novo tipo de trabalho. A cidade tem um sentido diferente para os pescadores mais antigos: nela encontra-se o mercado, com a presença do atravessador, a quem o pescador deve sujeitar-se quando da comercialização do produto da pesca; também as casas comerciais que fornecem os suprimentos para satisfação das necessidades do cotidiano. E é na cidade, que o pescador se defronta com uma outra realidade mais ou menos distante daquela do seu dia a dia: são os meninos que pedem esmolas, são os barracos caracterizados como casas, as filas que enfrentam quando freqüentam o banco, o movimento de carros e ônibus...

Eis o depoimento de um pescador que nunca fez nenhuma viagem mais longa do que a ida ao centro da cidade:

"Quando desço pro centro da cidade, aquele dia eu não presto. Primeiro vô prá fila do banco (7 horas da manhã) e lá fico horas até eu sé atendido. Depois eu desço prá vê como é que tá o mercado público, aquilo também vive cheio de gente. E lá até o terminal de ônibus tem aquelas criancinha pedindo um prato de comida. Eu dô. Às veiz mil pra um, pra outro pago um café ou um prato de comida. Eu não posso vê essas coisa, fico aguniado."

É difícil a aceitação por parte do pescador da realidade que a vida urbana apresenta, porque na comunidade na qual ele vive existe uma certa igualdade social, mesmo com diferentes posições econômicas entre os próprios grupos de pescadores.

Diegues comenta:

"O não-surgimento de camadas sociais diferenciadas residia, a nosso ver, no fato de a apropriação material dos recursos renováveis da natureza ser feita através de meios de produção de fácil acesso. (...) E o mar, também enquanto objeto de trabalho, podia ser explorado por qualquer um dos pequenos produtores, com instrumentos de produção relativamente simples. Além disso, a própria natureza da atividade pesqueira dificultava, no interior das praias e comunidades de pescadores, a acumulação do excedente e do capital" (1983: 224-225).

São elementos que caracterizam o pescador artesanal de Santo Antônio de Lisboa, e ao aprofundarmos o universo local, podemos encontrar e conhecer o jeito e o modo de ser destes indivíduos, como se integram nas múltiplas formas e significados, tanto no que se refere ao plano das relações materiais quanto às relações que dizem respeito ao imaginário, sejam elas individuais ou coletivas.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, conforme nos faz ver Maldonado, pescadores são os:

"trabalhadores que se dedicam à captura de pescados e exercem as funções de membros das tripulações de barcos pesqueiros, executando diversas tarefas de pesca de altura - no caso dos pescadores marítimos, ou de tarefas específicas da pesca de água doce e águas costeiras. (...) os coletores de esponjas e pérolas, algas e sargaços, moluscos e crustáceos, os ostricultores, baleeiros e caçadores de focas" (1986:11).

Baseado neste conceito podemos conhecer a identidade do pescador artesanal, que muitas vezes assume as atividades da pesca ainda na infância, acompanhando os pais no papel de ajudante. Esta atividade proporciona um conhecimento específico para a criança, que acaba assumindo atividades de adulto, adquirindo, com o passar do tempo, o domínio sobre o mar, com o manuseio dos instrumentos de pesca.

Eis alguns depoimentos de pescadores que iniciaram atividades muito cedo:

"Eu fazia o papel de um homem, era tudo a remo, levantava uma, duas horas da manhã, saía prá apanhar a isca; a gente pegava a canoa, a dois remos de par, então o meu pai achava que tinha que remá de um lado, eu não podia pedir prá trocar".

"E eu ensino os meus filhos a pescar, porque um homem tem que aprender de tudo. É porque um dia que ele se achar mal no negócio, ele sabe pescar, sabe uma profissão".

Conduzir o filho para a vida produtiva é decisivo para o pescador artesanal, e, com este objetivo, ele classifica as tarefas

desempenhadas, usando como critério o sexo e a idade. Esta forma é justificada por pescadores de Santo Antônio, como sendo o ensinamento de uma profissão para o filho; embora este possa não querer ser pescador, mesmo assim, conhece esta atividade, que poderá ser a principal ou alternativa; o que importa é que assim terá uma possibilidade de auto-sustento.

Mas, ao final, o filho do pescador busca maior vinculação com a economia de mercado na cidade e isto atinge a auto-suficiência que o pescador tinha com a mão-de-obra disponível. Mesmo enfrentando esta relativa perda, os pescadores artesanais de Santo Antônio permanecem num imobilismo, pois estes indivíduos continuam vinculados ao local de nascimento e não demonstram, em nenhum momento, vontade de deixar sua comunidade, antes pelo contrário, sentem muito orgulho de serem nativos e de sua condição de pescador.

E é nesta simplicidade de vida que se enquadra o pescador artesanal, cujas características são espelhadas no perfil físico e psicológico traçado por Laberge:

- "- não tem essa agitação que outra pessoa tem;
- vive incerto quanto ao fruto de seu trabalho;
- é mais individualista que o agricultor, tem um olhã, e no mar, engana até o próprio pai;
- não tem horário para nada: os planetas são seu relógio;
- vida mais perigosa e aventureira (tempestades, peixes ameaçadores);
- o sol causticante e seu reflexo na água e a salinidade o fazem envelhecer mais depressa e causam a cegueira;
- é mais livre e dono de si, enquanto o operário é vigiado;
- é mais artista, mais sabido, faz trabalhar os 'miclos' mais que o agricultor" (1990. p. 238-239)

Diante deste quadro, o conhecimento especial de que o pescador deve estar imbuído para conseguir vencer a inconsistência das águas, a incerteza sobre o resultado da pesca e da volta para casa, ou seja, o contato com a aventura, a necessidade de ser esperto para a localização do cardume... Tudo isto faz com que o pescador desenvolva um tipo de relacionamento com o mundo do qual ele muito se orgulha.

Ao comparar-se com o agricultor, o operário, e com outros profissionais, ele encontra motivos para valorizar muito a sua profissão, pela liberdade que ela lhe propicia, não se preocupando com o horário a cumprir de entrada e saída do trabalho, ou seja, não se submetendo ao corre-corre que os operários urbanos enfrentam todos os dias.

De certa forma podemos também citar como característica do pescador a sua resistência a transformações, principalmente às que estão ligadas a valores pessoais, conservando os seus costumes, as lembranças e as superstições, conforme iremos verificar mais adiante.

Essa idéia pode ser melhor apreciada através do depoimento que se segue:

"Ah! Eu sinto saudade do tempo em que não havia estrada, só picada, a gente andava a cavalo. Aqui era uma calma. Era só jogar a rede e trazer cheia de peixe. As pescas só se encontravam no domingo prá rezá o terço. Daí nós conversava e brincava. Era tudo brincadeira sadia. Hoje a gente escuta que o fulano matou a ciclana. Que a menina engravidou. Os casais não se respeitam mais. Virou tudo uma pouca vergonha."

Vida monótona para quem a vê de fora, aparenta determinada fixidez histórica. ~~Falta-lhe~~ ^{Falta-lhe} a idéia do progresso - que é moderna. Progredir é mudar sempre.

No depoimento podemos verificar um certo imobilismo histórico do pescador artesanal; ele cultivava sentimentos que fazem com que resista às inovações implantadas pela modernidade. Aceitar o "novo" exige mudanças. De certa forma, não pertence aos valores do pescador o ideal do progresso, o qual exige que se aceite como inevitável a instabilidade da vida. E talvez estas mudanças atinjam diretamente a liberdade encontrada no seu universo, liberdade que se dá numa aparente monotonia, se levarmos em conta que o mar é ambiente inapropriável e indivisível. Esta hipótese fundamenta-se também se considerarmos o fato de que produzir no mar dá ao pescador o sentimento de que seu trabalho não pertence a ninguém, senão a si próprio e que isto o distingue dos demais. Pode ser, então, que a resistência às mudanças esteja ligada ao receio que ele tem de perder este relacionamento, até certo ponto livre, com a natureza, enquanto forma de sustento e de trabalho.

Segundo Maldonado,

"Os pescadores são considerados céticos e mal-receptivos quanto a informações vindas de fora do seu meio, seja a propósito de modos de pescar seja no que diz respeito ao cooperativismo e ao assalariamento." (1986:33)

O pescador se basta em si mesmo. O fato de se sentir livre, por poder dispor de seu tempo, por saber como encontrar alimento para sobreviver, faz com que ele desconheça ou menospreze muitas necessidades atuais, impostas pela sociedade moderna e pelo ideal

de consumo. Assim, a ele não importa o ganho exagerado, ao contrário, contenta-se com o pouco de que dispõe. Não lhe interessa a conquista da cidade, do mercado, do mundo. Apenas a conquista do seu sustento diário. Talvez esta postura derive de sua religiosidade, já que o indivíduo aqui acredita no sobrenatural, no castigo divino, na vida após a morte e, principalmente, na simplicidade como modo de se obter o perdão. Assim, ele não pertence ao mundo do trabalho a todo o custo, à ética do sucesso, do lucro e do progresso.

Por outro lado, ele não se sente diminuído em relação aos outros homens. Sua racionalidade voltada para a incerteza, sorte, destino, dependência dos fatores naturais, situam-no enquanto orgulhoso de possuir um saber próprio. Aqui, ele volta-se para si mesmo e desconfia e se guarda das informações e influências externas temendo tornar-se dependente, sofrendo, como consequência, a perda de identidade, principalmente se aderir às inovações tecnológicas.

O pescador artesanal possui o domínio do processo de produção, porque desenvolve várias atividades quase que simultâneas, como a de motorista, remeiro, proeiro... A sua maneira de ser permite e exige cumprimento de variadas funções, baseando-se em conhecimentos empíricos e também em informações gerais obtidas através das trocas com os demais companheiros. De maneira geral, tais noções, conceitos, bem como a organização de seu trabalho, constituem condições essenciais na sua vida produtiva, diferenciando-o dos demais trabalhadores.

As tipicalidades encontradas na atividade pesqueira são desenvolvidas por um indivíduo que, ao considerarmos os aspectos físicos, sofre fortemente a influência do ar, da água e da terra. A força dos ventos que sopram à beira mar testa a resistência das fibras, como consequência, a pele fica com aspecto de queimada, ressecada e grossa. E isso não acontece somente com a pele, mas também com os músculos: os corpos são capazes de resistir por longo tempo à ação dos elementos naturais. A atmosfera, a proximidade da água do mar, a alimentação composta basicamente de peixes, são fatores, que determinam a saúde e também as doenças, que geralmente concentram-se na pele, devido ao suor e ao sol forte. Casos de doenças pulmonares ocorrem principalmente nas épocas de inverno.

A pesca é uma atividade penosa e quase não deixa dia de folga: só a maré consegue impedi-la. Não havendo nesta profissão nenhum amparo legal, toda a enfermidade que impossibilita o trabalho acarretará, conseqüentemente, a falta de alimento. E quando o pescador está longe do mar, sente saudade dele, pois "pescador não morre de doença cardíaca, nem de nervos" e tudo isso ajuda a forjar uma personalidade típica.

Outras características perceptíveis no pescador são o gosto pela vida que leva, pela dança, pelo prazer da paixão não reprimida e pela liberdade; o que não deixa de vir acompanhado da propensão à embriaguez. E é na pesca que o indivíduo normalmente se satisfaz, e nela alcança o sentimento de alegria e liberdade, numa espécie de convivência fraterna com o companheiro de trabalho. Sem dúvida o mar influencia as atitudes das pessoas que nele trabalham, estabelecendo entre si normas éticas determinadas, a iniciar pela

divisão imaginária dos locais de pesca, respeitando cada um o seu espaço conquistado ou determinado pelo grupo.

Para ampliarmos esta discussão, trazemos o conceito de normas éticas de Agnes Heller (1982:149):

"As normas éticas tradicionais das sociedades mais conservadoras deixam menor espaço às decisões do indivíduo. O sujeito utiliza, em situações concretas, normas éticas já recebidas como herança. E, diante de normas contraditórias, ele deve decidir qual é a prioritária".

Mesmo com o estabelecimento normativo de locais de pesca, muitos são os pescadores de Santo Antônio que se sentem em total autonomia quando estão no mar. Podemos senti-lo nos depoimentos que se seguem:

"Olha, te digo assim que a pescaria prá mim foi o maior remédio para meus nervos, foi a terapia, porque quando eu começo a sentir uma coisa dentro de mim eu preciso pegar meu barco e ir pró mar. Já passa tudo".

"Eu não me sinto livre; a não ser quando eu estou sozinho, com Deus e quando estou pescando".

Nestes depoimentos, percebemos que a liberdade pode se dar num espaço físico delimitado, onde o indivíduo atinge o sentimento de realização. No entanto, tal sentimento inclui também a emoção que o pescador manifesta quando fala do seu olhar que contempla o mar, e mesmo quando procura narrar a sua existência em geral. Para os pescadores o mar é considerado patrimônio comum, mas cada um mantém o seu segredo em relação aos bons locais de pesca, ao vento, à lua, à natureza enfim.

Aqui, de acordo com Maldonado:

"A forma de divisão ou de delimitação do espaço produtivo no mar é feita através do estabelecimento tradicional de bancos de pesca explorados por um ou mais grupos. Através do conhecimento dos caminhos marítimos e do comportamento das diversas espécies de peixe e crustáceo os pescadores realizam o acesso aos bons locais de pesca. Aqui é importante a tendência ao segredo e à ocultação das rotas, comportamento bastante freqüente num processo de apropriação simbólica do recurso." (1986:33).

Concluimos, então, que através do retrato do mundo material e do perfil físico-psicológico do pescador artesanal, percebe-se no indivíduo, conforme já visto, que nele existe sentimento de orgulho de sua profissão, ligado à idéia de liberdade, ao domínio dos perigos oferecidos pelo mar, à astúcia necessária para a captura do peixe, à camaradagem entre os companheiros... E, embora a vida em geral não lhe seja fácil, o pescador acaba por suprir as necessidades de sua família de forma simples, mas contínua.

2 - A CONSTITUIÇÃO DAS FAMÍLIAS

Até o início deste século, as famílias que compunham a sociedade de Santo Antônio estavam ligadas à sua origem primeira - açoriana. Conforme mencionamos anteriormente, viviam da agricultura e da pesca. Para manter estas duas atividades econômicas era necessário ter um número considerável de filhos. A partir de conversas realizadas soubemos que algumas famílias chegaram a ter vinte e cinco irmãos.

O depoimento de casais confirma este dado: desconhecidos os métodos para controle de natalidade, as famílias pensavam em ter de dezoito a vinte filhos:

"porque era uma mão-de-obra firme e barata, porque até os catorze, quinze anos, um rapaz não gastava quase nada porque, num sítio, o que é que se usa ? Tem uma roupa para ir à missa, camisa, paletó, calça e um tamanco. Quase não se usava sapato. E um chapéu de palha. Isso durava uma porção de anos" (CASCAES, 1989:37).

Entre os pescadores, os mais velhos, hoje com idade mínima de cinquenta anos, confirmam que foi com a idade de 15 anos que ganharam o primeiro terno, o chapéu e calçaram o primeiro par de sapatos. Já os mais jovens calçaram seus primeiros pares de sapatos mais cedo, conforme podemos verificar neste depoimento dado por um

pescador:

"O meu primeiro calçado ganhei de meu avô, dizem que era o neto xereta. Então ele me pegou pela mão e me levou na venda do seu Izílio e comprou um tamanco de salto de madeira de cor vermelha".

É importante perceber que nestes relatos aparece com maior evidência a figura masculina. Até porque as meninas ficavam "guardadas"; elas não apareciam em público, principalmente se esse fosse composto de homens. Cascaes comenta:

"Nos sítios, quando chegava algum estranho, as mulheres eram obrigadas a se esconder. (...) Nas casas, (...) havia um gradil, miudinho assim, nas janelas, nos quartos, e a mulher ficava sentada atrás daquele gradil fazendo renda, fazendo bordado, de lá ela espiava para a rua, mas não aparecia". (Ibid:41)

A mãe é que tinha responsabilidade direta na educação da filha. Ela ensinava à filha os afazeres domésticos, fazer rendas, bordados ou crochê. Poucas foram as que freqüentavam a escola. Quando a menina atingia doze anos, era apresentada pelo pai a seu futuro companheiro. Não havia possibilidades de escolha. Geralmente a menina era apresentada para se casar com alguém mais velho; além de não ser bem tratada, acompanhava todo o trabalho, fosse na agricultura ou na pesca, não havia cuidados na sua alimentação; assim, tinha seu organismo frágil, engravidava e muitas vezes morria. Também era comum as moças, quando casavam, irem morar junto com os pais do rapaz. Quando isto ocorria, a elas era repassada toda a responsabilidade da casa, além de ajudarem no engenho e na colheita do café pertencentes à família.

Com o passar do tempo, houve uma pequena evolução no comportamento da mulher açoriana instalada na ilha. Cascaes compara esta evolução, das mulheres de origem açoriana que vivem na ilha de Santa Catarina com aquelas naturais dos Açores e que lá ainda vivem. Segundo o autor, nos Açores, as mulheres continuam fugidias e amedrontadas, enquanto que aqui na Ilha elas foram abandonando aos poucos as antigas lembranças e costumes e, como as bruxas, abrandaram-se, devido ao clima diferente, ao sol radiante, às lindas praias, à mata rica que embeleza e contagia. (cf. 1989:41)

A avaliação de Cascaes tem consistência; aliás, já no século XIX, os viajantes estrangeiros relatam a hospitalidade como uma das características dos que aqui viviam:

"A gente da terra havia sido gentil, hospitaleira e acolhedora. Toda a família, da qual me aproximava, estava pronta a saciar minha fome, compartilhando comigo sua alimentação" (LANGSDORFF, 1990:173).

Assim, aos poucos, foi se esquecendo o tipo tradicional e a mulher começou a integrar-se na vida coletiva. A sua participação não se limitava mais somente à família, e muitas alterações ocorreram a partir do momento em que as mulheres começaram a escolher livremente os seus namorados, apesar de que tinham que ser do agrado do pai.

Procurando demonstrar que, apesar das mudanças, ainda sobrevive boa parte do comportamento tradicional, e que a figura do pai representa a autoridade maior sobre as questões familiares, recorremos ao depoimento que se segue:

"Eu gostava de outro, namorei quatro anos com ele. A gente se encontrava nas festas. O meu pai

não gostava dele e me batia muito por causa dele. No final eu disse que não ia dar certo por que o meu pai prometeu que iria me matar se eu casasse com ele. Daí aceitei casar com meu marido. Em dois meis noi vamos e casamos".

Existia nesta época a figura das "mucamas", mulheres que levavam recados para a comunicação entre os jovens apaixonados. Esta era uma forma de revelar o amor a alguém de maneira discreta e enquadrar-se dentro daquela manifestação cultural descrita anteriormente, e denominada "Pão-por-Deus".

A outra forma dos jovens se encontrarem acontecia nas reuniões que a Igreja promovia, quando se ia à missa, usando como meio de transporte o cavalo, a carroça ou o carro de boi. A igreja era considerada ponto de encontro, principalmente nos dias considerados santos, nas festas religiosas. Nestas datas, aconteciam as danças e os primeiros flertes e namoros.

A moça pela qual um rapaz de outra comunidade se enamorava, geralmente casava-se com ele, tendo os dois conversado apenas algumas vezes. Enquanto ela aguardava o próximo encontro, era comum o rapaz namorar outras jovens. Neste tipo de relacionamento, havia muitos casos em que a moça engravidava e, então, era comum o rapaz manter a sua palavra, assumindo o compromisso de casamento. Depois de casado, o homem continuava a frequentar bailes, a ter seus "casos" com solteiras, enquanto a mulher ficava cuidando dos filhos e da casa. O homem justificava suas atitudes, dizendo ter se casado "por obrigação", e não porque realmente gostasse dela. E todos estes casais permanecem juntos até hoje, até porque a separação é algo ainda inconcebível.

As mulheres, sobretudo as mais maduras, relatam explicitamente

o tratamento de indiferença que recebiam de seus maridos. Muitas delas lamentam-se pela escolha feita, também influenciada pela mãe, insinuando como hipótese um casamento com outra pessoa:

"Quando eu era solteira, a mãe não deixava í nos baile, só na missa. E sempre tinha que í com a pessoa que ela determinava. Nóise chorava, mais sempre fazia o que ela queria.

Com dezesseis ano comecei a namorá com ele, eu gostava de outro, mais como era preto a família não dexó o namoro. Acabei sendo carregada por ele.

Vê que hoje ele me engana. Diz que vai pró centro e ele vai é na casa da outra. Eu conheço ela e já disse que ela pode ficar com ele, mais ele tem que me pagá uma pensão que é prá mode vivê. Às veiz eu penso, se tivesse casado com o outro eu não tinha que passá por isso. Os meus fio ficaram tudo contra ele, e disseram prá ele saí de casa".

A maioria das mulheres assumia a educação dos filhos, e era exigida uma obediência cheia de temor à figura do pai, muito embora este pudesse nutrir grande amor e carinho pelos filhos. Por outro lado, é quase que unânime a opinião em Santo Antônio de que a doença nas famílias de pescadores é um fator marcante em suas vidas. Muitos óbitos foram causados por epidemias, outros por desnutrição e tanto umas quanto a outra tinham como causa, segundo os pescadores, o embruxamento do corpo doente. Tais doenças eram tratadas com curandeiros ou benzedeiros através de xaropadas, rezas, sessões de energização para o afastamento da bruxa.

Conforme veremos no próximo capítulo, o receio e a crença nas bruxas estão presentes até hoje. Esta foi, e pode-se dizer que ainda é, uma questão muito séria, porque os que admitem terem sofrido o embruxamento e conseguiram sobreviver, dizem terem ficado "com a cabeça fraca", que nunca conseguiram "ir muito adiante nos

estudos", ou seja, mesmo tendo vontade de aprender e freqüentando a escola, pouco conseguiram. A mesma dificuldade ocorre quando se faz necessário definir uma profissão. Muitos argumentam que, por terem "a cabeça fraca" não conseguiram ir além de auxiliares nas embarcações de pesca.

Tal idéia está, por exemplo, relacionada no depoimento que se segue:

"Todo começo de ano a minha mãe me botava na escola. Eu não faltava, mas pouco aprendia. Quando ela via que eu sempre ficava na mesma, me tirava; mais também coincidia com a pesca da tainha. Eu só voltava prá escola quando começava o ano. Assim em treis ano de iscola eu só sei mal i mal fazê o meu nome".

Na medida em que as crianças cresciam, elas iam assumindo as divisões das tarefas que se constituíam mais ou menos desta forma: os meninos, depois de voltarem da pesca, colhiam berbigão, ostras, mariscos e saíam pelo vilarejo oferecendo seu produto para as famílias dos não pescadores. A tarefa de colheita e oferta do produto, muitas vezes, tinha, também, a participação das meninas. Geralmente o peixe era trocado por café, açúcar e sal. Às crianças cabia também o acompanhamento do trabalho na lavoura, nas farinhaçadas, na ordenha das vacas... E à noite as meninas sentavam ao lado de suas mães para aprenderem a fazer rendas, bordados.

Desse modo, percebe-se que as crianças pouco brincavam, e só algumas freqüentavam a escola. Havia aquelas que chegavam a concluir o curso primário, mas a maioria mal aprendia a escrever o próprio nome, pois, na época da pesca da tainha e do camarão, ou na época das colheitas, as crianças tinham que abandonar os estudos

para auxiliar seus pais.

Ao questionarmos, como se sentem hoje por não terem frequentado a escola, quase todos, com conformidade, justificam a necessidade que os pais tinham do seu trabalho. E muitos ainda afirmam que, graças à retirada deles, é que puderam aprender outras profissões, como as de canoeiro, de artesãos de tarrafas, redes, balaios... A maioria dos pescadores afirma com certa satisfação: "eu sei fazer de tudo um pouco".

Muitas famílias com menor número de filhos procuravam esmerar-se na educação dos mesmos, e, dessa forma, permitiam a entrada de novos valores que foram responsáveis por mudanças sociais. Esta necessidade exigia da própria sociedade uma estrutura organizacional que facilitasse o acesso ao conhecimento científico e ao exercício da cidadania. Assim, partindo deste cuidado, surgiu a primeira escola de alfabetização em Santo António de Lisboa já nos fins do século XVIII. De carácter particular, tinha como seu mentor e responsável o Padre Lourenço Rodrigues de Andrade, que ali ensinou as crianças até os primeiros anos do século seguinte (1821)²⁰.

Atualmente, existe na comunidade apenas uma escola, pública,

²⁰Estes dados aparecem em Soares (1990:119), que nos relata também a existência em Santo António de cinco escolas particulares, já no ano de 1829, quando toda a província contava com apenas vinte e sete.

Aqui vale a pena citar, que atualmente os professores que fazem parte do corpo docente da Escola Dr. Paulo Fontes não são pessoas que nasceram ali, e sim de indivíduos que residem principalmente no centro da cidade.

Outro aspecto a considerar, refere-se aos filhos dos pescadores, não é muito comum encontrá-los prosseguindo os estudos, parando geralmente no 1.º Grau. Foram raros os casos que conhecemos de frequência à universidade.

denominada Escola Isolada Dr. Paulo Fontes, construída pela Prefeitura Municipal no ano de 1954. Este estabelecimento de ensino, cujas dependências tivemos a oportunidade de conhecer, segundo informações colhidas não só entre professores como também entre os pais de alunos, procurou integrar a atividade educativa às características significantes de uma comunidade pesqueira artesanal.

Sob esta perspectiva, procurou-se voltar parte do trabalho pedagógico para questões ligadas ao mar, à pesca. No entanto, houve resistência por parte de alguns pais que, alegando ser a escola o local para se "aprender a ler, escrever e fazer contas" e não para "criança brincar", manifestaram sua resistência a esta prática, principalmente, quanto às atividades recreativas que utilizavam a praia, a sombra...

Podemos, na verdade, distinguir dois posicionamentos diferenciados quanto à opinião dos pais pescadores em relação à escola. De um lado, temos aqueles que explicitam claramente que a atividade escolar é importante para que seus filhos aprendam a ler, escrever, fazer contas, o que lhes facilitaria a comercialização do seu pescado. Por outro lado, existem aqueles que dão pouca importância à escola, por acreditarem mais em seu próprio saber, enquanto fonte segura para garantir a sobrevivência.

De qualquer forma, podemos estabelecer no contexto histórico da comunidade de Santo Antônio de Lisboa uma diferenciação entre o que poderíamos denominar de descendentes de famílias mais "regiamente" estabelecidas, em contraste com as famílias humildes, descendentes dos imigrantes açorianos. Enquanto para os primeiros a

escola parece ter ocupado papel de importância já a partir dos fins do século XVIII e primeiras duas décadas do século XIX, durante o ensino privado do Padre Lourenço Rodrigues de Andrade, para os outros, a presença da escola parece ser um fenômeno mais atual, quando da inauguração da escola pública em 1954.

Detendo-nos nesta avaliação, podemos considerar que na virada do século XVIII Santo Antônio parecia prosperar, mas, aos poucos, houve uma espécie de reversão e, já no século XX, as famílias antes proprietárias de fazendas de café, casas de comércio, engenhos de farinha, acabaram engajando-se no serviço público ou exercendo outras atividades na cidade. Por outro lado, os pescadores continuavam na atividade e seus filhos, muitas vezes, tornavam-se empregados domésticos, balconistas...

Assim, se a escola anteriormente fora o local de referência para os filhos daqueles que ambicionavam "erudir-se", hoje representa a esperança daqueles que simplesmente se referem à importância do "saber ler, fazer contas, fabricar redes e colocar o barco na água". Referindo-nos ao comportamento destes últimos, os filhos de pescadores, constatamos que geralmente são poucos os que assumem sua condição e os que assim o fazem demonstram ter um comportamento mais extrovertido, falam muito rápido e contam histórias vivenciadas pelos seus pais.

Ac conhecemos a constituição da família de Santo Antônio, percebemos que houve mudanças em toda a questão que permeia os valores e conhecimentos nela contidos. Por exemplo, no início da colonização a comunidade ali presente vivia sob forte influência católica e, com o passar do tempo, começando a diminuir a

mortandade infantil (a partir do início deste século), o intervalo entre um e o outro filho começa a ser maior; a Igreja distancia-se um pouco das decisões familiares. Ao mesmo tempo, inicia-se o acesso ao progresso tecnológico que se instala juntamente com o crescimento e desenvolvimento da cidade, ampliando as relações no cotidiano, entre indivíduo e modernização.

3 - A SOCIABILIDADE DO PESCADOR ARTESANAL

O homem por nós analisado neste estudo são indivíduos que viveram e ainda vivem parcialmente da pesca artesanal. Sua vida cotidiana, à primeira vista, parece monótona, não se revestindo de qualquer fato extraordinário que mereça atenção. Tudo caminha normal numa comunidade que há decênios tem seu centro na atividade pesqueira. A vida de cada um começa com a aprendizagem relacionada ao conhecimento técnico e prático necessário para o pescar, como numa sucessiva corrente repassada de geração a geração. Tudo parece meio parado, sem movimento, sem história. E, no entanto, é esta aparente estaticidade que constitui o fazer histórico da comunidade de Santo Antônio de Lisboa que tem a sua vida, assim como tem suas redes de pesca. Vale citar Maffesoli:

"a atenção dada ao cotidiano acentua o gesto ou os gestos anódinos, que constituem a vida de nossas ruas, de nossas feiras; e que, além disso, estruturam esta vida sem qualidade, tantas vezes tida como insignificante, que no entanto, é o 'resíduo' (V. Pareto) em torno do qual se articula, em seu mais amplo sentido, a troca social".
(1988:221)

A prática social geralmente torna-se mais complexa, na medida em que há inserção de novos conhecimentos e valores na vida do indivíduo, levando-o a transcender seu estado anterior, alterando a

sua objetividade, subjetividade e intersubjetividade. Novas situações surgem, mesmo que, às vezes, lentamente. A frequência à praia, por exemplo, favorece diversas formas de comportamento e nela desenrolam-se vários tipos de convívio. Pode ser o encontro consigo mesmo, com outras pessoas, ou o fazer com que a observação passe a ser a principal ocupação. Isto gera uma ampliação nas relações do pescador, porque ele passa a conviver com indivíduos que buscam nas praias o lazer ou o medicamento adequado para seus problemas de saúde²¹.

A invasão da praia pelos turistas provoca, de imediato, a urbanização, o que gera um choque entre os valores do habitante primitivo - o pescador - e esse novo e inicialmente estranho elemento que vem de fora e que traz consigo os valores do mundo sofisticado da cidade.

Uma das conseqüências desse choque social e cultural é o questionamento duma normalidade (de vida, de valores...), e sobretudo da superação relativa da idéia de imoralidade por parte

²¹ Sob este último aspecto devemos observar que o mar surge como uma grande fonte de recursos para suavizar as ansiedades e melancolias do espírito, bem como para tratar dos males físicos. A medicina busca soluções para os doentes e a praia é uma grande fonte terapêutica. No enfrentamento das ondas, por exemplo, ocorre uma espécie de contração e relaxamento simultâneos que aliviam a tensão e a dor. Deste modo, o homem deseja a superação dos efeitos perversos daquele medo doentio que, muitas vezes, o impede de agir. E a medicina aposta neste desejo. Depois de ter superado o temor do choque e tomado o seu banho de mar, percebe-se que houve um aumento do apetite e o homem põe-se a saborear o seu peixe para, em seguida, descansar e tentar aliviar suas preocupações. A medicina também aposta no movimento dos barcos, pois tal visualização é benéfica para os olhos daqueles que o vislumbram, assim como o brincar, o correr, o caminhar pela praia e aquele contato com o ponto em que a água se encontra com a areia, constituem-se numa forma de alcançar uma espécie de harmonia entre o corpo e a alma.

do pescador que se vê diante de novas formas de vestuário, de comportamento e de relacionamento. O banho de mar é um forte fator de distração e, para sua prática, dentro do aspecto sexual-moral, passa a existir um contato maior e mais desinibido entre homem e mulher que tem como consequência a diminuição da preocupação com o medo da violação ocular, com a perda da privacidade e das hierarquias sociais.

No entanto, dentro de uma perspectiva histórica, conforme nos faz ver Corbin, a sociabilidade de um contato mais natural e livre de preconceitos nem sempre caracterizou a relação entre os indivíduos, na praia, diante do mar. Para a antiguidade, por exemplo, o litoral é representado como "assediado pela irrupção possível do monstro, pela incursão brutal do estrangeiro, (...) lugar natural da violência inesperada, (...) palco privilegiado do rapto" (1989:24). Já no século XVIII, vivencia-se uma relação paradisíaca e terapêutica entre o homem e o mar, através do banho, do contato com a areia, das caminhadas, do prazer das conversas descontraídas... Parece, então, ser este o momento em que os indivíduos se voltam, de fato, para o banho de mar, para as areias da praia, enquanto forma e lugar de encontro com esta forma de satisfação que somente o litoral pode propiciar.

Mas, ainda nessa época, que parece, assim, iniciar o rompimento com a privacidade que cede, então, lugar à mostra do corpo e a uma nova forma de observar a figura feminina²², todo o

²²Aqui vale lembrar o uso do binóculo em Brighton, Inglaterra, nos fins do século XVIII, quando os homens procuravam observar as banhistas "não apenas quando elas voltam em desordem do mar, mas enquanto correm, saltam e chapinham em seus bordos lamacentos como Náiades em roupas de flanela". Citado por CORBIN (1989:90).

cenário estava muito longe de poder conter a desinibição presente nos dias atuais. Para ter-se uma idéia da precaução que envolvia o banho de mar recorreremos à descrição apresentada por Corbin de uma carruagem de banho utilizada já em 1735 pelos habitantes nas praias inglesas e que tinha como finalidade preservar a sua intimidade:

"Todas comportam um assento estofado, geralmente coberto de veludo. No interior, a que se tem acesso por uma pequena escada na parte traseira do veículo, o banhista encontra toalhas, uma roupa de banho seca, às vezes um capote ou roupão que vestirá quando sair; uma escova para massagens, uma descalçadeira e um espelho completam o equipamento. A carruagem avança dentro d'água, até uma profundidade de uns vinte centímetros.. Os 'banhistas' auxiliares estendem às vezes um toldo de brim para abrigar sua cliente do sol forte e dos olhares indiscretos; ajudam-na a descer alguns degraus da escada, amparando-a a seguir na água. Na volta, apressam-se em fazê-la subir na carruagem, onde ela se enxuga, se fricciona e procede uma rápida toailete" (1989:92-93).

Assim, observamos que as areias da praia, o verão e o mar, não obstante todo o temor de quebra da privacidade enquanto princípio moral, conforme sugerido na passagem acima, faziam despertar este lado prazeroso do contato do corpo com o sol, o vento, as águas, a salinidade... De qualquer modo, a procura pelo litoral, a partir de então, vai se intensificando e conseqüentemente a mudança de comportamento acaba por conduzir a novos padrões e hábitos, onde a total desconcentração dos banhistas engendra uma sociabilidade na qual o aristocrata e o plebeu, o homem e a mulher, o turista e o pescador, se mesclam.

A privacidade da mulher é compartilhada na medida em que ela aparece no espaço público, com seus cabelos soltos, pés descalços, os quadris à mostra; são imagens de sensualidade recheadas de uma

intensa carga erótica. Assim, uma espécie de arte de viver modela-se no cotidiano das praias, resultando numa sociabilidade maior, através de atitudes coletivas, que também provocam a liberação dos rígidos padrões morais anteriores.

Percebe-se, aqui, que houve uma profunda transformação quanto ao desempenho feminino no que se refere ao papel da mulher na sociedade industrial moderna em relação a períodos anteriores. A distinção clara entre a vida pública e privada antes podia determinar de forma bem efetiva as funções da mulher, já que esta devia permanecer guardada em casa, cuidando dos afazeres domésticos, abstendo-se de qualquer participação fora do lar, exceto do cultivo da religião; no mundo moderno, no entanto, é exigida a presença da mulher, de forma cada vez mais atuante, no mercado de trabalho. Tal exigência acaba por conduzir à participação feminina em todos os níveis e segmentos sociais. Aqui, também consideramos a travessia de épocas, quando a partir do Iluminismo (contra as sombras, as trevas, o escondimento das pessoas...) instala-se a modernidade, que volta-se para a exposição do corpo, visualizando a sedução que desfila e se mostra com naturalidade nas ruas, nas praças, nas praias.

Podemos dizer, buscando ainda suporte em Corbin, que se no início do século XVIII a frequência às praias, em águas europeias, dava-se como lazer tipicamente aristocrático, onde se procurava gozar o ócio proporcionado pelo usufruto das propriedades tanto em terrenos quanto em casas, com o passar do tempo, no entanto, a busca do contato com a água do mar torna-se uma forma de distração e de procura terapêutica cada vez mais ampla. Assim, aos poucos,

vai se urbanizando a vida nos balneários mais freqüentados: constroem-se bancos de assento a fim de favorecer a contemplação do cenário, surgem placas de sinalização e muitas outras facilidades acabam por tornar a vida nestes lugares não somente atraente pelo aspecto do banho de mar em si, mas, também, por todo o clima envolvente que se caracteriza pela afluência de pessoas oriundas dos mais diversos lugares e níveis sociais, falando línguas diferentes, desenvolvendo múltiplas formas de socialização cultural.

No entanto, a vida litorânea não representa somente o deleite, já que muitos que ali vivem tiram da praia e do mar o seu sustento. Aqui, referimo-nos, essencialmente ao pescador, que é o elemento humano nativo, por excelência, à vila ou comunidade litorânea. Reportando-nos, então, a Santo António de Lisboa, podemos perceber que enquanto o pescador ocupa o seu tempo em atividades produtivas, o turista procura o lugar simplesmente para o descanso e o entretenimento e sua presença traz muitas novidades estampadas no vestuário, no comportamento, no aspecto físico e cultural...

O homem nativo de uma comunidade litorânea encontra-se desde o nascimento em contato com o ar, o vento, a areia, a água, o que o torna vigoroso e rude. Ao contrário, o turista é um indivíduo mais sofisticado que traz uma aparência superior de trajés e de físico, não obstante seja mais sensível aos raios solares e à salinização.

E, aqui, pescador e turista passam a estabelecer uma relação de convívio, onde o primeiro, dentro de sua simplicidade, acaba por deixar-se envolver e, embora espectador, acaba sofrendo diretamente o impacto do novo, principalmente no que se refere ao elemento

feminino. Segundo um depoimento:

"Na época de veraneio, Santo Antônio vira Copacabana, as mulheres se desnudam e acompanham os trajes das visitantes"²³.

Na verdade, o que toma conta na época de verão é a alegria e a sensualidade, mas, em contrapartida, algumas marcas permanecem: muitas meninas acabam ficando grávidas sem que os responsáveis jamais sejam chamados a assumir o fato, já que, em sua maioria, são filhos de turistas. Desta maneira, a vida tranqüila e simples do pescador e da sua família torna-se perturbada pelo contato com este novo elemento que passa a inspirar nos jovens nativos sonhos mais ou menos ilusórios de realização²⁴: ser artista, modelo, aparecer na televisão, poder ter um carro, vestir roupas coloridas ou simplesmente ter uma cômoda guarda-sol, conforme aquela mulher turista que brinca, ri, conversa despreocupadamente...

Assim, a sociabilidade do pescador artesanal de Santo Antônio, que anteriormente, prendia-se à convivência diária entre indivíduos com tradições culturais semelhantes - a ascendência açoriana, o

²³Vale ressaltar que o pescador e sua esposa não cultivam o hábito do banho de mar. Podemos vê-lo andando pela praia, observando o movimento de saída e chegada das embarcações, do volume pescado, da distribuição do produto, conversando com os amigos. No entanto, ele nunca se deita ao sol ou dá um mergulho no mar, e são raros os que sabem nadar. Por outro lado, os filhos freqüentam a praia da mesma maneira que os turistas: desfilando, observando os corpos, tomando banho de sol, entrando na água e procurando imitar as maneiras mais sofisticadas de comportamento.

²⁴Estes dados puderam ser observados através do contato direto com a juventude nativa de Santo Antônio de Lisboa durante o desenvolvimento de nossa pesquisa naquela comunidade. Outrossim, a influência externa que perturba os costumes desses indivíduos não é somente exercida pela presença do turista, mas, instala-se também por intermédio dos meios de comunicação, principalmente a televisão com seus programas diversos, pelo convívio com moradores não nativos e pelo contato com a vida mais sofisticada da metrópole.

respeito à religiosidade, a crença nas bruxas, a simplicidade no viver - volta-se agora para este contato aparentemente cruel, mas inevitável, e nem por isto maléfico, com o mundo volúvel da sociedade de consumo onde o único pecado parece ser o desejo de manter-se alheio aos apelos convidativos do mercado.

4 - PARA ALÉM DO VALOR ECONÔMICO DA PESCA

A pesca artesanal de Santo Antônio, considerada no seu aspecto econômico, é uma atividade de subsistência, mas ela ultrapassa a satisfação da necessidade de sobrevivência; pode ser considerada como uma forma de vida, que mostra não haver dicotomia entre natureza e história, entre o indivíduo e o social, religioso, econômico, político, existencial... Sabemos que só pequena parte da produção é vendida diretamente ao consumidor externo à comunidade. A tecnologia utilizada é bastante primária, e todo o saber desta atividade produtiva vem de um aprendizado que passa de geração em geração e assim permaneceu enquanto não foi posto em xeque por fatores externos.

Assim como acontece em todo o processo de aprendizagem, a atividade cognitiva do pescador, embora fundamentada no conhecimento empírico, tem um efeito multiplicador elevado que reflete a percepção do meio ambiente por parte dos indivíduos. Tal fenômeno ocorre como consequência das curiosidades, das necessidades, das lembranças, das sensações, dos lugares e das temporalidades que surgem entre os vestígios dos tempos antigos em confronto com os tempos de hoje. Desta forma compõe-se o saber que, fundamentado na experiência cotidiana de caráter, portanto, histórico, geográfico, estético, étnico, econômico, vai não só

proporcionando um acúmulo de conhecimentos tradicionais, mas também um contato com novos conhecimentos, o que contribui para gerar uma nova mudança no perfil ocupacional do pescador, conforme veremos a seguir, bem como podemos perceber através desse depoimento:

"Eu tenho esse monstro aqui em casa (apontou e nos mostrou a geladeira), mais eu não gosto. Eles (os filhos e o marido) é que querem. Eu não gosto porque ela (geladeira) provoca cãnca na gente, deixa a gente doente, os alimento envenenado. Eu não como o que tá ali dentro".

Quando ouvimos o depoimento, também obtivemos a informação de que este pensamento se formulou após a mulher ter assistido a um programa televisivo. Acreditamos que estas informações foram interpretadas, talvez, de forma um pouco diferenciada da transmitida por este veículo de comunicação. Mas, também, existe um outro aspecto a considerar: que os telespectadores ainda não estabeleceram uma reação mais criteriosa às informações advindas da televisão.

Talvez possamos dizer aqui, que este depoimento nos mostra que existem muitas pessoas que assim reagem diante do novo (geladeira, televisão...) e daquilo que se vivia até pouco tempo e que ainda permanece na memória.

Desta maneira, a vida deste indivíduo dá-se no cotidiano caracterizado pela incerteza, esperança e pelo movimento oriundo do trabalho (a sua saída para o mar, a tentativa do encontro com cardumes, o cuidado com o material de pesca, o enfrentamento respeitoso da natureza e o anseio em relação à volta). Assim, necessitamos melhor compreender a construção dessa prática, pois, segundo Agnes Heller:

"A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade". (1985:17)

É no cotidiano que estão contidas as experiências do indivíduo e estas por sua vez constituem a história tornando-se, desta forma, possível a compreensão do presente. O acúmulo de conhecimento por parte do pescador pode, assim, ser obtido através da experiência diária que aprimora gradualmente a racionalidade, concretizando assim a relação entre os homens, a realidade física e os meios sócio-econômicos.

Objetivando mostrar esta forma de percepção por parte do pescador, tomamos o seguinte depoimento, que mostra, ao mesmo tempo, uma mudança e a sua história:

"O pescador não enriquece porque na época que tinha peixe em abundância, não tinha como vendê o pescado. Hoje existe aparelhos, embarcação motorizada, espinhel, tarrafa, mas não existe peixe. Tudo está sendo depredado, estão destruindo tudo, os rios, os mangues, todo o litoral está sendo destruído. A gente vê nas praias o esgoto todo está sendo jogado no mar".

Verifica-se aqui o contraste entre o comportamento dos moradores novos, não pescadores, que através do exercício duma razão instrumental encaminham a discussão política dos problemas da comunidade, como no caso da participação nos movimentos coletivos e o comportamento do pescador nativo, que permanece envolvido em seu conhecimento empírico que se manifesta em atitudes intuitivas ou em sentimentos de fé. Ao mesmo tempo esta comunidade manifesta que já não pode sobreviver com o ritmo histórico de antes sem se adequar nos seus meios de produção e, simultaneamente, que tal modernização não lhe basta. Há uma certa amargura no que diz, como se lamentasse

a mudança havida nos últimos tempos, devido ao turismo, ao ingresso de novos habitantes e ao incremento da pesca industrial (que elimina gradualmente a disponibilidade de peixes para a pesca artesanal).

Referindo-se ao tipo de conhecimento por nós sugerido como sendo próprio ao indivíduo retratado em nosso estudo, Diegues (1983:98) nos apresenta a seguinte análise:

"O conhecimento dessas variáveis naturais, normalmente acumulado de maneira empírica pelos pescadores, passando de geração em geração, constitui o núcleo mais importante da *expertise* que caracteriza por exemplo, um bom pescador".

Assim, podemos perceber a importância que o pescador dá a este modo empírico de conhecer o mundo que o cerca, através dos três depoimentos abaixo:

"Se der um tufo de vento eu já sei onde tem camarão. Antes do guará a maré lá enchendo pro nordeste ele pára, más 40 minuto pra baixo do guará a maré ainda enche, então tem camarão".

"Eu aprendi tudo quando era criança, com meu pai, inclusive prá plantar as coisas, ele tinha um ditado: as coisas que criava cabeça debaixo da terra tinha que sê plantado no vazante e o que crescia (salsa, cebola), então plantava na enchente, porque na lua enchente elas crescem, têm mais força. A maré manda prá cima e prá baixo, e não vaza e não enche, a não ser quando dá um vento muito forte, um vento sul, então acontece que nesse período a gente não pesca e a lua é um fator principal pro pescador".

"A lua de vazante dá mais peixe, a lua clara não é boa prá peixe, o peixe vê a rede, vê a cortiça dela, a lua tem que sê escura".

Estes depoimentos mostram-nos com nitidez como o conhecimento é representado e, embora, algumas mudanças tenham ocorrido devido à inserção de novos métodos de pesca que exploram com mais eficácia o

território marinho, os pescadores continuam a utilizar-se da prática tradicional como forma de delimitação das áreas e limites de pesca. Os pescadores apropriam-se das informações concernentes ao seu trabalho, passando a dominar e a manejar os novos recursos que uma tecnologia mais recente propicia, que são, então, adaptados aos instrumentos tradicionais de pesca. Podemos perceber tal fenômeno na utilização de materiais sintéticos para a confecção de redes e linhas, e mesmo na utilização de motores para aventurarem-se mais distante ao mar.

Também, este saber empírico conduz a um compromisso ético de pescador a pescador. Aqui, regras normatizadoras são respeitadas mutuamente, regras estas que são propostas e discutidas pelo próprio grupo e que, uma vez aceitas, serão voluntariamente seguidas até que se opte ou se convença de que novas propostas devam ser discutidas. Tal compromisso ético diz respeito, conforme já tivemos a oportunidade de observar no capítulo anterior, principalmente, aos limites de território de pesca a ser seguido por cada pescador, uma vez que é permitido o segredo quanto aos bons locais para o encontro do cardume ou quanto a espécie de pescado a ser obtido em um ou outro ponto no mar, desde que o pescador se mantenha dentro de sua zona de pesca.

Segundo Maldonado:

"É recorrente a representação do mar como um meio imenso que sugere espírito cooperativo no desempenho da pesca e uma ética de igualdade que decorre em grande medida dessa natureza da produção no mar." (1990 : 261)

A questão ética que envolve o pescador pode ser percebida sob

aspecto objetivo, em que aparece o limite da delimitação das zonas de pesca, e um aspecto subjetivo, proveniente de crenças mais ou menos semelhantes, através das quais se identifica um tendência a um mesmo tipo de comportamento e visão de mundo comuns. Desta forma, podemos dizer que os pescadores de Santo António, em seu conjunto, estabeleceram as normas de acesso à exploração dos recursos marinhos e isto se deu pelo conhecimento acumulado de cada indivíduo ou de cada grupo de acordo com seu grau de identificação quanto pescador artesanal.

Através da multiplicação do convívio com pessoas e instituições fora do grupo, a ética estabelecida em um tempo fica comprometida e algumas questões vão tomando novos rumos, a iniciar-se pela discussão sobre a posse do mar que, devido à superposição ou ingerência burocráticas dos órgãos públicos ou similares, torna-se agora objeto de acirrada disputa. Aqui tomamos o depoimento de um dos pescadores locais, questionando que se possa estabelecer alguma norma que rompa uma relação tradicional com o mar e seus elementos:

“Não é o que dizem o pessoal da marinha: o mar é do pescador, nós é que tem o direito de pescar nele”.

É importante lembrar que poucos são os pescadores em Santo António de Lisboa que se aventuram a enfrentar o mar aberto, devido à precariedade das embarcações, e isto faz com que a maior parte da atividade pesqueira ali desenvolvida seja realizada em mar raso, ou seja, dentro da baía. Por outro lado, apesar das zonas de pesca estarem já demarcadas, isto não impede que sempre novos pontos sejam objetos de disputa, uma vez que é comum existirem locais

uase que inexplorados. Inicialmente, vigora-se a regra de "quem pega primeiro", determinando a parte da pesca pela presença do peixe, que se constitui na garantia do direito de dispor deste novo local para processar a captura.

No entanto, todo esse critério de divisão são informal do território, com a predominância da pesca dentro das águas da baía, vem gerando grandes dificuldades para a boa captura, devido à escassez de peixe, decorrente de vários fatores: urbanização, poluição, o não respeito ao ciclo de reprodução das espécies marinhas, pesca industrial. Segundo um outro depoimento de um pescador:

"A baía norte, eu conheci aquilo; a baía sul, o mercado do peixe, onde é hoje o Rita Maria, o mar foi seco e colocado lá no fundo, aterraram o mar. Cansei de ver bagre ali perto do Mercado Público. Os navios que chegavam ali. O homem destrói".

De modo geral, o pescador de Santo Antônio percebe que o mar é o referencial mais importante na sua vida e, conseqüentemente, na sua atividade produtiva. Assim, o mar é o elemento que impõe o respeito ao seu ciclo biológico, para que não se coloque em risco o destino das espécies marinhas. O pescador sabe que, para obter do mar o que ele necessita para viver, ele precisa respeitar, ao mesmo tempo, o ritmo de vida do mar, o tempo do mar e de seus habitantes. Também, para muitos pescadores o próprio peixe deve ser reverenciado quando ocorre a captura e a imagem sugerida diante de tal atitude é a de que se trata de um elemento até certo ponto sagrado, pois, além de representar o alimento perfeito, surge enquanto figura imprescindível à natureza do pescador. A defesa deste posicionamento pode ser obtida a partir do relato que se

segue:

"Eu gosto demais da sensação que a pesca me dá. É gostoso. Eu fico chateado em ver o pescador usar o foco de luz perto da tarrafa dirigida para a água e pegar o peixe com mais facilidade; isso é enganar o peixe. O homem não pode ser considerado como cultura divina. Alguns homens são mais conscientes do que outros: uns agredem mais e outros menos. Somos agressores."

Acontece, porém, que, muitas vezes falta ao pescador um domínio científico coerente que possibilite o real entendimento não só do aspecto relativo à reprodução das espécies marinhas, bem como da questão relativa ao melhor processo de captura. Aqui, cabe distinguir a simples força de domínio do homem sobre a natureza, de uma possível utilização tecnológica que integre homem - natureza - trabalho - de modo a atender tanto as necessidades humanas como o não comprometimento exaustivo da flora e fauna marinhas. Tal problematização, no entanto, surge para a comunidade como um fenômeno recente, uma vez que a racionalização da atividade pesqueira talvez não fosse necessária em épocas anteriores, quando as águas do mar ainda eram límpidas e havia abundância de pescado.

Dentre as várias questões que centralizam o debate sobre a racionalização da pesca, a instituição do período do "defeso" do camarão²⁵ implantado pelo IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio

²⁵O período de defeso do camarão ocorre anualmente entre os dias 15 de fevereiro a 15 de maio. A razão apresentada pelo IBAMA para a proibição da pesca durante este período relaciona-se com o fato de que é nesta época que as fêmeas estão em processo de fecundação. Por outro lado, para os pescadores, a época estabelecida pelo IBAMA impede o acesso à captura dos crustáceos adultos que retornam então para o alto mar e tornam-se presas das grandes embarcações de pesca industrial. Na verdade, o que se tem, é uma profunda celeuma que vem sendo agravada por um quase total desconhecimento, tanto de um lado como de outro, das razões mais nobres que levam os tecnocratas a achocarem-se com os interesses do pescador artesanal e vice-versa.

Ambiente) é um dos pontos nevrálgicos discutido não só na comunidade de Santo Antônio, como também em todos os centros pesqueiros do Estado.

Um outro aspecto a ser considerado diz respeito à presença do atravessador ou intermediário que por longo tempo era o único contato entre a produção e o comércio do pescado. Desta forma, o pescador passa a ser cada vez mais explorado uma vez que vendia por um preço irrisório, ou simplesmente trocava por utensílios necessários à sua atividade, o produto pescado.

Esta situação foi quase que definitivamente resolvida em Santo Antônio; são raros os pescadores que ainda estão na dependência do intermediário, cuja presença é reconhecida como inimiga. Eis o depoimento de um pescador que conseguiu manter-se por si mesmo:

"Teve uma época em que nós entregava ali prá um atravessador que comprava camarão, peixe, aqui dos pescadores e ele vendia pró Mercado Público, prá São Paulo; negociava bem ele; fez sua vida aqui em Sambaqui, fez a vida nas costas dos pescadores daqui".

O papel do intermediário, que é estudado por Diegues (1983:231-241), apresenta-se sob diferentes formas de atuação. Aqui, citamos, como exemplo, o desempenho do atravessador quando exercido por mais de uma pessoa. Nas praias, o intermediário imediato é o que detém a prioridade da caixa, grande recipiente com o qual é levado o peixe logo após o desembarque. O outro intermediário é representado pelo dono do transporte, ou pelo comerciante que dispõe de caminhão para levar a produção até a cidade. Alí se vende o pescado aos varejistas que por sua vez o distribuem aos vendedores. Os intermediários arrematam a melhor

parte do pescado, ou seja, os peixes graudos, os de maior valor comercial. O restante fica com o pescador, e serve para garantir a sua própria alimentação, bem como pode ser distribuído parcialmente entre os vizinhos, objetivando manter uma relação cordial com os não pescadores.

Se a relação for estabelecida de pescador a pescador, o sistema de distribuição é outro, denominado sistema de partilha, muito comum entre os pescadores de Santo António, principalmente se a pesca for feita em grupo, de dois ou mais companheiros.

"Olha, a divisão a gente faz em duas partes, uma prá mim, dono do aparelho, uma outra parte prá o proeiro, no caso esse que tá pescando comigo. Claro, essa parte que toca prá mim é maior, porque é prá manutenção do aparelho".

Os pescadores justificam o sistema de partilha como algo necessário e justo. Ao dono da embarcação cabe maior parte para eventual reposição e concertos do material necessário para realizar a pesca. No final das contas, os pescadores reconhecem que não é possível enriquecer com a pescaria, mas apenas garantir a sua subsistência, sobrando pouco para guardar e usar quando o peixe se torna escasso.

Assim o pescador de Santo António usa o sistema de partilha: o que vale é a quantidade de peixes que são pescados. Esta é a única referência para o estabelecimento da divisão ou remuneração. Portanto, caso não haja peixe, também não haverá pagamento do trabalho. Este sistema parece funcionar bem na comunidade, pois os pescadores locais não têm a necessidade de escoar sua produção, que é relativamente pequena, para outros centros de consumo, uma vez que, praticamente, todo o pescado obtido é comercializado no

próprio local, onde é adquirido pelos moradores não pescadores ou por visitantes²⁶.

Buscando um melhor aprofundamento que nos possibilite diferenciar o sistema de partilha do sistema que utiliza a figura do intermediário, encontramos em Furtado a seguinte observação:

"Neste regime de parceria, há uma função livre de capital e de trabalho, no interior da qual circula o princípio da reciprocidade, o que a tipifica como relação de caráter não capitalista" (1988:193).

Aqui a relação que se estabelece não é a do assalariamento, mas o da divisão do produto entre parceiros, não existindo, portanto, um antagonismo radical entre capital e trabalho, já que o proprietário do barco não explora de forma assalariada a mão-de-obra do parceiro que partilha do total produzido. Por outro lado, a comercialização sem a presença do intermediário inviabiliza a tipicidade de se instituir enquanto de característica capitalista, já que o que passa a vigorar é uma relação praticamente de troca razoável.

A possibilidade, assim, desse novo tipo de produção, bem como a comercialização direta com o consumidor, na verdade, não se instalam enquanto inibidoras, mas, ao contrário, são uma forma que o pescador tem de melhor enaltecer seu trabalho.

²⁶No período de verão a quantidade de pescado comercializado na própria localidade é bem maior, principalmente pela presença dos turistas. No entanto, tal fato não significa uma elevação no ganho financeiro, uma vez que, todo o comércio passa a operar com preços próprios ao movimento de verão e as casas comerciais, é bom lembrarmos, raras vezes, pertencem a pescadores.

No nosso entender, concluímos que, embora tenha ocorrido um relativo avanço no campo cognitivo do pescador de Santo Antônio, no que diz respeito ao conjunto do saber que o indivíduo hoje não só recebe, como racionaliza e discerne, as suas características ocupacionais ainda estão num estágio muito primário. Isto, porque, nosso pescador dedica a grande parte de seu tempo à sua ocupação produtiva, não conseguindo criar condições para que, enquanto indivíduo, participe, por exemplo, de definições e execuções das políticas econômicas e sociais que lhe dizem respeito.

Dessa forma, entendemos que o trabalho do pescador, quer seja dentro do sistema de partilha, ou do trabalhar de embarcado, ou na condição de subemprego dos biscates, pouco permite a emancipação individual e coletiva, já que o conhecimento obtido aqui não transcende as ações do cotidiano, dificultando o acesso às condições de uma nova escolha. Portanto, dentro deste universo o indivíduo não tem a possibilidade de inserir-se conscientemente no mundo das informações não só científicas e tecnológicas de sua vida produtiva, como também das informações culturais, sociais, esportivas que poderiam elevar seu campo de conhecimento e fazer de seu trabalho um meio de aquisição tanto do bem-estar físico-material como mental.

Assim, a função do conhecimento humano não parece ser determinável unicamente pela condição de classe em que o indivíduo esteja inserido. Neste sentido, pretendemos sugerir que a experiência cognitiva do pescador artesanal não deve circunscrever-se ao universo do cotidiano da pesca e duma comunidade auto-suficiente, mas deve inserir-se num âmbito mais

amplo, onde todo o conhecimento humano possa ser objeto de alcance e onde cada vez mais são tomadas decisões que interfiram na vida cotidiana da comunidade.

5 - O HOMEM E O MAR

A análise aqui apresentada de forma bastante sucinta tem como objetivo estabelecer um paradigma que permita a reflexão sobre o relacionamento que ocorre entre o homem e o mar. Os elementos aqui presentes podem situar-se tanto a nível da realidade concreta como a nível do mundo imaginário.

O mar, extenso e profundo geograficamente, não tem forma, provocando dois tipos de sentimento: exaltação e medo. Ele é utilizado como fonte de suprimento de alimentação, bem como local de passagens, de encontros, de despedidas, de inspiração para compor cantigas e poemas de amor. Mas ele também faz com que o pescador rogue a Deus toda vez que sai para pescar e retornar vivo para casa. Ele é, pois, vida e morte. O medo é manifestado por expressões de sentimentos simbólicos, que formam figuras de monstros ou de imagens como a de Iemanjá, Nossa Senhora dos Navegantes, entre outras, e isto podemos verificar neste depoimento:

"Eu não tenho medo do mar porque tenho fé em Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Navegantes, em Iemanjá. Eu já vi a Nossa Senhora Aparecida. Ela apareceu prá mim e me chamô prá eu i no mar. E eu também tenho um marujo que me acompanha desde os 5 anos".

Neste caso específico, o pescador protege-se através da sua fé, perdendo o medo do mar. Mas a maioria dos pescadores coloca o

mar como senhor dominador, para o qual eles utilizam o termo "sultão", designando o domínio que o mar tem sobre o homem, formando assim, traços específicos do imaginário coletivo.

Isto foi bem explicado pelo depoimento de outro pescador:

"O mar é traiçoeiro. Ele parece um sultão, que quando a gente menos espera, ataca, às veis por trás da canoa e o pescador nem ispera. Eu sempre rogo a Deus a minha volta prá casa".

Ainda em um outro depoimento observamos:

"Eu nunca me apavorei no mar, porque eu acho que apavoração é a morte. Se você se apavora aí você vai perder o tino e vai à loucura, então eu acho que você tem que manter a calma, não se apavorar. Eu acho isso aí é muito importante".

É comum afirmar-se que o homem buscava encontrar alternativas no mar que contrabalançassem a carência para a sua sobrevivência na terra e que a dissociação do homem com relação a esta ocorreu gradualmente pela insuficiência de seus recursos. Assim, o homem vai em busca de auxílio marinho para manter melhor a sua qualidade de vida. O mar surge, então, como opção de prover o homem daquilo que a terra não lhe pode oferecer: alimento. No entanto, ao mesmo tempo em que o mar aparece como fornecedor de alimento, também surge como elemento capaz de desenvolver no homem um outro sentimento ao lado do medo: o desejo de domínio, aliado à idéia de exaltação. O medo é ocasionado pela grandeza do mar que, aparentemente, e mesmo primitivamente, aparece para o homem como sendo indecifrável, capaz de ao mesmo tempo, fornecer o alimento, mas também devorar em suas águas cada um que ousar enfrentá-lo.

Mesmo que o avanço das ciências através da geologia consiga explicar as alterações na crosta terrestre, fornecendo conceitos e

imagens que proporcionam elementos para uma melhor compreensão da natureza, dos fenômenos físicos e da história humana, para o pescador, no entanto, continua o temor do dilúvio como possível forma de castigo divino²⁷. Em todo caso, é fácil compreender que o mar para o ser humano é o espaço desconhecido sem a firmeza da terra ocupada por ele. Por isso a água atemoriza mais do que a terra, embora desde que se pergunte pela origem das coisas a água faça parte dos elementos primordiais, ao lado da terra, do fogo e do ar. Além disso, a própria água significa mais a mudança do que a permanência, e sabe-se bem que a permanência é mais segura do que a mudança. A própria idéia de mundo desde o início privilegia a firmeza da terra, onde está posto o centro. Em suma, é a terra o lugar da ordem e não do caos; é das águas que surge o desejo, a serpente primordial, símbolo das trevas, da noite, da morte, ou melhor, símbolo do que ainda não tem forma. E viver para o homem significa decapitar a serpente, o caos, instituir a ordem e a criação, estabelecer-se em chão firme, estar na terra, ter sua morada. E a água não é este lugar firme, não é possível morar no mar...

O historiador Mircea Eliade (1967 : 127/128) nos diz que, na mitologia, as águas sempre aparecem antes que a terra. Analisando o significado religioso das águas, é mais compreensível a estrutura e

²⁷ O medo do dilúvio por parte do pescador deve ser entendido dentro do aspecto ético-religioso, pois no caso da comunidade de pescadores, qualquer fundamentação de ordem científica para explicar a inundação extraordinária da terra fica descartada, permanecendo na mente do homem as explicações de ordem religiosa e moral. Assim, o temor a Deus e a vontade da perfeição moral induzem o pescador a enxergar na vastidão do mar o próprio reflexo ao mesmo tempo grandioso duma força sobrenatural também capaz de provocar castigo.

a função do símbolo. O simbolismo é bastante considerado para os seguidores da religião, pois é através dele que o mundo pode tornar-se transparente. Universalmente, a água está presente em todas as possibilidades de existência, precede a forma e suporta toda criação, embora em si nunca permita a permanência da forma criada. A imersão equivale a uma dissolução das formas. Portanto, o simbolismo das águas implica tanto na morte como na vida, ao nascer. O contato com a água implica sempre uma regeneração, não só porque propicia um novo nascimento, mas também porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial de vida.

O autor aponta o dilúvio como possível submersão periódica dos continentes que corresponde, a nível humano, à segunda morte do homem, que pode ter sido iniciada pelo batismo. O dilúvio pode ser, então, comparado ao batismo e a libação funerária pode ser comparada à purificação dos recém-nascidos ou aos banhos rituais da primavera que proporcionam saúde e fertilidade²⁸ (ELIADE, 1967:128).

É interessante perceber, assim, a dúbia forma de sentimentos que a água é capaz de provocar. Os pescadores sabem disso, por isso respeitam o mar. Existem aqueles que possuem mais coragem, principalmente desenvolvida através de um forte sentimento de fé e da segurança maior proporcionada pelos meios de navegação. Por outro lado, o medo é provocado pelo sentimento de solidão devido à

²⁸ Aqui pretendemos perceber este significado mágico e místico da água enquanto elemento inconsciente e sem forma, mas do qual qualquer configuração podera surgir, já que representa tanto a ideia do monstro, das trevas, das tempestades e dos dilúvios, como também a da purificação, da limpeza, da regeneração, reintegrando o homem com a sua criação, com a sua vida, com o seu renascimento, bem como com a sua morte.

dimensão e à profundidade dos oceanos, além do enfrentamento das tempestades da chuva ou do vento, que inspira o terror, principalmente quando tais fenômenos ocorrem durante a noite, aliados ou não aos gritos dos pássaros marinhos. Inspirada pelo medo, a mente do pescador, através da imaginação, pode expressar figuras de animais horríveis que saem das águas, os monstros marinhos.

Esta abordagem torna-se significativa quando ouvimos histórias de pescadores que falam de forças misteriosas e poderosas do mar. O próprio indivíduo conta que deve lutar contra as mesmas. Podemos encontrar alguns desses elementos no depoimento que se segue:

"Eu gosto do mar. Pode dá vento sul e eu está perto do costão. Seja o que Deus quisé, em vô embora. Não tenho medo de nada, porque eu tenho fé. Tem hora da noite que o mar parece um silêncio. Ele dorme. Dá a impressão que não é água nem nada. Às veiz é só você por o pé nele que ele se acorda e se agita. Parece uma pessoa".

Já neste outro depoimento podemos perceber a implacabilidade do castigo:

"Quando o vento é sul e forte, é porque o mar enguliu um home. Isto acontece é porque não sabe trabalhá com embarcação ou porque Deus castiga porque ele mata os peixe pequeno. E ele só pára de se agitá quando é retirado o corpo do home morto".

Em geral, a cultura do pescador artesanal é mais ou menos caracterizada por fortes credices, superstições, imagens, mitos..., respeitando deuses sob a influência do sol, da lua, dos ventos, de acordo com suas várias faces.

Observemos este depoimento:

"O mar se vingá de alguns pescadores porque tem o mar, o sol e o vento. Qual é o mais forte? O sol

quando é forte o pescador pode se queimá no mar, mas aí tem o vento que não deixa o sol queimá. O mar leva uma pessoa por mês. Tem mês que ele leva dois, três, quatro. Aqui em Santo Antônio a praia tinha mais de trinta metro. O mar come uma braça de terra por dia, mas aí Deus disse que uma braça de terra todo dia ia acabá o mundo. Então o mar começô a pegá um home todo o dia. Isso foi um trato entre Deus e o mar".

São essas verdades que parecem compor o saber do pescador artesanal, que vem sendo construído através de séculos de tradição cultural. Muitas vezes, as estórias narradas revelam o espírito de profunda religiosidade que domina a vida desses indivíduos. Verifiquemos os depoimentos abaixo:

"A minha mulher não sabia ler. Só sabia ler a Bíblia. E ela fala em ressurreição. Nós temos que cumprir o que está escrito na Bíblia: cumprir com nossos deveres, não ser arbitrário, falar a verdade... Quando a gente morre vai para o paraíso. Será que nós vamos querer voltar depois de morrer? Até hoje ninguém voltou pra contá..."

"Deus prá mim é tudo. Primeiro lugar Deus. Se alguém me dissé que eu tenho que fazé uma marvadeza, eu acho que não faço não; tenho medo do castigo".

Na medida em que o pescador vai constituindo o seu saber espiritual, ele vai explicando os fatos que vivencia através da vontade divina, onde Deus é o Pai cuja autoridade máxima pode decidir ter com seu filho gestos de generosidade ou de punição. A generosidade ocorre quando o pescador consegue superar algum problema de doença ou ter um bom dia de pesca. O castigo ocorre quando o pescador precisa ser punido por ter tido atitudes pecaminosas, podendo estar ligadas ao desejar a mulher do próximo ou à depredação marinha devido ao mau uso de equipamentos pesqueiros. Também o mar é o outro que não pode ser desrespeitado.

Assim sendo, o mito e o mar estão intimamente ligados e somam juntos a perspectiva do imaginário do pescador que, através duma tradição cultural, acaba por manifestar-se em religiosidade. Esta é fundamental para a comunidade, pela sua necessidade de ter como base existencial um valor absoluto, ou seja, as suas atitudes devem seguir uma orientação, que consista num ponto fixo, podendo ser esta a idéia de um Deus criador, da qual se nutre para a construção de um mundo de valores, de sentido da própria existência. Assim, os pescadores artesanais, mais do que os modernos pescadores industriais, vivem próximos a uma visão mítica da vida, alimentada pelo fato de se relacionar com o movimento indomável do mar.

6 - ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

O pescador artesanal cultiva elementos simbólicos com raízes que necessitam de acontecimentos para recordá-los ou para concretizá-los. Esta concretização permite a recriação dos mitos, a sua reatualização; dependendo da necessidade, pode ser ela a causa das enfermidades do corpo e do espírito, como pode ser a preparação para enfrentar o mar ou para justificar uma boa ou má pescaria. Dessa forma a mitologia passa a ser um arquétipo de muitas situações vivenciadas.

Na análise do conteúdo bruxólico, trataremos da cultura de representação perceptiva e imaginária, geralmente expressa em atitudes individualizadas, ou seja, cada caso relatado diferencia-se dos demais. A cultura referida é exposta através de significativas experiências repletas de criatividade e emoção, compondo uma modelagem que o coletivo aceita e interpreta de forma semelhante, pois identifica-se com o fato que está ligado à mesma causa do ataque da bruxa.

Podemos dizer que a nível do imaginário o saber constitui-se socio-culturalmente e tem seu ponto relevante no apoio que se busca na mitologia ou nos sistemas mágicos que, ora são positivos - quando se consegue a realização do desejo - ora negativos - quando, por exemplo, a criança adocece chegando no extremo da morte.

Os sistemas mágicos expressam-se através da projeção de formas

ou figuras fantasiosas que acabam por surgir em configurações e contornos cada vez mais aparentemente nítidos e reais e, finalmente, expostos através de significados lingüísticos. Tais significados ocorrem em atos lingüísticos onde "a sentença se transforma em enunciado". Esta transformação ocorre graças à própria estrutura de um ato lingüístico, "que inclui uma parte performativa e uma parte proposicional."

"O locutor é ao mesmo tempo um ator, o que permite a transitividade pragmática do enunciado, simultaneamente linguagem e ação (...) e a relação lingüística transforma-se em ação comunicativa".
(HABERMAS, 1989:24-25)^{2º}

A ação comunicativa dos pescadores, ao referirem-se às histórias bruxólicas (mundo subjetivo, de vivências e sentimentos), ocorre dentro de um plano habitual, onde as pretensões de validade sempre pressupostas podem até ser contestadas, mas isso nem sempre ocorre. As pretensões de validade atingem as pretensões de veracidade através da argumentação discursiva, através do consenso diante dos fatos apresentados como verdadeiros e a justificação ou rejeição das normas apresentadas

^{2º}Recorrendo a um breve texto de Habermas, não pretendemos despertar o leitor para discutir o valor da teoria da ação comunicativa. Objetivamos, tão somente, encontrar um paradigma que possibilite visualizar tanto o aspecto discursivo-proposicional (ou seja, a forma e a intenção lingüística) do discurso a nível do real e do imaginário entre os pescadores artesanais de Santo Antônio, como a questão performativa (isto é, a atuação individual ou coletiva, através da qual se pretende chegar à "verdade" de um novo consenso) entre esses mesmos indivíduos. Além disso, não insistimos aqui no fato de Habermas falar de um agir comunicativo que, para ser tal, exija um grau determinado de qualidade na argumentação para que haja comunicação. Pressupomos que ~~em~~ toda relação humana tenha um mínimo de qualidade, pois do contrário a mais simples solidariedade seria inviabilizada.

como reais.

Nos dois casos, impõem-se princípios mediadores que permitem o trânsito do particular para o geral. O princípio mediador é a indução, através da construção de um discurso teórico e da universalização da crença-poder bruxólico. O consenso somente será fundado quando o discurso tiver sido conduzido pelo critério de universalização.

Apesar da pesquisa de campo não ter proporcionado elementos significativos relacionados às narrativas de bruxarias existentes, ou ocorridas na comunidade por nós pesquisada, dados ou mesmo contos históricos nos fazem entender determinadas reações.

As pessoas temem em contar essas histórias, quando elas são protagonistas; receiam que a bruxa volte e se vingue delas ou dos membros de suas famílias. É pertinente lembrar aqui, que muitas dessas pessoas preferiram dizer que isso é coisa de gente antiga, já que sentem uma certa vergonha de admitir, pois isto pode ser motivo de zombaria por parte dos que não vivenciaram essas experiências.

Durante as entrevistas, quando tocávamos neste assunto, as pessoas desviavam o olhar e diziam:

"Dizem... comigo nunca aconteceu. Isso é coisa da gente antiga, ou antigo é que conta".

Tudo com certo temor. E ao insistirmos, comentavam rapidamente histórias de vizinhos ou de parentes; esses parentes eram os mais próximos, geralmente seus filhos, que foram atingidos por doenças, alguns morreram, outros sobreviveram. Todos citam com devoção sua crença em Deus, no seu poder divino, mas temem quando surgem as

figuras de duendes e do diabo.

As bruxas atingem diferentes formas e símbolos; isso ocorre de acordo com a mudança dos narradores, mas a sua presença representa sempre uma situação de anormalidade vaga.

"A sua presença é muitas vezes indicada pela ocorrência de infortúnios, desgraças, mal-estares, como a doença ou morte de crianças, a morte de animais, o fracasso da colheita ou da pesca, naufrágios. Mas não existe uma relação de causalidade entre uma coisa ou outra: nem sempre a presença da bruxa é indicada pela ocorrência de infortúnios e nem sempre os infortúnios indicam necessariamente que há uma bruxa atuando" (MALUF, 1989:115).

Nas entrevistas, todos lembravam-se de situações infelizes: doenças graves, perda de filhos, processo acelerado de pobreza. Como exemplo ilustrativo, tomamos o seguinte depoimento:

"Nóise fumo muito male. Era prá nóise tá muito bem. Tinha terra, gado, engenho de farinha e de açúcar, e fumo indo male a ponto de chegá e não té mais o que cumê".

Nos testemunhos obtidos percebemos duas situações distintas: muitos explicam suas dificuldades conformados. E nessas pessoas observamos um dado importante: são católicos e freqüentam a igreja assiduamente. Há outros que, de forma mais sutil, atribuem a responsabilidade de seus infortúnios às pessoas de suas relações, parentes e vizinhos. Coincidentemente estes últimos têm desenvolvido a sua prática espiritual na linha do espiritismo e da umbanda. Tomamos como exemplo o caso de um pescador que diz receber a pomba-gira, de uma forma voltada para o bem, que cumpre o papel de impedir que as forças diabólicas em si mesmo e nos outros indivíduos venham à tona. Neste caso, o pescador procurou o

espiritismo para curar a sua esposa de câncer, apesar de dizer sentir medo da macumba, "que pega". Eis o seu depoimento:

Eu sou espírita, mas da linha branca, aquela que faz bem. Eu tenho visão. Junto comigo sempre tem um vulto branco. Tem dia que passo bem, mas tem dia que passo male, quando alguém carregado se aproxima. Chego a ficá quatro, cinco dia na cama."

As impressões foram tomando forma, na medida em que nossas conversas com os habitantes locais evoluíram, ao mesmo tempo em que se aprofundavam. As mesmas pessoas que no princípio não admitiam acreditar no poder bruxólico, acabavam por cair em contradição, quando comentavam seus infortúnios. Percebemos com evidência que o receio de narrar histórias sobre bruxarias e encantos está ligado ao medo de sofrer um ataque bruxólico. Isso faz com que o indivíduo busque alguma forma de proteção, e tal fato é prova da existência da crença no poder das bruxas, na feiticeira, no mito que norteia a psique do indivíduo, que sempre aparece como campo de luta de duas forças: a do bem e a do mal.

Até aqui apresentamos o medo que as pessoas têm da bruxa e de seu poder de atuação e de domínio. Num dos relatos ouvidos³⁰, falou-se da presença de homens bruxos; mas não são eles que atacam crianças ou pescadores. O que prevalece é a mulher como bruxa. O personagem bruxo é o curandeiro que exerce a cura através de ervas medicinais, mas, na maioria dos casos, também este papel é assumido por mulheres que tratam as doenças de sua família, de seus vizinhos e dos desconhecidos.

³⁰Infelizmente, aqui, não podemos nos ater ao relato original que esvaiu-se em meio a nossos arquivos. Fica presente somente a lembrança do fato sem que possamos comprová-lo através de depoimento.

"As benzedeadas são mulheres que detendo determinados conhecimentos curativos, sobre as ervas medicinais, sobre as rezas e benzeduras, sobre o parto e o cuidado dos bebês recém-nascidos e tendo o poder e o conhecimento dos procedimentos rituais para enfrentar ou proteger dos malefícios, como quebranto, mau-olhado, feitiçaria e bruxaria são vistas como 'especialistas' nestas questões pelos outros moradores do lugar". (MALUF, 1989:144).

Outras intervenções que a benzedeadas realiza são as bênçãos para que se exerça a proteção nos instrumentos de trabalho masculino (no caso específico do pescador: os anzóis, as redes, a embarcação...). Estas bênçãos são formas de garantir uma boa pescaria ou de evitar possíveis incidentes ou mesmo a atuação das bruxas. Estas benzedeadas detêm saberes exclusivos; algumas conhecem simpatias, outras, procedimentos rituais. O acesso diferenciado de conhecimento indica diferenças quanto ao poder e à especialização de cada uma. São poucas as que têm o poder de desfazer a bruxaria. Estas são consideradas as mais poderosas.

A própria benzedeadas considera ter adquirido poder de cura como uma graça divina. Nela existe uma fé, um forte sentimento de religiosidade e todas as suas benzeduras são acompanhadas por orações. Esta figura feminina possui o conhecimento sobre a situação da bruxa e tem capacidade de identificá-la. O poder de identificação faz com que os pais das crianças, embruxadas acreditem no poder de cura centralizado na benzedeadas³¹. Podemos observar

³¹Entre os tipos de benzeduras mais comuns, identificamos, em nossas pesquisas, as seguintes: **Quebranto:** pode ser provocado tanto por uma pessoa que tenha atrito com a mãe da criança quanto pelo excesso de paixão causado pela própria mãe. **Mau-olhado:** tem como causa o sentimento de inveja ou ciúmes gerado pela vontade no consciente. **Feitiçaria:** é ação voluntária realizada a partir de uma habilidade e de um conhecimento adquirido de outras pessoas.

esta crendice no depoimento que se segue:

"Eu fiquei oito meis doente. O meu filho mais velho ficou 2 anos cego. Ele era colocado em cima da mesa e não se mexia porque ele não enxergava nada. Daí nós tratemo com uma mulhé que deu muito chá e rezava por ele, até que um dia sem mais nem menos o meninu voltó a enxergá e ficò curado."

Geralmente quando se descobre que a criança foi vítima de um embruxamento e que a bruxa é uma mulher conhecida da familia da criança, o encanto é quebrado pela sua identificação.

Os sintomas presentes numa criança que apresenta o embruxamento são o emagrecimento, a falta de apetite, o choro constante, manchas roxas no ceu da boca ou no corpo inteiro.

Alguns contam que as bruxas vinham do telhado guiadas por uma fitinha de cor vermelha e iam ao berço da criança chupar o seu sangue. Outros casos são registrados quando se percebe a presença de algum animal, como a cobra, a borboleta preta, o vaga-lume ou os rasga-mortalhas.

Muitas são as variações existentes em torno deste fenômeno. Neste depoimento percebemos os elementos acima citados, embora aqui a identificação dum causa não tenha levado à superação dum mal, mas, pelo contrario, a morte...

"Uma guria de um ano e seis meses, era tratada de leite de cabra. Cada vez mais magrinha, parece que ela ia definhando; foi morrendo aos poco. Depois de uns seis meis fumo descobri que tinha uma cobra dentro do guarda-louça que era guardado o leite e a cobra e que acabava bebendo o leite da guria. Logo que a cobra foi descoberta a guria morreu".

Neste depoimento há um aspecto que nos chama a atenção: se é comum haver uma quebra do encanto com a identificação da causa (no

caso, a cobra, ou melhor, ser no qual esta encarnada a força bruxólica). aqui a identificação foi seguida da morte da menina doente, e não da cura da doença. Talvez a própria morte neste caso tenha sido vista como a libertação, ou então foi o fato de a cobra não ter sido morta que causou a morte. Ou teríamos uma outra leitura: se a cobra não tivesse sido descoberta, a menina poderia não ter morrido. Nesta, como noutras narrações, nem sempre é fácil perceber a lógica presente nos fatos descritos.

Não são, contudo, apenas crianças as vítimas de ataques bruxólicos, mas também homens que andam à noite sozinhos nas estradas, nas matas ou no mar. Nestes lugares pode perceber-se a presença de uma bruxa, que é vista em fochos de fogo, trovoadas, gargalhadas, gritos vindos de pontos variados, ou um vulto indefinível.

A outra forma com que as bruxas se fazem presentes é no espaço de trabalho, onde se apropriam de instrumentos como as tarrafas e as redes ou, até mesmo, das embarcações, podendo chegar a apoderar-se dos ranchos e das moradias. Tudo isso provoca muito medo nos homens. São considerados ataques bruxólicos as mas colheitas, os ataques aos animais, sugando o seu sangue ou dando nós nas crinas e rabos de cavalos.

"Numa noite de lua bastante cheia nós tava nuns cinco chegando da pescaria e nós caminhava pelo meio assim da estrada. Quase perto do rancho vimos que vinha um vulto com o rosto coberto. Um dos que tava junto disse: -É fulana, vou comprimenta. Nós avisamo: -Não te meta nisso. E a figura cada vez mais perto. Quando o vulto ia passá por nós, o camarada disse: -Boa Noite, fulana!. Nós continuamo de cabeça baixa. Ela não respondeu, mas ele caiu duro, estaquiado no chão".

Apesar do medo, e para supera-lo o homem tenta identificar a bruxa; se ele assim fizer, desfaz-se o encanto e o dominio torna-se masculino. Esta luta tem sentido na medida em que o medo aparece, para o pescador, como sinônimo de perda da sua força e da sua identidade viril, ao mesmo tempo em que desvela a percepção do pescador de que o dominio do homem sobre a mulher tem limites. Parece, porém, que tal dominio só é quebrado quando um homem perde a sua virilidade e não quando o feminino passa a ser igual ou superior ao masculino.

Sônia Maluf analisa esta questão:

"A construção da identidade masculina passa pelo trabalho, que reúne os homens, excluindo as mulheres, e fazendo-os partilhar de um conhecimento e uma habilidade no uso daqueles instrumentos que só eles possuem. No momento em que uma figura feminina, fora de controle - a bruxa - exerce esse papel, embarcando e saindo para navegar na canoa, põe em questão tudo isso e a própria identidade masculina" (IBID :97).

De forma mais abrangente além da diferenciação do trabalho masculino e feminino, dentro do parâmetro bruxólico, as divergências entre o homem e a mulher ultrapassam esta separação e inserem-se dentro do jogo da divisão de poder entre os sexos. As normas sociais estabelecem nos homens o poder de dominio e nas mulheres o dever de obediência. Essas normas delimitam o universo feminino, deixando para a mulher um papel central no espaço da vida doméstica, tornando-se sua principal atividade o dar conta da organização inteira da casa, sendo-lhe permitido apenas algum contato com os vizinhos.

Esta especie de confinamento não diminui o vigor da mulher na construção de seus desejos, de suas fantasias sexuais, de

expressão da sua criatividade, dos seus sonhos, o que, geralmente, os homens não conhecem. Na medida em que as mulheres expressam a sua força através de fantasmagorias, entra em jogo a questão do poder na relação entre o masculino e o feminino. Assim, a fantasia bruxóica impõe-se sobre o elemento masculino enquanto modo da mulher exercer o domínio no campo da sensibilidade, da intuição, do desejo..., domínio este que, no dia a dia, é subjugado tanto pela força física quanto racional de que o homem está imbuído. No entanto, diante da figura da bruxa, o poder da força física e do uso da razão se desvanece e a força feminina, através do encanto da magia, se sobrepõe. Já, para a mulher, a figura da bruxa promove a liberação dos desejos reprimidos que, neste caso, passa pela livre aproximação ao sexo oposto.

Anteriormente apresentamos a reação dos entrevistados, quando nos referimos a figura bruxoica e suas atuações. Supúnhamos que a bruxaria fazia parte da história dos séculos passados. A questão não é tão simples, pois existe uma fé na existência da bruxa e as pessoas se movem em função do medo e buscam respostas. Para protegerem-se deste temor, elas envolvem-se num manto de superstições³² e mitos³³, atribuindo-lhes a responsabilidade de seus

³² SUPERSTIÇÃO: "resultam essencialmente do vestígio de cultos desaparecidos ou de deturpação ou acomodação de elementos religiosos contemporâneos, condicionados a mentalidade popular. São milhões de gestos, reservas e atos instintivos, subordinados a mecânica do hábito, como gestos e reflexos. As superstições participam da própria essência intelectual humana e não há momento na história do mundo sem sua inevitável presença".

(CASCUDO, 1954: 837)

³³ MITO: representação de fatos ou personagens exagerados pela imaginação popular, tradição... que é elaborada ou aceita pelo grupo e que representa significativo papel no seu comportamento.

infortúnios.

Concordamos com Cascaes quando diz que a superstição é uma característica plenamente subjetiva da população açoriana. Quando Portugal começou a colonizar Açores, nos anos de 1400, as ilhas eram desertas, tudo era desconhecido, portanto, "tudo era fantasma". Com o mar batendo forte nos rochedos, as pessoas passavam diversos dias viajando de canoa até chegarem as ilhas. Havia os que naufragavam, os piratas, e os que iam para explorá-las, como os franceses e os espanhóis. Nesta mistura de raças com diferentes línguas e costumes, e na medida em que o tempo ia passando, a comunicação ia se estabelecendo; construíram-se as simbologias para os acontecimentos, a troca de idéias, as experiências individuais e comuns, enfim a convivência.

A representação simbólica dava-se nas figuras³⁴ do boitatá, do lobisomem e dos fantasmas. A visualização desses símbolos ocorre geralmente na escuridão, aliada ao medo da morte e do desconhecido que, de certa forma, perturba o pensamento do homem, quando a razão deveria ser suficiente para o esclarecimento e a compreensão. Assim, a escuridão não permite que se enxergue com nitidez e o silêncio da noite ao ser quebrado com o piar de uma coruja ou com a

³⁴ O boitatá era descrito como um facho de luz, bicho ou passarão. A pessoa que o via procurava esconder os dedos das mãos para não sofrer queimaduras. O boitatá só se apresentava à noite; aquele que o encontrava chamava pelo nome de alguém e pedia para este buscar a corda do sino e amarrar o boitatá. Com isso ele fugia e a pessoa libertava-se do feitiço. O lobisomem apresentava-se na figura de uma porca de focinho comprido e que quando entrava em período de cio fugia a perseguir o primeiro homem que encontrava na noite. O fantasma era a figura de um homem de tamanho descomunal, sujo, mal vestido, preto e, geralmente aparecia a noite no cemitério.

presença de um passero invertebrado, assim como a ventania e o barulho dos trovões, além do reflexo da claridade da lua nas folhas: tudo isso provoca o medo que faz com que a imaginação de forma à fantasia.

Os fatos históricos mostram que a bruxaria se acentuou no Brasil e especificamente na Ilha, devido à colonização europeia.

Com base no estudo de Maluf:

"A comparação inicia-se por alguns 'traços presentes tanto nos relatos ilhéus, quanto nos relatos conhecidos sobre a bruxaria europeia. Alguns desses traços são a metamorfose das mulheres bruxas, o uso de unguentos no corpo, o voo noturno, os encontros entre as bruxas, revestidos de um caráter orgiástico, muito próximo do sabá europeu." (1989 :163)

O segundo aspecto a ser considerado deve-se a própria história desta cultura, através da imigração e da colonização açoriana na Ilha. Enquanto os imigrantes aqui se estabeleciam, por volta de 1740, na Europa ainda queimavam as fogueiras da Inquisição.

"Nesse momento, a penetração das novas idéias científicas e filosóficas e a disseminação do ceticismo no interior das classes dominantes provocou uma desilusão dos dogmas que sustentavam a perseguição as bruxas" (Ibid:163).

A partir desses dois pontos, a comparação da bruxaria em geral com a de comunidades da Ilha, especificamente Santo António, ocorre através de depoimentos, confissões e de algumas experiências vividas por peccadores que acompanharam uma transição, cujos efeitos foram atingidos pelo ataque bruxólico, servindo para reconstituir a cultura dos indivíduos que vivenciaram este fenômeno. Enquanto das culturas populares, voltamos para o cotidiano e imaginário das classes menos favorecidas, onde prevalece

a transmissão oral, de geração para geração, fato que não se apoia no conhecimento científico, mas, tão somente, enquanto produto duma mentalização, tanto a nível individual como coletivo.

Assim, dentro do saber da comunidade por nós focalizada, os resultados e fatos que compõem o dualismo razão e paixão, através das experiências cotidianas que refletem tanto o real como o imaginário, não são apenas influências externas recebidas passivamente, mas são confirmações de desejos, expressões de afetividade ou até mesmo de voracidade, enquanto componentes da subjetividade humana. Expressa-se desta maneira a instintividade e a criatividade, o que garante a emoção quando se luta com a fantasmagoria.

Quando perguntamos acerca do real papel da bruxa no passado e no presente, podemos notar que a situação a este respeito foi aos poucos se alterando, principalmente com o aparecimento da energia elétrica, ocasionando mudanças na relação do indivíduo com a noite. O perigo e o medo foram diminuindo, pois a claridade facilitava o reconhecimento dos vultos e, em decorrência, também da mulher que se metamorfoseava em bruxa.

O ponto de vista por nós estudado mostra assim o poder da figura feminina que é reconhecido, não apenas nas funções concretas e no espaço limitado dentro do lar. Na definição dos papéis, o reconhecimento da autoridade fica centrado nos nomes, que, ao mesmo tempo comandam a mulher na casa; sob o ponto de vista mágico, no entanto, temem desesperadamente a figura daquela mulher que pode ter no seu inconsciente o incontornável impulso de bruxa.

Assim, como já citamos no início desta análise, das pessoas

com que mantivemos contato durante a pesquisa, todas conhecem histórias de bruxas. A diferença está entre os discursos dos mais velhos e dos mais jovens. As pessoas mais velhas apresentam tudo como acontecimentos reais, salvo alguns casos, nos quais eles próprios dizem ter sido protagonistas ou assistentes de situações de encantamento. Os mais jovens defendem que são "coisas dos antigos", "mas não duvidam", pois atribuem a responsabilidade de seus conhecimentos aos mais velhos. Demonstram um pouco de receio, mas asseguram-se na fé divina.

CAPÍTULO 3

O PESCADOR ARTESANAL DIANTE DA MODERNIDADE

1 - O GRUPO DE ARTISTAS DE SANTO ANTÔNIO

No decorrer do século XX, Santo Antônio, bem como a maioria das comunidades da Ilha, sofreu um processo de constante ruptura em relação ao que poderíamos denominar de uma tradição de caráter cultural, religioso, econômico. Este processo provoca uma mudança de hábitos significativa, fazendo com que os indivíduos passem a ter contato com novas alternativas de vida que, muitas vezes, coincidia com o acesso às facilidades oferecidas pela modernidade, tais como: transporte coletivo, meios de comunicação em geral, novidades tecnológicas.

Diante desta transformação, há pessoas que começam a perceber, através de uma "autoconsciência de realização", a forma mais ou menos própria de interpretação destas novidades apresentadas pelo mundo moderno, objetivando o bem-estar coletivo. Assim, parte-se para a reflexão sócio-cultural-política de cunho comunitário, embora nem todos participem desta ação.

Aprofundando um pouco mais esta questão, utilizamos o pensamento de Lechner, que discute a modernidade no sentido de que esta tem como pano de fundo o desencantamento com a organização religiosa do mundo, que se caracterizava por um absoluto respeito a um princípio divino como garantia inviolável da ordem. Reivindica-se, então, o sentido de que a história é produto da ação

dos homens, sendo um fenômeno estritamente humano sem o domínio ou a ingerência de qualquer entidade sobrenatural (cf. 1988:26).

No entanto, mesmo sendo determinada pelo homem, não há nenhuma garantia de ordem histórica que permita o estabelecimento de uma estrutura social e política isenta de conflito, pois, a convivência social sempre se produz oriunda do dualismo que se trava entre uma ordem social recebida e uma ordem social que se pretende produzir.

De qualquer maneira, e sem entrar numa análise exaustiva do que seja modernidade, do seu alcance e dos seus limites, mesmo diante de uma possível ordem que se pretenda manter inalterada, como seria a interpretação medieval de um mundo sempre constante em sua fundamentação ideológica, no caso a idéia de uma ordem perene baseada nos princípios da Igreja católica, ainda assim, o conflito, tanto a nível subjetivo como econômico estaria presente.

Assim, pretendemos sugerir que o conflito em si, a partir do próprio mundo subjetivo entre o que o indivíduo é e o que gostaria de ser, faz-se presente também no mundo social. Entretanto, no mundo moderno as contradições em nível sócio-político-econômico acentuam-se, enquanto a presença da Igreja, de certa forma, parecia garantir mais facilmente um padrão linear de comportamento.

Projetando um novo tipo de comportamento, a sociedade moderna transfere para a ação política a função integradora cumprida anteriormente pela Igreja. No entanto, a articulação da coletividade através da democracia não conseguiu aolucionar conflitos, mas, ao contrário, parece tê-los realçado. Aliás, sempre é bom lembrar que é difícil encontrar autores clássicos que tenham

apresentado a democracia como a melhor forma de governo. Em geral, apresentam-na, no máximo, como a menos pior.

Dentro desta perspectiva, as transformações por que passavam as comunidades de pescadores na Ilha acabaram por colocar os indivíduos diante da necessidade de se organizarem politicamente enquanto forma de ação, com o objetivo de estarem em condições de lidar com os novos elementos apresentados pela inovação derivada do mundo moderno.

A participação do pescador artesanal, tanto a nível da necessidade de confrontar-se com as novas regras do mercado, com a motivação para o consumo despertada pelos meios de comunicação e pelas vitrines, com a presença dos turistas, com a possibilidade de uso de novas tecnologias em seu trabalho: tudo isto conduziu a um processo de distanciamento em relação à tradição cultural, aliado ao afastamento também da prática religiosa.

Surgiu então, especificamente em Santo Antônio, a partir da década de 1970, um grupo de artistas, alguns nativos, outros não, que decidiram realizar um trabalho para o desenvolvimento das atividades culturais e, ao mesmo tempo, preservação das tradições. Este grupo de artistas acaba por fornecer um outro aspecto de enriquecimento cultural que se dá na medida em que ocorre na comunidade o assentamento de um número considerável de pessoas vindas de fora e que tem nas artes seu principal instrumento de atuação: poetas, escritores e artistas plásticos, além de intelectuais de diversas áreas.

Aproximadamente dez pessoas, que procuraram residência na comunidade de Santo Antonio, dizem terem sido atraídas pela

tranquilidade, beleza e cultura locais, que acabaram por envolvê-las, forçando-as a participarem de todo o trabalho de preservação cultural que se procurou, então, estabelecer através da integração do interesse geral entre a comunidade primitiva e os novos habitantes.

Ainda neste período, após o estabelecimento deste grupo e diante do processo acelerado de descaracterização que Santo Antônio enfrentava, a presença do grupo de artistas tomou uma primeira iniciativa no sentido de fazer realizar alguns trabalhos efetivos para a preservação cultural. Dessa maneira, trouxeram de volta, da forma mais legítima possível em relação à sua tradição, a montagem completa do boi-de-mamão, antigo folguedo regional, que fora aos poucos abandonado.

Também deve-se ao grupo de artistas a recomposição, com todas as características, das festas juninas; além disso, este mesmo grupo expandiu suas atividades para a realização de almoços festivos, geralmente com a presença de grupos teatrais ou de música, realizados na praça de Santo Antônio. Como resultado desses eventos, acabou sendo criado o Grupo Folclórico Mão-de-Pilão, que chegou a ocupar lugar de destaque nos meios locais de comunicação, mas que deixou de existir devido à mudança de muitos de seus integrantes para outras localidades.

Acenderam-se, então, os trabalhos com o Boi-de-Mamão de Sambaqui e o Centro Cultural Açoriano Arte e Tramóia Ilhoas. Este último localiza-se em um casarão colonial no centro de Santo Antônio e objetiva expor trabalhos de arte popular que transmitem, de forma adequada, a natureza e a sensibilidade características do

ilhéu. Este casarão passou por todo um processo de restauração e foi inaugurado, com a finalidade de abrigar o centro cultural, em 13 de junho de 1985 (dia de Santo Antônio). A inauguração contou com a presença de diversos artistas plásticos e escritores, o que reforça e amplia toda a movimentação cultural e garante o reajuste de todos os valores expressos através da arte representada pelos pintores e pelos artesãos, enfim o próprio folclore local. Apesar de terem se separado, os integrantes do grupo Mão-de-Pilão acreditam ter conseguido o seu objetivo que fora o de "reacender na comunidade o entusiasmo pelas tradições populares", além de também desenvolver o espírito de solidariedade diante de grupos que se formavam para protestos contra o projeto governamental de construção de uma marina na Ponta do Sambaqui.

Nesta mesma ocasião, fez parte dos eventos locais a primeira semana cultural de Santo Antônio de Lisboa, objetivando divulgar e valorizar a cultura eminente desta comunidade e, ao mesmo tempo, possibilitando-lhe conhecer a produção cultural do centro da cidade, trazendo até ali a presença de grupos e artistas expressivos. Todas essas atividades permitem a formação de um forte movimento cultural que luta para manter o meio ambiente, a arte, a harmonia, a beleza e a tradição folclórica da comunidade.

O trabalho dos artistas nativos, assim, insere-se dentro do objetivo de retratar com riqueza, os elementos, à sua volta, que compõem a memória da cultura local. Aqui, cabe-nos citar o mar, a fantasia bruxóica, as danças, as festas religiosas, os engenhos de farinha, as plantações de café, a pesca e a renda como capazes de fornecer forte suporte interpretativo para o entendimento da

vivência auferida pela comunidade.

Através de depoimento, um dos membros do grupo afirmou:

"O comportamento interior do artista está ligado às suas próprias raízes. E a participação do artista plástico está em conservar a memória cultural desta comunidade, através de sua sensibilidade em poder ver a beleza e dar continuidade a elas".

Conversando com outro artista, considerado o melhor desenhista nativo, ele nos descreve a pintura como algo que faz parte de sua vida:

"Tudo o que eu faço e vejo eu gosto de passar para a tela, no caso a minha pescaria, a casa antiga, a gaivota no céu, o alto-mar... Além das coisas que estão acabando: o pau-de-fita, o boi-de-mamão, enfim, a cultura açoriana".

A luta pela preservação do que existe, também está voltada ao trabalho artesanal das rendeiras de Santo Antônio, embora estas estejam em número bastante reduzido, pois as mulheres que ali residem preferem trabalhar como empregadas domésticas nas casas, porque, segundo depoimentos, "o dinheiro dá mais rápido".

O movimento dos artistas de Santo Antônio criou um novo quadro para a cultura que ali reside. Trabalhar esta questão é algo um tanto complexo, pois, uma coisa é fortalecer os conteúdos, sejam eles subjetivos ou concretos, ainda existentes na memória dos antigos; a outra, é restabelecer valores culturais naqueles que os possuem dentro de si, mas que não conseguem dar-lhes continuidade devido ao cumprimento da exigência de sua ocupação profissional, gerando desta forma o empobrecimento de conteúdos. É a velha questão da necessidade de um tempo livre, para que se trabalhe mais intelectualmente.

No entanto, o grupo de artistas dissolveu-se, principalmente porque seus membros tiveram que assumir primordialmente suas atividades individuais e também por questões de divergências com alguns moradores locais que exerciam influência na comunidade e não simpatizavam com o trabalho desenvolvido. Por outro lado, outros movimentos de moradores surgiram, procurando unir esforços para beneficiar a comunidade, já que muitos acreditam no trabalho coletivo, mesmo aqueles que se posicionaram contra o grupo de artistas. Sobre esta nova experiência comunitária, trataremos a seguir.

2 - EXPERIÊNCIAS COLETIVAS DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

Santo António de Lisboa é um distrito que possui uma área geográfica extensa, composta de diversas comunidades. Em todas essas comunidades existem entidades representativas, como os Conselhos Comunitários ou as Associações de Moradores. Para não ampliarmos a análise, optamos por estudar apenas uma dessas entidades - a Associação de Moradores de Santo António de Lisboa.

Esta associação foi fundada em 18 de fevereiro de 1987, tendo como objetivo desenvolver a comunidade através da organização e informação de seus indivíduos para o livre exercício de seus direitos, para a busca da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática, conforme consta nos estatutos.

Para atingir este objetivo a diretoria tem como compromisso informar aos indivíduos que compõem a comunidade, com a maior exatidão possível, sobre assuntos de ordem social, econômica, política e cultural. Na medida em que tivemos contato com os moradores e com os membros da diretoria, percebemos que o trabalho desenvolvido pela associação volta-se para o desenvolvimento do indivíduo, ampliando seus conhecimentos dentro de valores aceitos coletivamente, com base crítica, tentando evoluir e libertar-se das ilusões impostas pela sociedade capitalista, superar a coerção e a privação, e assumindo posições de interesses reais. É importante

ressaltar que a associação tem-se empenhado em cultivar na comunidade, valores culturais, mas também abrir discussões que busquem alternativas para os problemas ali existentes. Esse é um dos principais princípios que a associação exercita. Assim, as atividades são escolhidas por ordem de prioridade, sempre através de assembléias que são feitas com um número significativo de pessoas.

Esta associação tem se destacado diante das demais devido à luta permanente voltada contra a degradação da natureza e a favor do desenvolvimento dos indivíduos através da ampliação do seu conhecimento para a preservação e o usufruto disciplinado do ambiente cultural, procurando garantir a qualidade de vida dos que estão presentes e daqueles que estão por vir³⁵.

Foi este também um dos motivos pelos quais esta associação foi criada, devido à intenção dos órgãos públicos (Prefeitura) de instalarem em Santo Antônio a usina de reciclagem do lixo municipal. Em 1986, o então prefeito de Florianópolis, junto com técnicos da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), resolveu tornar pública a escolha do local da implantação de uma usina de reciclagem de lixo. Entre as possíveis áreas para instalação de tal projeto estava incluída a região de Santo Antônio. No discurso apresentado havia pontos positivos como a criação de empregos e obtenção de lucros, inclusive citando-se os exemplos das usinas das cidades de Ourinhos (SP) e Coronel Procópio (PR).

³⁵ Este conteúdo abordado em torno dos objetivos e da prática da Associação de Moradores de Santo Antonio, foi pesquisado no Estatuto desta Associação, e, está aqui descrito de forma genérica sem que nos detenhamos em qualquer citação formal nele contido.

Ao ler as informações publicadas pela imprensa, um dos moradores que percebeu a gravidade da situação começou a informar as pessoas, e logo foram tomadas providências: alguns visitaram as usinas de lixo das cidades acima citadas, trazendo informações, filmes e fotografias. Com este material, a comunidade reuniu-se e discutiu os aspectos de uma possível convivência com uma usina de lixo. Logo o movimento formou-se e foi convocado o prefeito para uma discussão sobre o assunto. Os dados que a comunidade tinha, com base nas visitas realizadas às outras usinas, diferenciavam-se daqueles fornecidos pela prefeitura. Por exemplo, o número de empregos não passaria de sessenta, além de outra agravante, quanto à captação dos componentes do lixo: vidros, latas, plásticos, que precisam ser selecionados; nesta separação existem os componentes que são rejeitados e separados, ficando exposto o material orgânico, onde se criam moscas, baratas, ratos, exigindo pulverização variada para continuidade do trabalho. Além disso a usina deveria ser instalada na nascente de um braço do rio Ratoes que desemboca nos manguezais onde nascem os camarões, berbigões, mariscos.

Diante deste fato alguns líderes reuniram-se com pessoas da comunidade e começaram a trocar informações sobre a intenção do poder público. A comunidade acabou se posicionando contrária ao projeto. Foi especificamente objetivando adotar tal atitude que os moradores fundaram a Associação. A partir de então, a Associação de Moradores de Santo Antônio de Lisboa passou a não perder de vista o plano diretor da comunidade. Cada construção que se inicia é averiguada pela sua diretoria que faz obedecer o plano diretor.

confirmando ou embargando a obra. A comunidade se faz presente, acompanhando e opinando sobre o assunto. Segundo informações de membros da associação, muitas obras que são embargadas possuem a planta legal da prefeitura mas não atendem à orientação do plano diretor da comunidade. Neste caso, então, a solução é dada pela justiça. E, por opção de prioridade, a comunidade colocou como ponto de importância a construção de uma creche. A associação se mobilizou e, com recursos oferecidos pelos próprios moradores, a creche foi construída; está em funcionamento e é administrada sem a participação dos órgãos públicos, inclusive quanto a recursos financeiros.

Ouvindo o depoimento de moradores, pode-se sentir a confiança que existe no trabalho da associação:

"Este lugar está destinado para nós vivermos. Aqui nossos filhos estão sendo criados com liberdade, e o mar é deles. Aqui as casas não precisam de muros nem à noite têm que se fechar as portas e janelas. Esta comunidade é pequena e todos se conhecem e se ajudam".

Num segundo depoimento, sobre outro projeto da prefeitura, desta vez para implantação e construção de uma marina na Barra do Sambaqui³⁶, ouvimos o seguinte:

"A marina aqui não sai. Porque isso é nosso e nós não podemos é fica longe. E se preciso for, tem a associação aqui que nos ajuda a fazê o movimento".

³⁶ A prefeitura municipal de Florianópolis, diante da necessidade de construção de uma marina, escolheu a Ponta do Sambaqui como local para sua implantação por ter no mar a profundidade necessária, por ser bem localizada e por ter uma vista que garante toda a parte norte da Ilha sem, contudo, levar em consideração os interesses dos moradores nativos do local. Isto gerou conflito e movimentação, a ponto de ter a prefeitura que recuar em sua proposta, apesar de que ainda não se tenha chegado a uma conclusão definitiva sobre o assunto.

Buscando maior aprofundamento para a análise desta relação entre moradores e associação, procuramos encontrar outros elementos que nos fornecessem possibilidades de entendimento. O primeiro elemento pesquisado são documentos existentes sobre o trabalho comunitário desenvolvido pela FUCADESC³⁷, no período de 1980 a 1982. O segundo elemento são ocorrências históricas e políticas que a comunidade vivenciou.

No ano de 1980, a FUCADESC, através de seu corpo técnico, iniciou o trabalho de desenvolvimento comunitário. A mobilização comunitária era iniciada através da convocação de líderes e políticos da própria comunidade ou região. Os técnicos propunham um programa baseado em diretrizes governamentais que, através de sua interpretação e da nucleação dos grupos já existentes, inclusive instituições religiosas, sociais, tinha como objetivo organizar uma instituição denominada Conselho Comunitário, dando-lhe poder de representação e agenciamento dos interesses da comunidade.

Na documentação específica da comunidade de Santo Antônio, percebe-se, pelas observações feitas, sempre a pouca presença das pessoas que ali residem. Mesmo assim, houve um estudo preliminar, o qual estabeleceu prioridades para serem desenvolvidas entre os técnicos e as poucas pessoas que participavam.

As dificuldades existiram desde a implantação do projeto proposto pela FUCADESC. De acordo com o relatório produzido em 1980, são citadas aquelas oriundas da desconfiança por parte de

³⁷FUCADESC: Fundação Catarinense de Desenvolvimento Comunitário, criada no ano de 1979, com objetivos voltados à organização de associações e/ou órgãos que representassem as comunidades; sendo estes denominados Centros Sociais Urbanos, Centros Comunitários, ou Associações de Moradores.

alguns moradores e líderes comunitários que enxergam o trabalho da Fundação como sendo de cunho "político". No entanto, num período aproximado de seis meses, houve a aplicação de questionários para melhor se conhecer e organizar o trabalho comunitário e foi elaborada uma pequena lista com os nomes dos líderes da comunidade.

Em março de 1982, alguns programas do projeto já haviam sido desativados, tais como grupo de mães, ou grupos ligados à Igreja.... Mas, ainda, tentativas de implantar outros programas, voltados para as mulheres e crianças, foram iniciados. No final de 1982 houve nova avaliação, que continha as razões para o não prosseguimento do trabalho comunitário. Dentre os motivos alegados para a não efetivação dos projetos estavam as dificuldades para o acesso das pessoas às reuniões, de estabelecer relações de trabalho por ser a comunidade opositora ao governo da época, finalmente o fato da comunidade já possuir uma infraestrutura satisfatória (Escola, Posto de Saúde, Igreja, Clube Esportivo) o que desmotivava os moradores a participarem.

Para algumas das pessoas que tivemos oportunidade de entrevistar, o motivo mais importante para a falta de participação e interesse por parte dos moradores locais em relação ao que a FUCADESC propunha foi o tempo de trabalho exigido dos participantes para a consecução de algum benefício. Por exemplo: a comunidade era convidada a fazer mutirão para a execução de pavimentação de uma rua, ou para implantação de um sistema de água e esgoto. Este tipo de trabalho exigia tempo, o que o tornava impraticável, por estarem as pessoas trabalhando dentro da própria comunidade (pesca) ou fora (na cidade). Além disso, a entrega dos recursos ou a inauguração de

uma obra eram feitas por um político que discursava imprimindo ao fato o caráter de favor: apadrinhamento político. Esta situação gerou rejeições por parte de líderes comunitários que interpretaram o fato como caracterizando uma exploração política e, também, uma dependência diante das autoridades instituídas, o que impedia a idéia de completa liberdade de ação por parte da comunidade. Além disso, a comunidade percebia que a proposta de trabalho apresentada pela FUCADESC era uma forma de exploração da mão-de-obra gratuita, livrando o Estado das responsabilidades que lhe são devidas pela coleta de impostos. Aliás, obtivemos informações de que só Santo Antônio rejeitou o projeto da FUCADESC, enquanto noutras comunidades não houve tal resistência. E isto revela aqui, como em outros aspectos, uma singularidade desta comunidade em meio a tantas que existem na Ilha de Santa Catarina.

Para os líderes da comunidade de Santo Antônio, o desenvolvimento comunitário não ocorre sem o do próprio indivíduo, adotando-se aqui o princípio geral da igualdade de direitos. Um dos líderes locais referindo-se ao comportamento dos indivíduos diante dos acontecimentos internos e externos que geram atitudes coletivas, comenta:

"Aqui, o indivíduo busca a troca de informações; ele busca alguém para se espelhar. E ele também duvida de tudo".

A este respeito, devemos lembrar Simone C. Maldonado, para quem, entre os traços psicológicos dos pescadores, aparece a desconfiança como característica marcante. Para a autora citada essa desconfiança manifesta-se principalmente:

"Nas relações entre os pescadores e o mercado... quando... a grande ocorrência de atitudes de suspeita e cuidados para com informações e influências vindas de fora corresponde à independência que os pescadores artesanais tentam manter com relação aos intermediários e armadores". (MALDONADO, 1986: 33,34).

Este espírito de desconfiança insere-se na vivência coletiva dos indivíduos, principalmente nos que são nativos de Santo Antônio. Santo Antônio sofria muita ingerência política. Como já citamos anteriormente, os políticos faziam-se presentes até nas Festas do Divino. Por outro lado, Santo Antônio foi um dos balneários preferidos dos moradores da Ilha e de muitos turistas. Muitas dessas pessoas construíram ali casas de veraneio ou residências. São professores, artistas, profissionais liberais. Junto com elas vieram novos valores e formas de interpretar os fatos.

Isto faz com que a comunidade local venha a adquirir um comportamento de maior discernimento para a compreensão do significado de manter-se livre do clientelismo político - histórico na Ilha - assumindo posições próprias e independentes.

Esses elementos contribuem para uma melhor interpretação dos fatos do cotidiano e esta visualização mais ampla por parte da comunidade deve-se, em grande parte, à interferência de novas informações trazidas pelos novos moradores.

Ao mencionarmos o desempenho do trabalho da Associação de Moradores de Santo Antônio de Lisboa, percebemos que cabe aos indivíduos a responsabilidade pela atuação desta, enquanto:

"o sujeito desenvolve uma relação individual com o sistema de valores da sociedade a qual ele se refere". (HELLEP, 1982:151)

Os líderes que conduziram o trabalho social em Santo Antônio possuem experiências que foram ampliadas e aperfeiçoadas, aceitando a revolução e a modernização do trabalho comunitário que teve início no ano de 1947, com a criação do AVANTE - Associação Recreativa e Cultural Avante. Vale a pena relatar brevemente este fato pois nele decifra-se a formação de uma associação voltada para o lazer, como primeiro processo de movimento comunitário organizado, em que se estimulava a solidariedade.

Esta associação recreativa foi fundada em 30 de março de 1947 com o nome de Avante Futebol Clube, tendo como objetivo o desenvolvimento de atividades esportivas para uma população menos favorecida, sendo, portanto, uma entidade de caráter mais popular. Na sua fundação todos participaram: pescadores, comerciantes e parte de uma elite do centro da cidade. Com o passar do tempo, no entanto, essa elite foi deixando de freqüentar o clube e este tornou-se exclusivo dos habitantes de Santo Antônio.

No ano de 1954, a diretoria começou a construir a sede para o clube. O terreno foi doado por uma pessoa da comunidade e a idéia foi, então, a de utilizarem-se tijolos para a edificação. Isto exigia a fabricação própria deste material por causa da impossibilidade financeira da comunidade em arcar com as possíveis despesas provenientes da aquisição do mesmo por outros meios. A urgência da fabricação dos tijolos foi assim acompanhada da escolha de um local onde houvesse barro bastante para a confecção de um forno, bem como do produto necessitado. O processo de fabricação que a comunidade se propunha a realizar exigia, portanto, tempo e trabalho. No entanto, tudo se resolveu de maneira mais simples, já

que um voluntario se propos a fornecer todos os tijolos necessarios a construção da sede do clube.

Mas o problema ainda não se resolvera totalmente, pois faltavam os demais materiais: madeira, areia e cal. A madeira foi retirada das matas. A areia, de locais próximos. E a cal exigiu fabricação própria. Para tanto, a diretoria do Avante dividiu-se em áreas geográficas para fazer a coleta de cascas de ostras e berbigões, conchas.... O trabalho de colheita durou cerca de três fins de semana. As famílias já haviam armazenado as cascas e conchas para facilitar o recolhimento que era transportado em carro-de-boi. Houve a escolha de um local determinado para fazer uma fogueira com as cascas, conchas, madeiras verdes e grossas. No meio da fogueira era posto um facho aceso de bambu e as cascas e conchas ficavam intercaladas com as madeiras. Esta distribuição era para que as cascas e conchas queimassem em dois ou três dias e que, quando acabassem de queimar, as cinzas de cor muito branca e misturadas com água se tornassem cal. Tudo isso revela como a percepção duma necessidade torna criativa a própria comunidade.

A fundação do Avante, enquanto Associação Recreativa, trouxe uma contribuição significativa para Santo Antônio: forjou a preocupação pelo coletivo, especialmente o lazer, que até então, só ocorria nos casos das atividades religiosas (missas, novenas, festas...). Também representou uma maneira dos individuos gerenciarem os seus próprios interesses, demonstrando independência em relação aos órgãos públicos e se auto-determinando em defesa do coletivo.

Na época da fundação do AVANTE, Santo Antônio já tinha um

clube, o 7 DE SETEMBRO, mas seus frequentadores eram, em sua maioria, membros da elite de Florianópolis, formada por políticos, funcionários públicos, autoridades diversas. Este clube fora construído em Santo Antônio, na época em que esta comunidade tivera um grande impulso econômico, baseado no desenvolvimento comercial propiciado pela pesca, pelos moinhos de farinha e pela proximidade com o centro da cidade.

A influência externa ainda subsiste por algum tempo, entre o elemento estranho à comunidade (a elite do centro da cidade) e as famílias locais. No entanto o AVANTE marca o início de um rompimento que se efetua de forma definitiva a partir do momento em que o clube 7 DE SETEMBRO encerra suas atividades no ano de 1968. A presença do AVANTE, assim, no nosso entender, rompe com a dependência tradicional em relação à classe política e torna-se um primeiro exercício de convivência comunitária independente, voltado para um objetivo comum, após escolhas individuais, que são ao mesmo tempo genéricas. Conforme explica Agnes Heller, referindo-se à singularidade do indivíduo em relação ao papel que exerce na coletividade:

"Sua atividade é, sempre e simultaneamente, individual-particular e humano-genérico".(1985:80)

E, em termos práticos, a construção de um clube que objetivava o lazer, oportunizando o exercício livre de uma opção, foi o resultado de uma escolha tanto individual quanto coletiva, de um grupo de pessoas que idealizaram um projeto que está em funcionamento até os dias de hoje.

A convivência comunitária de Santo Antônio torna-se interessante.

porque todas as decisões concernentes a ela são tomadas em conjunto com as demais diretorias das instituições ali existentes; a Igreja, a Escola, a Associação... Um outro exemplo de trabalho comunitário é o projeto de ostricultura que existe nesta comunidade e que a partir de agora iremos conhecer com maiores detalhes. Tal projeto vai nos revelar, de forma mais clara, como a comunidade se posiciona diante de algo novo. Mas, antes disso, até para compreendermos melhor a singularidade já assinalada de Santo Antônio, temos que destacar a figura de um líder comunitário, que sempre esteve à frente tanto no movimento que acabou gerando o AVANTE quanto das mais recentes iniciativas para o cultivo da história secular da comunidade. Trata-se do senhor Altino de Altino Cabral*, cujas características são marcadamente voltadas para o respeito do ser humano, para a dignidade e coerência de princípios e que se fez um líder comunitário através de sua constante atuação junto às questões que se apresentavam à comunidade de Santo Antônio.

A importância deste líder comunitário deve-se, principalmente, ao fato de que ele sempre soube encontrar o ponto de equilíbrio entre o velho e o novo, entre o nativo e o estranho ao lugar sabendo interpretar as informações vindas de fora, valorizando-as aos interesses da comunidade. Assim, quem teve muito a ganhar com a sua vivência foi a cultura local, pela preservação das reliquias da

* Por ser o único membro da comunidade de Santo Antônio citado nominalmente, vale a pena dizer que o fazemos não só como reconhecimento pelo que um líder pode representar numa comunidade, até mesmo no sentido de exercitar o bom senso na relação entre o tradicional e o moderno.

igreja, dos casarões coloniais, pela preocupação com o meio ambiente; e também os indivíduos, pelos exemplos de trabalhos comunitários desenvolvidos.

3 - PROJETOS ALTEP ATIVOS NA ÁREA DA PESCA

De maneira geral e conforme já mencionamos anteriormente, o empobrecimento gradativo da comunidade de Santo Antônio de Lisboa não ocorreu de forma isolada, mas em decorrência de uma complexidade de fatos, propiciada também pela ameaça de uma nova crise mundial, na década de 20, com conseqüências refletidas na sociedade brasileira. Neste período a sociedade brasileira estava em franca expansão populacional, bem como iniciava o seu desenvolvimento industrial com o respectivo apoio norte-americano.

O desenvolvimento industrial intencionava suprir aos bens de consumo, como calçados, têxteis e alimentos. O setor de alimentos faz parte da atividade pesqueira e a partir de então são formadas as unidades industriais, já que havia alguns fatores favoráveis, como a presença de grandes cardumes, a força de trabalho era de fácil acesso, pois residia ao longo do litoral brasileiro; desta forma faltava apenas suprir ao maquinário para garantir um bom nível de produção.

Faz-se necessário uma série de trabalhadores que executem as tarefas de capturar os cardumes, utilizando barcos a motor (gasolina, óleo, diesel), assumindo novas atividades e colocando os seus conhecimentos em prática e especializando-se em apenas uma ocupação: puxador de rede, mestre, proeiro, visualizador de

cardumes e observador de rumo que a embarcação deveria tomar.

O processo de industrialização era organizado por diversos grupos de interesses, além dos pretendentes brasileiros; havia igualmente grupos internacionais e a presença do Estado.

"A expressão desses interesses é observável no Plano de Metas de J.K. que previa a substituição de importadores de bens de capital e implantação de indústrias dinâmicas, priorizando a indústria automobilística, construção naval, siderurgia" (SILVA, 1990:146)

A intervenção do Estado no setor pesqueiro ocorre através do seu Departamento de Caça e Pesca e com o auxílio dos técnicos e equipamentos da FAO - Organização de Alimentos e Agricultura das Nações Unidas - objetivando detectar pontos de estrangulamento no processo de captura, incentivando a pesquisa e a produção especializada. Esta discussão será retomada posteriormente.

Mas nos anos 60, a crise generalizava-se, com momentos de profundas transformações, o que, entre outras coisas, acabou ocasionando a tomada do comando do país pelos militares, que apoiavam os núcleos produtivos, estimulando pretensamente o processo de modernização em todas as áreas, às custas da contratação de grande dívida com o capital estrangeiro, e de autoritarismo nas relações internas. No setor pesqueiro, os técnicos da FAO, juntamente com os técnicos da SUDEPE - Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca - desenvolviam suas pesquisas, ampliando a necessidade de equipamentos mais modernos para a localização de cardumes, inclusive por

"as pescarias serem feitas a noite quando as sardinhas sobem à superfície e isso somente durante o período de lua". (Ibid:167)

Portanto, para a indústria pesqueira proporcionar resultados positivos, o governo decide facilitar o acesso a equipamentos através de financiamentos. Com este impulso, muitas foram as indústrias pesqueiras que se organizaram em Santa Catarina, principalmente de refrigeração para aproveitar melhor os produtos, desta forma obtendo um expressivo desenvolvimento econômico. Mas havia necessidade de ampliação. Portanto, era necessário investir em novos equipamentos tecnológicos como o sonar, o ecosonda, o radar e a radiocomunicação para detectar os cardumes, propiciando melhores condições para um desenvolvimento mais significativo da pesca.

Rapidamente descobrimos as conseqüências que a modernidade trouxe para o pescador artesanal³⁷. Impossibilitado de acompanhar este processo de desenvolvimento tecnológico, acabou ficando à margem de tudo o que estava acontecendo em termos de planificação governamental para a atividade pesqueira. Assim, ele cumpre um trabalho que lhe garanta a sobrevivência de forma regular, mas simples, ficando com pouco tempo para a obtenção de informações alheias ao seu grupo de contato mais imediato e prático. O pescador artesanal não dispõe, portanto, das condições ideais e plenas para uma efetiva participação dos problemas gerais da comunidade.

Aprendemos, através dos depoimentos ouvidos, que há

³⁷ Aqui, não pretendemos nomear enquanto pescador artesanal, propriamente, aqueles que se dedicam a pesca de fim de semana, nas horas de folga, em caráter recreativo, embora este tipo de pescador possa ser enquadrado enquanto utilizando as mesmas técnicas do pescador artesanal. Ambos não se identificam, pois, para um, importa a sobrevivência, para outro, o lazer, apesar de que existam muitos que têm na atividade pesqueira de fim-de-semana, uma forma de complementação alimentar necessária.

relativamente pouco tempo atrás havia abundancia de pescadores no mar de Santo Antônio. A baía era rica: por onde o pescador se aventurasse, ele facilmente obtinha o peixe procurado ou capturava o camarão necessário para a comercialização de todo o dia. No entanto, nos dias de hoje, devido principalmente à poluição, a baía já não oferece mais boas oportunidades para a detenção do pescado e a pesca em alto-mar é privilégio das embarcações industriais.

Para enfrentar este tipo de dificuldade, o governo estadual no ano de 1984 através da ACARPESC- Associação Catarinense de Pesca - implantou o projeto de condomínios de pescadores artesanais, que objetivava melhorar a qualidade de vida desses indivíduos e propiciar condições de venda de seu produto, isolando a presença do intermediário. Apesar do condomínio ser um exemplo de organização, não resolveu, no entanto, o problema do pescador, devido à baixa quantidade de pesca e à má qualidade dos equipamentos. Mesmo assim, a título de informação, o primeiro condomínio realizado, que recebeu o nome "Homens do Mar", situado na comunidade de Barra do Sambaqui, não conseguiu levar adiante os objetivos iniciais propostos, entre os quais incluía-se a eliminação da presença do atravessador.

Enquanto Santo Antônio trocava informações para tentar superar o esvaziamento de sua economia, existia na Assembléia Legislativa do Estado uma "Comissão Desemprego" que trabalhava com dados sobre o numero de pessoas que viviam de subempregos ou desempregadas. Esta comissão foi formada em 1984 e era composta por representantes de todos os partidos políticos, que buscavam alternativas para a resolução dos problemas sociais, que diziam respeito também as

questões ligadas a pesca artesanal no Estado.

O objetivo deste grupo era fazer com que o processo produtivo em Santa Catarina fosse planejado por trabalhadores autônomos, profissionais liberais, sindicatos patronais e outros. A composição para este planejamento deveria ser feita por trabalhadores que possuíssem conhecimento de causa e que caminhassem de forma mais independente, retirando a responsabilidade do Estado na interferência e no planejamento econômico.

Em 1985, houve eleições municipais; o prefeito que se elegeu em Florianópolis fazia parte da "Comissão Desemprego" e conhecia os Líderes Comunitários de Santo Antônio, bem como a preocupação existente principalmente com os problemas relacionados à pesca. Entre o grupo de lideranças daquela comunidade havia inúmeros pescadores artesanais. A proposta da Comissão foi encaminhada pela prefeitura, através da intendência de Santo Antônio, e discutida com as lideranças comunitárias. Num segundo momento, foi encaminhado o debate entre toda a comunidade, para que esta pudesse decidir sobre as prioridades do programa. A execução do mesmo deveria iniciar-se pelo processo de identificação das possíveis atividades produtivas a serem executadas. Ao Estado, caberia a responsabilidade de agilizar financiamentos tanto a nível municipal, estadual, bem como a nível nacional ou internacional, público ou privado.

O projeto apresentava a necessidade de uma mudança profunda no encaminhamento das questões comunitárias. Não mais seriam distribuídos poucos recursos por parte do Estado para a execução de pequenas obras de caráter emergencial (instalação de telefone

publico, calçamento de ruas...) que exigissem a participação da comunidade através da mão-de-obra assistencial ou paliativa, sempre acompanhadas de um ato público, envolvendo a presença de políticos. Ao contrário, o trabalho voltar-se-ia para o resgate do conhecimento próprio, do sentimento de pertencer a uma cultura e prática social e econômica comunitária (no nosso caso específico, o resgate do saber empírico do pescador artesanal) - acrescido pela inserção do saber tecnológico dos profissionais envolvidos.

Assim sendo, a necessidade do projeto fundamentava-se como decorrência da má informação presente na vida das comunidades, que resultava da manipulação exercida pelos meios de comunicação, bem como da pouca instrução dos indivíduos que não eram capazes de conhecer cientificamente o delineamento de sua decadência econômica. No caso específico de Santo Antônio, as pessoas mais bem informadas presentes a esta comunidade, foram conduzidas por este tipo de análise, objetivando, diante do perecimento econômico da pesca artesanal, enfatizar que esta não conseguia superar sua característica primitiva, enquanto atividade de subsistência. Também, aqui, foi feita a avaliação da presença do atravessador, que levava o pescador a uma economia de dependência e de troca, conforme já visto.

Este contexto, oriundo da falta de informação e instrução, gera duas situações que se interligam. De um lado, o pescador passa a não respeitar os programas de preservação da fauna marinha, burlando leis e pescando em local e época impróprios, sem obedecer a qualquer avaliação referente a reprodução das diferentes espécies de peixe. O pescador justifica-se, dizendo não ter condições de

so pescar na época certa, por falta de equipamentos para enfrentar o mar aberto. Por outro lado, o pescador sofre um processo de descaracterização, pois, muitos são aqueles que abandonam a pesca para se entregarem a outras atividades, tornando-se serventes na construção civil, vigias, carpinteiros... E, na busca por outras alternativas, com o seu baixo grau de instrução, o pescador artesanal acaba por tornar-se mão-de-obra barata, vivendo nos arredores da cidade, fazendo proliferar ali as favelas, perdendo a sua identidade de pescador, bem como o contato com a cultura açoriana.

A Comissão Desemprego fez-se presente na comunidade de Santo António, em outubro de 1986, para tornar públicas as suas idéias e o resultado de seus estudos voltados às necessidades de organização da comunidade. Após esta apresentação, houve algumas preocupações levantadas pelos participantes, como o reforço da convivência entre as comunidades que compõem o distrito, evitando, assim, o risco de uma possível divisão. Outro aspecto levantado foi o da ampliação no número de indivíduos participantes para compor-se um grupo organizado, sólido e dinâmico, e, juntos, obterem maiores benefícios possíveis. Houve também o registro quanto ao respeito às decisões tomadas, tanto quanto à identificação dos programas, bem como quanto à sua escolha para serem postos em prática.

Quando este assunto ficou praticamente esgotado, um membro representante da Comissão Desemprego sugeriu a criação do Conselho de Desenvolvimento Económico, gerenciado pelos próprios moradores, objetivando representar interesses económicos através da investigação e organização para o desenvolvimento das capacidades e

afinidades ocupacionais da comunidade. Tal objetivo deveria ser alcançado de modo a não se distanciar dos recursos próprios da comunidade, bem como de seu grau de consumo. Ficaria também, a encargo do Conselho, o repasse de informações sobre as necessidades da comunidade diante das instituições públicas e dos órgãos financiadores para dinamizar os projetos propostos.

Esta proposta foi divulgada na presença de intelectuais residentes em Santo Antônio, autoridades, representantes de partidos políticos, bem como de um grande número de moradores locais. Todos foram unânimes quanto à aceitação da proposta para a criação de um Conselho de Desenvolvimento Económico, assumido por uma comissão provisória eleita, que se encarregaria de divulgá-lo. A sociedade da Ilha deveria tomar conhecimento da formação do Conselho, retribuindo com apoio à execução dos projetos a serem propostos.

O eixo principal levantado pelo Conselho de Desenvolvimento Económico referia-se à necessidade de transformação da pesca artesanal em pesca industrial. Para tanto, seria necessário uma embarcação de meio porte, equipada com aparelhos e instrumentos próprios, possíveis de melhorar os sistemas de captura do pescado. O projeto era promissor e ousado, mas precisava obter apoio de todas as fontes possíveis. O momento político no Estado era propício, pois haveria eleições governamentais e, certamente, políticos representantes de diversos partidos se comprometeriam com o desenvolvimento do projeto. A comissão mobilizou-se para divulgar e solicitar apoio às entidades públicas, como a Prefeitura Municipal, Secretarias do Estado, Universidade Federal de Santa

Catarina.

Sua apresentação fundamentava-se em propostas alternativas, onde se incluíam tanto a já citada substituição da pesca artesanal pela pesca semi-industrial, bem como o estímulo a novos processos para o aperfeiçoamento dos sistemas de captura, manejo e comercialização do pescado, objetivando aliviar o esforço da pesca nos ambientes considerados criadores naturais e, conseqüentemente, permitindo o repovoamento aquático com o incremento de produção de larvas de camarão a partir de fêmeas ovadas.

Uma equipe de pescadores artesanais, sabedor da existência de um barco chamado Diadorim, pertencente à SUDEPE para ser usado na fiscalização da pesca, bem como na pesquisa marinha que era desenvolvida pelo IPEP - Instituto de Pesquisas Pesqueira, interessou-se em solicitar à SUDEPE a doação da embarcação, o que acabou nunca sendo atendido³⁸. O argumento apresentado era o de que tanto a fiscalização bem como a pesquisa que deveriam estar sendo desenvolvidas pelos dois órgãos citados encontravam-se comprometidas. Havia pouca definição quanto à destinação dos papéis

³⁸ Aqui, devemos lembrar que houve todo um clima de expectativa envolvendo o empréstimo do barco Diadorim à comunidade de Santo Antônio. Na medida em que o tempo foi passando, os pescadores trabalhavam com técnicos de diversas entidades governamentais (UFSC, FUCADESC, SUDEPE...), planejando atitudes ligadas ao desenvolvimento econômico. Havia um comprometimento por parte das autoridades políticas, tanto estaduais como federais, no sentido de que o Diadorim deveria ser repassado ao Conselho de Desenvolvimento Econômico de Santo Antônio. No entanto, as datas de entrega do barco iam sendo sempre adiadas, predominando os problemas burocráticos e políticos, enquanto que a comunidade acabava por perder o otimismo que havia se instalado no princípio, dando, por fim, motivo para que o pescador retornasse a sua antiga atitude de desconfiança e de descaso para com as promessas políticas e as questões burocráticas, já que o barco Diadorim jamais foi repassado à comunidade.

a serem exercidos e o IPEP estrapolava sua função de pesquisa, assumindo também o trabalho de fiscalização, resultando disso um polêmico debate levado a público pela imprensa.

A fiscalização era função da SUDEPE e o IPEP fazia parte desse órgão maior. No entanto, os meios de comunicação apresentavam várias denúncias retratando o descontentamento dos pescadores quanto à fiscalização exercida, por não estar sendo feita dentro dos padrões de justiça, diferenciando as multas entre os pescadores artesanais e os industriais, com benefício para estes últimos. Quanto à pesquisa, o que ocorria não era muito diferente, pois todas as informações obtidas pela equipe que conduzia o IPEP eram entregues aos industriais ligados à pesca nos municípios de Governador Celso Ramos e Itajaí. Essas informações que deveriam ser públicas eram, assim, desonestamente passadas às mãos dos interesses empresariais.

Conhecendo este quadro, uma equipe de pescadores artesanais de Santo Antônio solicitou à SUDEPE, pelo prazo de um ano, o empréstimo do barco Diadorim, sob a forma de um contrato, onde a utilização deste equipamento deveria beneficiar as demais comunidades pesqueiras do litoral catarinense. A organização para a utilização da embarcação seria feita através da formação de uma cooperativa, o que faria garantir o bom uso e a devolução do Diadorim no prazo proposto. Mesmo dentro dessa perspectiva as pesquisas continuariam a ser feitas através das orientações de técnicos e cientistas ligados à Universidade Federal de Santa Catarina. O papel da Universidade seria fundamental, porque nela existem bons profissionais conhecedores da tecnologia utilizada na

atividade pesqueira. A Universidade é, assim, uma fonte de conhecimento concentrado, possível de ser repassado para as comunidades, sem o comprometimento das informações adquiridas através das pesquisas com a elite empresarial. Assim, os pescadores artesanais poderiam trabalhar com um barco de pesca semi-industrial, que tornasse possível competir com os barcos industriais. Dessa forma, o pescador artesanal sairia da situação de dependência econômica e passaria a utilizar meios de captura modernos. Em contrapartida, as informações adquiridas seriam distribuídas às demais comunidades, bem como preservar-se-ia a fauna marinha através da implementação de fêmeas ovadas para reativar a pesca em toda extensão da baía.

Outro fator de fundamental importância seria a conservação e a comercialização dos produtos. Na medida em que o pescador dominasse estes dois processos não haveria mais espaço para o intermediário. Para que este projeto se efetivasse, seria preciso que o Conselho buscasse a contribuição de técnicos de órgãos públicos para mobilizar a comunidade, ampliar a pesquisa sobre análise ocupacional, colaborando com seus conhecimentos técnicos para aprofundar e concretizar as ações específicas de cada órgão envolvido. Em função disso houve a formulação de um convênio entre a Universidade, representada pelo Departamento de Aquicultura, a Secretaria da Agricultura do Estado através da ACARPESC, a Secretaria do Desenvolvimento Social, através da FUCADESC, o Conselho de Desenvolvimento Econômico e o Condomínio "Homens do Mar", para viabilizar a implantação de um Núcleo de Pesquisas, Tecnologia e Desenvolvimento na comunidade de Santo Antônio.

Para que tal empreendimento prosperasse, seria necessário o desenvolvimento de algumas atribuições como: a Universidade deveria elaborar e propor fontes de investimentos para desenvolver os projetos de pesquisa e colaborar com recursos materiais e humanos. Quanto às atividades que envolvessem órgãos estaduais como as ACARPESC e FUCADESC, centralizar-se-iam na organização do sistema cooperativo, utilizando o Condomínio "Homens do Mar" para ser o representante da classe dos pescadores artesanais. Assim caberia às instituições acima citadas, acompanhar, orientar, assessorar e avaliar, bem como a responsabilidade de desenvolver pesquisas socio-econômicas relacionadas com os objetivos do núcleo que foram realizadas conforme veremos a seguir.

O Conselho de Desenvolvimento Econômico, integrado a outros órgãos, mantinha um grupo de estudos composto por diversos profissionais: psicólogos, professores, bibliotecários, assistentes sociais, voltados para estudos de projetos na área do trabalho, conforme identificação com a profissão, mercado de consumo e grupo de interesses. O projeto foi denominado "Disseminação seletiva de informações e conhecimento de comunidade"^{3º}, o qual objetivava a obtenção de dados, os mais verídicos possíveis, sobre as tendências ocupacionais na faixa etária de 16 a 22 anos, para realização de

^{3º} Este projeto tinha como meta fornecer ao indivíduo o maior número possível de informações sobre a ocupação que desejasse assumir e que fosse necessária à comunidade, fazendo com que o mesmo permanecesse na sua região, sem necessidade de migrar para outros centros. Desta forma, procurava-se alterar a rotina das relações econômicas, possibilitando aos participantes gerir sua própria habilidade, livre do domínio e do controle tanto dos atravessadores como das empresas de capital.

cursos semiprofissionalizantes, utilizando como órgão responsável o SENAI - Serviço Nacional da Indústria - além, também do apoio da Universidade.

Para a obtenção desses dados, foram aplicados questionários que resultaram em dois grupos de interesses: o primeiro voltado à aprendizagem de reparos de motores de barco, o segundo para o conserto de eletrodomésticos. Estes dois grupos recebiam instruções teóricas e práticas, sendo que o material era selecionado anteriormente e específico para cada profissão escolhida. A seleção era feita pelos bibliotecários. Assim, todos os projetos exigiam o comprometimento dos profissionais integrantes, pois tanto o conteúdo teórico como o prático eram elaborados por esta equipe de técnicos, cada um assumindo a sua atividade afim. No entanto, o projeto não teve continuidade devido a desmotivação que acabou conduzindo estes técnicos envolvidos, pela falta de liberação dos recursos financeiros necessários, o que fez com que as instituições envolvidas acabassem por retirar seus profissionais do projeto. Embora, todo este trabalho acabasse por não se efetivar, tornou-se a base técnica para o programa de ostricultura.

4 - O CULTIVO DE OSTRAS EM SANTO ANTÔNIO

Mesmo diante de tantas dificuldades para a execução de quaisquer desses projetos anteriormente citados, houve uma insistência e busca muito grande para que se pudesse colocar em prática pelo menos algum dos programas pertencentes ao plano alternativo do Conselho de Desenvolvimento Econômico. Assim, um dos membros que compunham o Conselho obteve a informação, através de um jornal local, sobre a possibilidade do cultivo de ostras. Esta informação foi repassada ao grupo que demonstrou interesse imediato em conhecer o processo de cultivo.

Nas informações gerais, verificou-se que o projeto de ostricultura estava sendo pesquisado desde março de 1985, por uma equipe que fazia parte do Departamento de Aquicultura da UFSC. E com base em quase três anos de estudo sobre as condições ecológicas da Baía Norte e do Rio Ratonas,

"foi possível ter um panorama geral do comportamento de condições físico-químicas das águas destes dois ambientes, tais como, salinidade, temperatura, transparência da água e produtividade primária". (O ESTADO RURAL, 30/08/1987:04D).

A implantação do cultivo exigia acompanhamento criterioso que possibilitasse a descoberta da época própria para a reprodução que se dá nos meses de abril e maio juntamente com a larvicultura sob condições artificiais, sendo este o melhor período de captação da

semente, bem como para o estabelecimento de métodos de cultivo. Foram consideradas as taxas de crescimento de uma espécie nativa e de outra exótica. No que diz respeito a esta última, o projeto foi montado para o cultivo de ostras japonesas devido a disponibilidade das sementes e por ser possível a reprodução artificial, tendo como fator favorável a taxa de crescimento que é mais acelerada do que a da ostra nativa. Considerando estes aspectos, era preciso que houvesse a instalação de um laboratório - porque a ostra japonesa não se desenvolve nas águas tropicais - e pela necessidade de agilização na entrega das larvas ao pescador, num prazo de 21 dias.

O laboratório foi previsto para ser construído utilizando-se a antiga casa da Alfândega, localizada na Ponta do Sambaqui, prédio este pertencente a Receita Federal, mas cedido para o desenvolvimento deste trabalho, por um período de 10 anos. Sua construção foi executada a partir de 1987 com recursos do Ministério da Agricultura, e mão-de-obra dos próprios pescadores, orientados pelos técnicos da Universidade. A obra foi concluída em 1991⁴⁰.

No princípio, o pescador não conseguiu antever a possibilidade futura de uma complementação de sua renda per capita com a implantação do projeto. Também, não conseguia visualizar a

⁴⁰ Muitos foram os pescadores presentes tanto na construção do laboratório, como na concretização do projeto. Para a construção, devemos realçar a demora da liberação das verbas, que foram sendo repassadas parceladamente e com atraso. No que diz respeito ao desenvolvimento do projeto, houve dificuldades de entendimento, por parte dos pescadores, quanto a boa lucratividade do mesmo, uma vez que esta não prometia o ganho imediato, mas, sim, a longo prazo. É compreensível esta atitude devido a urgência que os pescadores tem em relação ao suprimento de suas necessidades imediatas, a nível de subsistência, o que os força a assumir trabalhos na própria atividade pesqueira, ou mesmo, fazendo pequenos serviços ou lhes proporcionando o ganho diário.

possibilidade de dar continuidade e integrar na sua própria profissão, esta nova atividade, não necessitando mais assumir outras atividades como a de pedreiro, coveiro. A experiência a ser desenvolvida com a ostricultura ainda evitaria que o pescador tivesse que burlar as leis de proteção da fauna marinha, em determinadas áreas, de acordo com a época de reprodução.

Em 1990 o cultivo de ostras atingiu duzentas mil unidades e o lucro foi dividido entre os sócios do Condomínio da Pesca e Maricultura Baía Norte e o produtor de ostras, residente em Cananeia, São Paulo, que fora quem participara através de um contrato, com o fornecimento das sementes para o estabelecimento do projeto.

Para conhecermos melhor o pensamento dos pescadores que compõem o Condomínio da ostricultura, colhemos alguns depoimentos, entre os quais, destacamos o seguinte:

"O projeto da ostra é bom e está dando certo. Os resultados são excelentes, a ostra aqui na baía tem um crescimento espantoso. Eu acho que a gente tem tudo pela frente, assim que nosso laboratório comece a dar certo, que a gente comece a produção da larva aqui. Não precisa mais depender de ninguém. Isso aqui vai virar uma coisa de louco, vai ser o maior cultivo de toda a América Latina. Isso eu tenho certeza".

Percebe-se daí que a primeira reação de apatia, presente no início da instalação do projeto da, então, lugar a uma nova perspectiva profissional para o pescador. Desta forma, o trabalho que passa a ser desenvolvido pelo condomínio coloca como objetivos:

- o desenvolvimento socio-econômico-cultural;

- a compra em comum de insumos necessarios as atividades;
- a prestação de serviços como: transporte, beneficiamento, armazenamento, classificação, industrialização, embalagem;
- comercialização em comum;
- pesquisa voltada para a melhoria das atividades de produção;
- representação dos interesses do grupo.

Para a realização destes objetivos, o Condomínio age isoladamente e aqui devemos salientar que, ate o momento, houve pouco incentivo financeiro por parte dos órgãos governamentais. Os fundadores estabeleceram regras para receber novos associados. A regra determina que, para fazer parte do grupo, é necessario que o associado se dedique as atividades pesqueiras ou outras ligadas a ela, alem da possibilidade de tempo disponível para prestar serviços ao proprio condominio. Esta prestação de serviços ocorre atraves da limpeza das caixas de colheita das ostras já habeis para a comercialização, da transferencia das ostras conforme o tamanho. Este trabalho e executado por todo o grupo e estabelece-se aqui uma nova relação de convivencia entre seus membros, que conforme podemos verificar, divertem-se contando estórias ou dividindo suas dificuldades individuais, enquanto cumprem as tarefas. Nesta convivencia alguns individuos exercem uma maior influencia em relação aos outros, ao mesmo tempo em que os mais ponderados são consuzidos pelo próprio pensamento.

Neste processo de formação do projeto, varias situações foram vivenciadas e o que prevaleceu foi a solidificação de um grupo em torno de uma mesma ideia que hoje se tornou real: a do cultivo de ostras. Com isso os pescadores participantes manifestaram um sentimento de medo em relação à presença de novos elementos no projeto, já que isto representaria mudanças de idéias a serem verificadas e aceitas. Outra razão que também faz parte desse sentimento de medo, diz respeito à divisão dos "frutos colhidos" pelo projeto de ostricultura, pois o novo sócio não participou do periodo probatório, pelo qual passaram os demais pescadores. Periodo este, repleto de dificuldades e muito trabalho, mas que foi superado pela credibilidade e persistência no projeto. Esta credibilidade foi mantida devido ao comportamento ético que os técnicos mantiveram com o grupo de pescadores, acompanhando-os desde o assentamento dos tijolos na construção do laboratório, bem como no repasse dos conhecimentos técnicos, possibilitando desta forma a evolução e concretização do trabalho, assim fortalecendo o grupo. Estes técnicos seguiram a linha do esclarecimento, apresentando ao grupo de pescadores todas as dificuldades, limites ou avanços. Apesar de ser um projeto abstrato, sem o retorno financeiro imediato, dependendo de muita dedicação e decisões pessoais, o grupo conseguiu manter-se. Hoje, com certeza, o universo intelectual do indivíduo que participou deste programa foi amplamente melhorado.

Com esta experiência, o mundo do pescador deixou de ser apenas um barco e alguns peixes, tornando seu mundo maior, criando novas perspectivas através do mar. Podemos descrever este pensamento com

a opinião do engenheiro agrônomo Nelson da Silveira Junior:

"as perspectivas que a ostreicultura traz em seu bojo não são apenas as de cultivo, mas também de um conjunto de pequenas indústrias periféricas e não poluentes que iriam se aproveitar do beneficiamento da matéria-prima e dos subprodutos gerados.

Desta forma poderiam surgir fábricas de ostras enlatadas, defumadas, desidratadas, em molho de tomate ou em óleo, ou ainda pequenas indústrias de produção de cal, fertilizante, ração para aves e de matéria-prima para a indústria de medicamentos e de tintas, todas aproveitando-se das valiosíssimas conchas velhas". (O ESTADO RURAL, 30/08/87:05)

O aproveitamento no cultivo de ostras mostra a possibilidade que a cultura marinha tem de poder dar um salto qualitativo, fazendo do mar um meio de produção e não de exploração⁴¹. Isso substituiria a necessidade de criação de mais equipamentos, capazes de transformar a pesca industrial em um negócio de excelente rentabilidade. Atualmente os barcos pesqueiros nacionais e internacionais já dominam o território marinho com seus equipamentos sofisticados como a acústica, o radar, o sonar. Estes equipamentos têm a capacidade de marcar desde o tamanho do peixe, sua espécie, a localização do cardume com sua quantidade, tornando quase que impossível a fuga do mesmo, tamanha é a precisão.

⁴¹ A questão da preservação marinha pôde ser por nós verificada no litoral chileno durante visita àquele país. Conforme tivemos a oportunidade de conhecer e conversar com pescadores chilenos, a prática de resguardar locais próprios à atividade pesqueira, por períodos de dois a três anos, vem sendo feita há algum tempo com excelentes resultados quanto à produtividade, ou seja, o aumento das espécies marinhas entre as áreas preservadas. Isto faz com que, ao não se permitir a pesca industrial e nem a artesanal em determinadas áreas, por longos períodos, o pescador obtenha, ao final de cada ciclo de preservação, um resultado extremamente positivo quanto à captura e encontro de todas as espécies desejadas em abundância.

"Nos grandes arrastões modernos, a rede é lançada e recolhida mecanicamente, sendo a operação comandada a partir de um painel de controle do convés. Da mesma forma a posição da rede durante o arrasto pode ser corrigida a partir do painel de controle, sem necessitar a intervenção dos homens do convés. As próprias redes são tão grandes e pesadas que dificilmente poderiam ser manejadas diretamente pelos pescadores". (DIEGUES, 1983:73)

Outra técnica usada por barcos pesqueiros é a chamada "pesca de arrasto de parelha", ou seja: são dois barcos pesqueiros que se colocam um ao lado do outro, usando equipamentos avançados. Com essa técnica tudo é devastado, não escapando nem os filhotes, nem algas. Este tipo de pesca é controlado pelo IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, que nos últimos tempos não tem fornecido a licença para dar prosseguimento a este tipo de atividade. Esta modalidade de pesca é rejeitada pelo pescador, até porque ele é o maior prejudicado com ela, além de ser conhecedor das consequências ou prejuízos que ela traz a cultura marinha. O pescador artesanal de Santo António de Lisboa denuncia este tipo de pesca, bem como problemas relacionados a ela, mesmo que seja de uma maneira mais informal e isolada, sem usar os aparelhos de comunicação de massa.

A discussão do problema da pesca deve estar voltada para outro caminho, onde o mar seja a fonte de produção para os pescadores artesanais, para que estes possam beneficiar-se através de cultivos marinhos. A tecnologia deve ser ampliada como método de informação, capaz de elevar a observação e superação de visões mitológicas do pescador artesanal. Por outro lado, deve fazer com que a indústria pesqueira repense as formas de exploração até então utilizadas, bem como se submeta ao cumprimento de regras ou regulamentos

necessários a preservação da fauna marinha.

A elaboração de normas para a exploração dos recursos marinhos deve ser feita com a participação do pescador artesanal e industrial. Outro fator que diz respeito ao avanço tecnológico, está voltado à melhoria e segurança da vida do pescador artesanal, ou seja, ampliar seus conhecimentos quanto aos riscos e incertezas que ele enfrenta. Aqui voltamos a mencionar o medo, a solidão, os naufrágios, a tempestade, a fantasmagoria... Assim, havendo aquisição de uma nova postura que permita alcançar o entendimento tanto teórico como prático do mundo que o cerca, parece, ao pescador artesanal, que a solução para a atividade pesqueira se baseia num tipo de tecnologia que proporciona o bem-estar geral. Vejamos o depoimento abaixo:

"Estabelecer um programa a nível de bacia, preservando a época de criação, incentivando o pescador a achar outra saída na época da entressafra, ligada à agricultura, e quando ele voltasse a pesca teria peixe para todos. Estes programas precisam de recursos e que estejam afastados de órgãos públicos ou de partidos políticos".

Observa-se, então, que todo o processo de encaminhamento de projetos alternativos, onde se inclui a estrecultura, bem como as discussões a nível comunitário dos questionamentos individuais e coletivos, também a presença de indivíduos não nativos, com maior diferença no modo de percepção e relacionamento com o mundo: tudo isto provoca um exercício que faz com que o pescador artesanal de Santo Antonio passe a considerar, de forma bem mais ampla, seus conhecimentos, tanto empíricos quanto teóricos, levando-se a perceber as soluções de uma forma globalizada e não fragmentada em

termos de individualidades.

Em se tratando de racionalidade e conhecimento não podemos deixar de mencionar o artigo de Roy I. Jackson (1970), subdiretor geral da FAO, Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, no qual ele se preocupa com a pesca enquanto forma existente para suprir as necessidades continuamente crescentes de alimentação. O discurso por ele apresentado fundamenta-se em estatísticas sobre espécies de peixes, moluscos, apresentando algumas saídas possíveis para a pesca do século XXI. Roy I. Jackson defende a cultura marinha como fonte de recurso alimentar para a humanidade. Aqui devemos entender que administrar racionalmente o mar equivale a não aceitar simplesmente a ideia de que qualquer espécie de pesca não predativa deva ser vista como positiva e plenamente justificada. Ao contrário, a ideia assumida por Jackson é a de que deve instituir-se uma espécie de Direito Internacional da Pesca através do qual se elaborem normas não só visando à preservação das espécies, mas também a uma taxaçoão sobre o volume pescado⁴².

De qualquer maneira, não se pode pensar a atividade pesqueira enquanto ato individual, romântico, como poderia sugerir a imagem de um pescador solitário a beira do mar ou com um companheiro em um barco. A pesca enquanto deleite esportivo, ou seja, enquanto prática de lazer, provavelmente sempre fará parte do contexto vivencial dos indivíduos, tanto no mar, quanto em água doce, pelo

⁴² Este assunto é complexo e pode ser visto no texto A pesca e o Futuro: abastecimento mundial de alimentos, in: A pesca seus recursos e interesses nacionais, BILLY J. RUTSCHILL - Coord., 1975:21-22.

menos até quando houver peixe. No entanto, nosso objetivo de estudo localiza-se na atividade pesqueira enquanto prática econômica, enquanto forma de sustento e de fornecimento de alimento.

Segundo um depoimento tomado a um dos pescadores da comunidade de Santo Antônio:

"A racionalidade deveria tomar conta da pesca, não se deixando levar pelo sentimento, porque o amor faz você virar bicho, ficar à margem da sociedade, para ter um pouco de sossego".

Aprendemos através dessas palavras que o pescador tem consciência de que sua ligação alegórica ou fantasmagórica com o mar é algo que deve pertencer ao passado. Agora, o que importa é a utilização da razão, sob diferentes formas: preservação do meio-ambiente, utilização de tecnologia, racionalização de projetos, tal como ocorre no caso da ostreicultura. Forem, a relação do pescador artesanal de Santo Antônio com a razão imposta pela modernidade não flui de maneira simples, isenta de lembranças das tradições de uma época abundante tanto a nível espiritual e cultural (a fé religiosa, as festas, cantigas e brincadeiras tradicionais) como a nível econômico (abundância de pescado).

Por fim, diante das intercorrelações com que se defronta o pescador artesanal das comunidades ilhoas, o indivíduo em Santo Antônio está mais apto para o discernimento das questões ecológicas, políticas, econômicas e sociais a ele relacionadas. Tal fato ocorre justamente por todo o exercício da racionalidade que foi necessário para vivenciar as realizações coletivas que contribuíram para o processo de emancipação humana. Mas, é importante que tenhamos em mente que o exercício dessa

racionalidade somente tornou mais completo o saber do homem em Santo António, na medida em que este individuo soube também resguardar com carinho o seu passado de fé, de magia, de alegria, de sonhos. Isto porque, a transformação pela qual passa Santo António se deu e se dá em pequenas rupturas, não havendo, assim, uma passagem violenta do antigo para o novo. Tal fato permite à comunidade local defender o seu acervo de tradição cultural, que aliás é, talvez, a sua característica mais significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada leitura que fazemos, a cada frase formulada, a cada pensamento concluído, sentimos receio. Receio pelas diversas formas de interpretação que podem ser dadas. Por outro lado, sabemos que este trabalho não está apresentando nenhuma novidade, nem pretendia fazê-lo. Ao mesmo tempo, embora obviamente não se questione seu sentido, não nos detivemos em análises mais teóricas.

Quanto ao objeto de estudo, estamos ciente do fato de a pesca artesanal ter merecido nos últimos tempos atenção por parte de estudiosos de várias áreas. A bibliografia já é significativa; nela vemos leitura puramente quantitativa, outras privilegiam o aspecto econômico, outras defendem a conservação pura e simples da artesanidade do trabalho do pescador, outras ainda sustentam a extinção do pescador artesanal. Conforme se verificou no resultado do nosso estudo, não o consideramos enquadrável em nenhuma destas tendências, embora isso não signifique rejeição total das leituras já feitas. Procuramos representar como a comunidade de Santo Antônio de Lins, se vê, como ela vive com suas contradições inconscientes, com seus conflitos mais ou menos conscientes. Digamos que se trata da organização do senso comum. E como tal não se presta a questionamentos ao que já se escreveu e também a ser analisada como assistências sociais ou não, costumam

intervir na vida de comunidades similares a que estudamos. Pudemos conviver com muitas pessoas, discutir com elas, ouvi-las, perceber seus traumas, sua dificuldade em aceitar e compreender a rapidez das mudanças no mundo e as conseqüências disso na sua comunidade enquanto as bruxas ainda continuam vivas.

É com este objetivo de discutir uma situação em sua riqueza multiforme que fizemos o trabalho, sempre atento para não "matar a vida" que se manifestava. É este o sentido do título que demos: "o pescador tecendo a sua própria rede". Fizemo-lo para satisfazer uma curiosidade, mas com angústia, por nos sentirmos, como assistente social, realizando uma prática profissional sem resultados positivos. Vamos trabalhar sem que a comunidade peça a nossa presença. E vamos com a "missão" de intervir, fazendo-o pois sempre de forma unilateral. Com isso, acumulamos questionamentos, frustrações ou simplesmente o desencantamento por não termos compreendido os entremeados dos valores, dos conceitos, da visão de mundo, ou o conteúdo cognitivo existente na experiência do pescador artesanal.

As dúvidas que, com o passar do tempo, foram se acumulando tornaram os assistentes sociais assistentes de uma decadência nos usos e costumes de um grupo humano que tenta sobreviver a entrada e saída de valores advindos do que se denomina "sociedade moderna", ao mesmo tempo em que sabemos que este processo é irreversível. Contudo, não podemos continuar na plateia. Necessitamos rediscutir a nossa prática dando importância a sensibilidade que esta manifesta nos mitos, nos deuses, nos poetas, nos gestos simples, nas festas, na rotina cotidiana, ou simplesmente nos indivíduos com

menos máscaras e mais conhecedores de seus desejos.

O que apresentamos, a maneira como fizemos talvez seja incomum na vida acadêmica, tão preocupada, justamente em discutir, questionar teorias, mas correndo o risco de perder um pouco o significado da existência humana. Aqui valeria a pena lembrar a observação de Gramsci: o povo em geral sente, mas não compreende; o intelectual em geral compreende, mas não sente. Nós procuramos compreender, mas também procuramos sentir o sentimento e o conhecimento que a comunidade tem de si.

Além da insegurança contamos com outro fator negativo: a dificuldade de expressão de um assistente social, entre o agir e o pensar, percebendo a contradição, mas faltando subsídios para melhor compreendê-la e expressá-la. Portanto, objetivamos maiores conhecimentos na área de Ciências Humanas (Filosofia, Psicologia...), para tentar uma aproximação do esclarecimento teórico-prático, do esclarecimento comunicativo, onde a informação seja alvo para nova interpretação, simplificando a prática do assistente social que deve estar voltada ao processo de aprendizagem, considerando os aspectos objetivos e subjetivos da vida humana, para que as decisões a serem tomadas sejam de cunho ético, e estruturadas tanto no estado de dominação, como no de liberdade, projetando os objetivos a serem atingidos no futuro (cf. STEBENEICHLER, 1990:12).

O conteúdo por nos apresentado neste trabalho de dissertação não objetiva promover o retorno ao primitivismo de uma vida onde o peixeiro se contente em apenas obter o pescado necessário para a sua sobrevivência e, culturalmente, expressar seu passado de

tradições através da religiosidade, dos festejos, das cantigas, das brincadeiras, do artesanato. Por outro lado não projetamos, tampouco, a supervalorização do tecnicismo produtivo que, sem dúvida, é um valor quase que universal na sociedade moderna. Pensamos que a tecnologia pode e deve interessar ao pescador artesanal, sem, no entanto, descaracterizá-lo em seus costumes e valores provenientes de alguns séculos de tradição cultural.

Para nossa análise procuramos não partir de uma única causa, fosse ela econômica, social ou política, mas consideramos, sem dúvida, toda a trajetória histórica da comunidade de Santo Antônio como elemento indispensável para a compreensão da realidade presente entre os indivíduos que ali vivem. E, aqui, situa-se o cotidiano, que se compõe de atitudes, encontros e desencontros, paixões, rupturas e, acima de tudo, de um forte desejo de expressar e concretizar os sentimentos e os sonhos.

Segundo o pensamento de Eliade (1967:196), a penetração no universo espiritual do homem contribui para o progresso do conhecimento geral da humanidade. Assim, para nós, neste estudo, através das danças, das estórias, das brincadeiras, da fabricação de rendas, anzóis, redes... a história de Santo Antônio pode ser identificada. São expressões de alegria, de tristeza, de saudade, de violência, de amor, de desejo de transcender o próprio tempo através da conquista e superação das dificuldades encontradas pelo açoriano na nova terra.

Atualmente a cultura açoriana está principalmente presente nas gerações mais antigas e podemos afirmar que a maioria dos jovens pouco conhecem sobre a história dos seus ancestrais. Este

rompimento com o passado ocorreu de forma bastante acelerada, nas ultimas duas decadas, quando muitos jovens buscaram alternativas de trabalho no comercio e no serviço público da comunidade.

A modernidade trouxe consigo valores novos, alguns deles muito benéficos (facilidades tecnológicas), outros, porém, nem tanto. O homem é produto de seus antepassados, ele é herdeiro de uma cultura. Mesmo sem ter condições de cultivar sua tradição, ou, mesmo querendo aboli-la definitivamente, o processo de substituição de valores é muito difícil, pois, nele o individuo promove negações e repressões que estão ligadas a sua própria alma. Considerando este aspecto, compreendem-se os motivos que levam os individuos a se cercarem de mitos, mesmo, vivendo na era moderna, uma vez que a fantasmagoria, por exemplo, acompanha a história cultural de um povo e toma parte ativa no universo do cotidiano de uma quantidade significativa de pessoas.

Decorre de nossa análise, que o saber do pescador artesanal em Santo Antonio, vinha sendo elaborado um pouco distante do uso da razão instrumental, mantendo-se primordialmente enquanto experiencia do cotidiano, tanto a nível do real como do imaginário. A exemplo disso, podemos recorrer a Festa do Divino como elemento capaz de nos fazer entender que, movidos pela fé, os individuos transferem para o imaginário religioso a concretização do real.

Assim, participar religiosamente de uma festa implica sair da duração temporal ordinária para se reintegrar no tempo mítico reatualizado pela própria festa. A festa periódica proporciona o encontro com o tempo sagrado, e, enquanto este tempo se manifestou na festa do ano anterior ou na de um século atrás, nela uma

comunidade estabelece a sua identidade construindo a mesma historia das gerações anteriores. Atraves da tradição, se faz e se conserva a memoria cultural. O tempo e criado e santificado por um Deus que tem suas raizes na história, que reatualiza os seus sentimentos; seguindo gestos exemplares, busca-se viver um estreito contato com este Deus, e neste contato dá-se o encontro entre os membros da comunidade (cf. ELIADE, 1967:70-71).

Dediz-se, então, que o saber, para o individuo por nós analisado, dá-se, de um lado, principalmente enquanto acumulo de experiências, tanto a nível simbólico, mitológico e mágico, bem como a nível técnico-racional, oriundas da prática cotidiana legada pelas informações passadas de geração a geração. Por outro lado, este mesmo saber se altera, pela incursão do novo, que apresenta ao pescador artesanal um universo de informações que, tanto podem oferecer maiores subsidios para o enfrentamento das alternativas apresentadas pela sociedade moderna, como também podem significar uma descaracterização cultural.

Sabemos hoje que há uma tendencia para que se torne cada vez mais difícil a persistência de modelos diferentes de cultura, obrigando-se gradualmente a que todos os grupos humanos tenham as mesmas aspirações, os mesmos interesses, as mesmas aspirações, os mesmos interesses, as mesmas idéias, subjugando-os as regras de um mesmo jogo de mercado. Assim, a um processo cada vez mais irresistível para que sejam iguais não só os hábitos de produção e consumo de bens materiais, mas também as formas de desejar e de pensar. Aos poucos, o criterio de "verdade" deixa de ser o do proprio grupo, e passa a ser o de um mundo "universal".

Apesar disso, sabemos que a sociedade humana não segue um caminho unico, pelo menos enquanto se tem em conta as histórias passadas das comunidades, como é o caso em nosso estudo. A memória permanece. Uma racionalidade puramente instrumental não é o caminho para a redenção e esquecimento de uma identidade própria que se manifesta através de ações coletivas que têm a sua origem no dia-a-dia. Apresentamos, assim, a questão cultural sob esta ótica, dentro do dualismo razão-paixão, segundo o qual o indivíduo em questão, ao mesmo tempo em que não se mantém distante do que a modernidade propõe (muitas vezes, deixando-se afetar no próprio âmago de sua essência quando vê, por exemplo, a escassez de peixe oriunda da poluição e da depredação, os filhos a buscarem trabalho na cidade, as filhas a mirarem-se no exemplo da mulher turista ou das atrizes de televisão...), também ainda consegue assegurar a autenticidade de uma cultura própria - no caso, a açoriana - através de sua religiosidade e de sua manifestação artística nos folguedos e brincadeiras, e através da conservação de um modo de viver e de olhar as coisas.

Assim, em nosso trabalho, procuramos mostrar o universo de uma comunidade que tem, em última análise, na pesca artesanal a sua origem. E, dentro de uma perspectiva filosófica que indique que a forma mais verdadeira de se compreender o indivíduo é através do conhecimento de seu cotidiano, esperamos ter aqui contribuído para que a comunidade de Santo António de Lisboa, seja melhor entendida diante de seu ideal de querer manter-se viva enquanto expressão de uma cultura que, embora sentimentalmente ligada a um passado de tradições, sofre a constante influência dos valores modernos.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Cleidi. Articulação de localidades periféricas com a vida urbana: O exemplo de uma área de pescadores. In: Anais do Museu de Antropologia. Florianópolis, UFSC, Ano XVII e XVIII. n. 18, Dez. 1989, pp. 5-25.
- ALEXANDER, Jeffrey C. O novo movimento teórico. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, Vol 2, n. 4, Junho/1987, pp. 5-28.
- ANDERY, A. Alberto. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: Psicologia Social: o homem em movimento. Org. Silvia T. M. Lane e Wanderley Cado. 8. Ed., São Paulo, Covilização Brasileira, 1984, pp. 16-47.
- ARQUIVO MORTO DO CONSELHO COMUNITÁRIO DE SANTO ANTÔNIO, Florianópolis, 1981. Texto mimeo.
- ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA PESQUEIRA DE SANTA CATARINA, PLANO DE TRABALHO, Florianópolis, 1990. Texto mimeo.
- O Auto do Boi. Estudo. Myrian Conceição Dias Beltrão - Parecer - A. Seixas Netto. In: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. n. 34, Dez. 1981, pp. 76-80.
- BARROS, Edy Alvares Cabral. A freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio 1814 a 1910: a sua transição demográfica. Florianópolis, UFSC, 1979, Dissertação de mestrado em História. Texto mimeo.
- BAUDRILLARD, Jean. A sombra das maiorias silenciosas o fim do social e o surgimento das massas. Trad. Suely Bastos. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BECK, Anamaria. Lavradores e pescadores. Um estudo sobre o trabalho familiar e o trabalho acessório. Florianópolis, 1979. Texto mimeo.

- "Um trabalhinho a toa": a produção e a comercialização da renda-de-bilro e suas implicações para a economia familiar. Florianópolis, UFSC, Relatório de pesquisa, 1982.
- Trabalho limpo. A renda-de-bilro e a reprodução familiar. Florianópolis, UFSC, 1983.
- A utilização dos recursos do mar através da história. In: O mar e seus recursos. Coord. Blanca Sierra de Ledo. Florianópolis, UFSC, 1980.
- BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moraes e Ana Maria L. Fariatti, 6. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- BONIN, Anamaria A. A pesca e seus trajetos; um estudo dos pescadores artesanais do canto da praia de Itapema, S.C. São Paulo, PUC, 1984. Tese de doutorado em Antropologia. Texto mimeo.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O divino, o santo e a senhora. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1978.
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. Cultura e o folclore - bases científicas do folclore. Florianópolis, Ed. Da Comissão Catarinense do Folclore, 1954.
- Os acorianos. In: Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1950, pp. 7-155.
- CARUSO, Raimundo C. (org). Franklin Cascaes: vida e arte e a colonização açoriana. Florianópolis, UFSC, 1989.
- CASCUDO, Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro, Edições Ouro, 1954.
- CORBIN, Alian. O território do vazio, a praia e o imaginário ocidental. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

CÓRDOBA, Raquel Vieira. "Ficar em terra". O processo de migração de profissionais da pesca. Florianópolis, UFSC, 1986. Tese de mestrado em Ciências Sociais. Texto mimeo.

CULTIVO DE OSTRAS. Acordo de cooperação técnica entre a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Centro de Ciências Agrárias - CCA e a Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina - ACARESC. Florianópolis, 1990.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Entre o mar e a terra - tempo e espaço da pesca em Barra da Lagoa. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, PUC, São Paulo, 1987. Texto mimeo.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana. Pescadores camponeses e trabalhadores do mar. São Paulo, Ática, 1983.

DOIS ESTUDOS SOBRE A PRESENÇA ACORIANA EM SANTA CATARINA. Florianópolis, Conselho Estadual de Cultura, 1987.

DREUMONT, Daniel. Cooperativismo pesquero artesanal en Francia: Un modelo de organizacion para el sector. La Caleta, Chile, Andromeda, Nº 8, Abril 1991, pp. 10-18.

ELIADE, Mircea. Lo sagrado y lo profano. Trad. Espanhola. Madrid, Guadarrama, 1967.

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DO BAIRRO DE SANTO ANTONIO DE LISBOA. Florianópolis, 1987.

FEDERACION PROVINCIAL DE PESCADORES DE CHILOÉ: Chile: pescadores y tecnicos analizan desarrollo costero integrado. La Caleta, Chile, Andromeda, Nº 8, Abril 1991, pp. 22-26.

FIGUEIREDO, Adriane Okada. Igreja de 2 séculos reza por socorro. O Estado, Florianópolis, Nº 13, 05 de agosto de 1990, Cad. Maganize, p. 11.

FINKIELKRAUT, Alain. A derrota do pensamento. Trad. Mônica Campos de Almeida. 2. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1989.

FURTADO, Lourdes G. Os caboclos pescadores do baixo Rio Amazonas e o processo de mudança social e econômica. In: Coletânea de Trabalhos Apresentados no 2º Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. Org. Antônio Carlos Rodrigues e Renato Rivabem Sales, São Paulo, 1988, pp. 180-203.

FOUCAULT, Michael. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado, 8. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1989.

GEUSS, Raymond. Teoria crítica. Habermas e a escola de Frankfurt. Trad. Bento Itamar Borges. São Paulo, Papyrus, 1988.

GINZBURG, G. Carlo. O queijo e os vermes. Trad. Antonio da Silveira Mendonça. 3. ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

GUATTARI, Felix. Revolução molecular: pulsões políticas do desejo. Trad. Suely B. Rolnik. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

HABERMAS, Jurgen. Conhecimento e interesse. Trad. José N. Heck e Gustavo Bayer. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.

----- Ciências sociais reconstrutivas versus ciências sociais compreensivas. In: Consciência moral e agir comunicativo. Trad. Guido A. de Almeida. Tempo Brasileiro, 1989, pp. 37-60.

HELLER, Agnes. Para mudar a vida. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Brasiliense, 1982.

----- Teoria de las necesidades en Marx. Trad. Espanhola. Barcelona, Península, 1978.

----- O cotidiano e a história. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

----- Democracia formal y democracia socialista. In: Centro Latinoamericano de trabajo social. Lima. Nov. 1988. pp. 79-94.

- Los movimientos culturales como vehículo de cambio. In: Centro Latinoamericano de trabajo social. Lima, Nov. 1988, pp. 95-108.
- HOMRICH, Sergio. Ostras: nova opção para os pescadores da Ilha. O Estado, Florianópolis, 30 de agosto de 1987, pp. 9.
- Ilha de Santa Catarina: relato de visitantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Org. Martin Afonso P. de Haro. 3. ed. Florianópolis, UDESC - Lunardelli, 1990.
- JUNIOR, Nelson Silveira. A pesquisa de ostras no estado. O Estado Rural. Florianópolis, Ano VIII, Nº 367, 24 de abril de 1967, pp. 4-6.
- LABERGE, Jaques. As naturezas do pescador. In: Coletânea de Trabalhos Apresentados no 2º Encontro de Ciências Sociais e o Mar do Brasil. Org. Antônio Carlos Diegues e Renato Rivabem Sales. São Paulo, 1988, pp. 236-258.
- LACERDA, Eugenio Pascale (Org). A farra do boi: instrução ao debate, Florianópolis, IOESC, 1990.
- LAGO, Mara Coelho de Souza. Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário. Florianópolis, 1983. Texto mimeo.
- LECHNER, Norbert. Un desencanto llamado posmodernidad. In: Documento de Trabajo, Nº 369, FLACSO, Santiago de Chile, 1988, pp. 25-31.
- ? Que significa hacer política ? In: Centro Latinoamericano de Trabajo Social. Lima, Nov. 1988, pp. 109-128.
- MALDONADO, Simone C. Pescadores no mar, São Paulo, Ática, 1986.
- No mar: conhecimento e produção. In: Coletânea de Trabalhos Apresentados no 2º Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. Org. Antonio Carlos Diegues e Renato Rivabem de Sales. São Paulo, 1988. Texto mimeo, pp. 260-293.

- MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva. Trad. Aluizio Ramos Trinta. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- MALUF, Sônia Weichner. Encontros perigosos: análise antropológica de narrativas sobre bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Florianópolis, UFSC, 1989. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Texto mimeo.
- MENEGASSO, Maria Ester. A prática do assistente social no serviço de extensão de pesca em Santa Catarina. Porto Alegre, PVC, 1989. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Texto mimeo.
- MIRIAN, Lilian Argentina B. O pescador artesanal do sul. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1980.
- MORIN, Edgar. O método 3. O conhecimento do conhecimento /1. Trad. Portuguesa. Lisboa, Publicações Europa - América, s.d.
- NUNES, Lélia Pereira da Silva. Festa do divino espírito santo. Resgate de uma tradição. In: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, Ano XXVI, n. 39, Dez 1988, pp. 22-33.
- PAVÃO JR., José de Almeida. Aspectos do cancionário popular açoriano. Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1981.
- PECANHA, E.G.F. Os companheiros - o trabalho na pesca em Itaipu. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Texto mimeo.
- PEREIRA, Nereu do Vale. Festividade do divino espírito santo - origem. In: Boletim Catarinense de Folclore. Florianópolis, UFSC, Ano XXI, n. 35-36, Dez 1983, pp. 26-27.
- PIAZZA, Walter F. & HUBENER, Laura Machado. Santa Catarina: História da Gente. 2º Grau e Pré-Vestibular. 3. ed. Florianópolis, Lunardelli, 1989.
- PROJETO CULTIVO DE OSTRAS EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA. Florianópolis, 1987. Texto mimeo.

- PROJETO DISSEMINAÇÃO SELETIVA DE INFORMAÇÕES E CONHECIMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO OCUPACIONAL DE COMUNIDADE. Florianópolis, 1987. Texto mimeo.
- RESULTADO DOS DADOS COLETADOS NA FICHA SÓCIO-ECONÔMICA DA COMUNIDADE DE SANTO ANTÔNIO DE LISBOA. Florianópolis, 1987. Texto mimeo.
- ROTHSCHILD, Brian J. (Coord.) A pesca. Trad. Aydano Arruda. São Paulo, IBRASA, 1975.
- ROUANET, Sérgio Paulo. ética iluminista e ética discursiva. In: Vários. Jürgen Habermas: 60 anos. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, Julho-Setembro 1989, pp. 23-78.
- A razão cativa. As ilusões da consciência: de Platão a Freud. 2. ed. São Paulo. Brasiliense, 1987.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Nova história de Santa Catarina. 2. ed. São Paulo. Autor, 1977.
- SIEBENEICHLER, Flávio B. Encontros e desencontros no caminho da interdisciplinaridade: G. Gusdorf e S. Habermas. Tempo brasileiro 98 Jürgen Habermas: 60 anos. Rio de Janeiro, Julho-Setembro 1989, pp. 153-179.
- Jürgen Habermas razão comunicativa e emancipação. Tempo brasileiro, 2. ed. Rio de Janeiro, 1990.
- SILVA, Célia Maria. Gaúchos (SC) ascensão e decadência da pequena produção mercantil e pesqueira. Dissertação de Mestrado em UFSC. Florianópolis, 1990. Texto mimeo.
- SILVA, Luiz Geraldo (Org). Os pescadores na história do Brasil, Vol. I Colônia e império. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.
- SILVEIRA, Claudir. A folia de reis. In: Boletim da comissão catarinense de Folclore - Fundação Catarinense de Cultura, nº 37/38. Ano XXIII, Dez. 1985, pp. 26-30.

SOARES, Doralécio. Folclore brasileiro - Santa Catarina. Rio de Janeiro, ed. FUNARTE, 1979.

----- Boi-de-mamão catarinense. Florianópolis, Lunardelli, 1978.

----- Rendas e rendeiras da ilha de Santa Catarina. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1987.

SOARES, Iaponan (Org) Santo Antonio de Lisboa vida e memória. Florianópolis, Franklin Cascaes, 1990.

SOUZA, Luis Carlos de. Maralto - relato de uma pesca perigosa. Rio de Janeiro, civilização brasileira, 1976.

VARZEA, Virgílio. A ilha. Florianópolis, Lunardelli, 1985.